



# CASA RURAL E PLANEJAMENTO NA AMÉRICA LATINA

o curso do CINVA em Viçosa/MG, 1958



Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço Técnico de Biblioteca  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Barsoumian de Carvalho, Beatriz  
CASA RURAL E PLANEJAMENTO NA AMÉRICA LATINA: o curso do  
CINVA em Viçosa/MG, 1958 / Beatriz Barsoumian de Carvalho;  
orientador Nilce Aravecchia Botas. - São Paulo, 2021.  
234p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura  
e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade de São Paulo.

1. Casas Rurais. 2. Planejamento Territorial. 3. Brasil.  
4. América Latina. I. Aravecchia Botas, Nilce, orient. II.  
Título.

# CASA RURAL E PLANEJAMENTO NA AMÉRICA LATINA

## o curso do CINVA em Viçosa/MG, 1958

Trabalho Final de Graduação

Beatriz Barsoumian de Carvalho  
Orientado pela Dr<sup>a</sup> Nilce Aravecchia Botas

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo

dezembro 2021



## Resumo

Este trabalho tem como objetivo central pensar a questão rural na América Latina tomando como partida a atuação do Centro Interamericano de Vivenda e Planejamento (CINVA). Para tanto, o recorte proposto é o de análise de um curso promovido pelo Centro em parceria com a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), no ano de 1958 na cidade de Viçosa/MG. O Curso Regional de Vivenda Rural no Brasil parece ter sido pioneiro para as duas instituições, uma vez que não só é a primeira iniciativa do CINVA para além do território colômbiano, como também é um importante avanço para a formação de técnicos em habitação rural em solo brasileiro. A pesquisa busca pensar através da perspectiva transnacional a atuação dessas instituições e dos profissionais envolvidos no âmbito do planejamento regional e da casa rural na América Latina, considerando a importância do tema dentro de um contexto de crescimento urbano. Ainda através dos atores participantes neste debate, é possível mapear uma rede interamericana de profissionais e ideais, com o enfrentamento do tema de maneira interdisciplinar e latino americana.

palavras chave: casas rurais, planejamento territorial, Brasil, América Latina

## Abstract

This research is focused on the analyses of the rural issue in Latin America through the work of the Inter-American Housing and Planning Center (CINVA). For this, it is proposed to study a specific event organized by the center and the Brazilian institution ABCAR (Brazilian Association of Credit and Rural Assistance). The event, which took place in the city of Viçosa/MG, seems to be pioneer because it is the first course held by CINVA outside Colombia, and because it is an important advance in the debate on rural extension in Brazil. The work seeks to think through a transnational perspective the performance of these institutions and professionals involved in regional planning and rural housing in Latin America, considering the importance of the topic within a context of urban growth. The study also makes it possible to map an inter-American network of professionals and ideals, dealing with the issue from an interdisciplinary and Latin American perspective.

key words: rural houses, territorial planning, Brazil, Latin America



## agradecimentos,

à Nilce, pela generosidade em compartilhar seu conhecimento comigo, pelas conversas e ajudas sempre muito importantes e principalmente por ser um exemplo de mulher e pesquisadora que me guia.

aos meus pais, Rosemay e Ivo, por nunca deixarem faltar amor na minha vida, por me escutarem e sempre estarem ao meu lado. Ao meu irmão, Arthur, pela amizade e companheirismo e pelas risadas que sempre melhoram meu dia. Eu amo vocês!

à Ana Catro e ao Rodrigo de Faria pela gentileza de aceitarem participar deste momento.

aos meus amigos, Luísa, Cesinha, Dani e Vitória, por tornarem essa jornada mais leve. Aos meus amigos de faculdade que me proporcionaram os melhores momentos durante esses anos, em especial minhas duas parceiras que levo para vida toda: Claudia e Jayne.

aos meus colegas do CACAL, que mostram a riqueza de um trabalho construído de forma conjunta. Em especial, à Fabi, pela amizade e por sempre me ajudar quando preciso.



## Lista de abreviaturas e siglas

ABCAR - Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural

ACARES - Associação de Assistência e Crédito do Espírito Santo

ACAR-MG - Associação de Crédito e Assistência Rural de Minas Gerais

AIA - International Association for Economic and Social Development

ANCAR - Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural

BB - Banco do Brasil

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina

CIES - Conselho Interamericano Econômico e Social

CINVA - Centro Interamericano de Vivenda e Planejamento

CNA - Confederação Nacional de Agricultura

CRB - Confederação Rural Brasileira

EMBRATER - Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural

ESAV - Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa

ESCD – Escola Superior de Ciências Domésticas

ETA - Escritório Técnico de Agricultura

FAO - Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação

FCP - Fundação Casa Popular

IBEC - Cooperação Internacional de Economia Básica

ICT - Instituto de Crédito Territorial

IICA - Cooperação Internacional de Administração

INIC -Instituto de Imigração e Colonização

OEA - Organização dos Estados Americanos

ONU - Organização das Nações Unidas

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

SNA - Sociedade Nacional de Agricultura

SRB - Sociedade Rural Brasileira

SSR - Serviço Social Rural

SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UNAL - Universidade Nacional da Colômbia

UREMG – Universidade Rural do Estado de Minas Gerais



Introdução .....	13
 <b>1. A América Latina e o CINVA</b>	
1.1.Contexto Latino Americano .....	29
1.2.Contexto Colombiano .....	33
1.3. A criação do CINVA .....	38
1.4. Documentação do CINVA .....	43
1.5. O CINVA em números .....	48
 <b>2. Antecedentes do curso de Viçosa</b>	
2.1. Contexto rural brasileiro .....	65
2.2. A questão rural: um problema multidisciplinar e também assunto para mulheres .....	73
2.3. Organização do Curso .....	96

 <b>3. A Casa rural no centro do debate</b>	
3.1.Palmital e Padre Nosso .....	105
3.2. Diálogo entre extencionista e campesino .....	116
3.3. Aspectos Construtivos .....	126
3.4. Espacialidade da casa rural .....	144
3.5. Construção de uma Casa experimental e projetos adjacentes .....	157
 <b>4. Trajetórias</b> .....	
4.1.Albano, Fals Borda e Vautier .....	190
4.2. Missão 39 e outros desdobramentos .....	204
 <b>Considerações Finais</b> .....	215
 <b>Bibliografia</b> .....	222



# Introdução

<sup>1</sup> Documento final do Seminário de Técnicos Funcionários em Planejamento Urbano, onde foram reunidos os principais debates desenvolvidos no evento, em forma de diretrizes e metodologia para o planejamento das cidades latino americanas. No Brasil o documento foi publicado como "Carta dos Andes", traduzido para o português em 1960 pelo então estudante da FAU-USP Gustavo Neves da Rocha, e com o prefácio de Anhaia Melo, cuja atuação e reconhecimento nos meios técnicos de planejamento certamente contribuiu para a ampla circulação do volume.

O presente trabalho insere-se em um esforço coletivo de diversos pesquisadores que buscam olhar a história da arquitetura, da habitação e do planejamento urbano no Brasil em perspectiva latino-americana. No âmbito da FAU-USP, a pesquisa se incorpora aos estudos do Grupo Cultura Arquitetura e Cidade na América Latina (CACAL), dialogando com outros trabalhos que tratam de temas mais ou menos relacionados a esta investigação, no sentido de construir redes colaborativas para a formação de referenciais documentais, conceituais e teóricos comuns.

A temática aqui trabalhada é um desdobramento do projeto iniciado no âmbito da Iniciação Científica, que buscou entender a atuação do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA), com foco específico em um evento organizado pela instituição: o *Seminário de Técnicos e Funcionários em Planejamento Urbano*, que ocorreu em Bogotá no ano de 1958. A pesquisa não só revelou algumas das temáticas trabalhadas pelo Centro e seus profissionais no âmbito de planejamento e desenvolvimento na América Latina, como apontou para um importante papel do Brasil no debate. Dessa forma, o país não só parece contribuir para as discussões desenvolvidas no Seminário, como também mostra-se grande receptor das ideias do evento, principalmente através da chamada Carta dos Andes<sup>1</sup>.



Tanto o CINVA quanto o Seminário são exemplos de elementos da “produção da cidade latino americana”, conforme desenvolvida por Adrián Gorelik<sup>2</sup>:

*“Durante períodos específicos da história, a idéia de "cidade latino-americana" funcionou como uma categoria do pensamento social, como uma figura do imaginário intelectual e político em vastas regiões do continente e, como tal, pôde ser estudada e puderam ser reconstruídos seus itinerários conceituais e ideológicos, suas funções políticas e institucionais, em cada uma das conjunturas específicas da região.*

*É nesse sentido que este trabalho defende que a "cidade latino-americana" se "produziu" como construção cultural. Ela existiu enquanto houve vontade intelectual de construí-la como objeto de conhecimento e ação, enquanto houve teorias para pensá-la, e atores e instituições dispostos a tornar efetiva essa vocação.”* <sup>3</sup>

<sup>2</sup> GORELIK, Adrián. A produção da “cidade latina- americana”. Tempo Social- Revista de Sociologia da USP, vol.17, n.1, 2005

<sup>3</sup> Ibid. , p.112

Dessa forma, busca-se entender o papel do Brasil dentro dessa produção, adotando como caminho principal, a identificação de profissionais e instituições presentes nesse processo, e como os mesmos realizavam esses debates em eventos ou cursos ministrados na América Latina. O trabalho de Iniciação Científica acabou apontando para alguns desses caminhos possíveis e uma temática parece despontar como crucial na época: a noção de um planejamento regional integrado. A ideia de um planejamento que abarcasse não só a questão urbana mas também a rural aparece na Carta dos Andes, mas se fez muito evidente nos estudos e programas do CINVA, animando para uma investigação em solo brasileiro.

A partir desse mote, este trabalho inicia-se tomando como objeto de estudo o Curso Regional de Vivenda Rural (CRR) na Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, realizado em 1958 através de uma parceria entre o CINVA e a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). O evento parece não só ter sido pioneiro na instituição interamericana, como também foi ao encontro de um campo de discussão que a pesquisa revelou já muito fértil em solo brasileiro na época.

A proposta de aproximação à temática rural ainda anseia por suprir uma lacuna acerca do tema no âmbito da arquitetura e do urbanismo. O debate em torno de um planejamento integrado aparenta perder força, principalmente a partir da década de 1970, e o cenário atual apresenta uma ideia de organização territorial que afasta totalmente o urbano do rural. Mesmo o pensamento da cidade através de um prisma latino-americano também parece perder fôlego, como demonstra o apagamento da própria atuação do CINVA.

Acerca da questão, Paez<sup>4</sup> interpreta esse vazio à atenção dada pela historiografia para problemas políticos e econômicos macro-estruturais, que deixaram em segundo plano temas específicos como a cooperação internacional e a transferência de tecnologia local. Gorelik<sup>5</sup> também argumenta que no mesmo período pós 1970, a cidade e o planejamento urbano, antes vistos como peças-chaves para o desenvolvimento, perdem a credibilidade, assim como o seu principal agente, o Estado.

O mesmo vazio parece ocorrer em solo brasileiro, uma vez que quando se intensificam as pesquisas no campo da história do urbanismo no país, ela já se conforma deslocada desse pensamento mais amplo sobre a cidade

<sup>4</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de Historia da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002

<sup>5</sup> GORELIK, Adrián. A produção da “cidade latina-americana”. Tempo Social-Revista de Sociologia da USP, vol.17, n.1, 2005

<sup>6</sup> FARIA, Rodrigo de. O urbanismo e os urbanistas na história urbana brasileira: percursos e perguntas para pensar a história urbana na América Latina. São Carlos, Revista Risco, vol.4, número 2, dez., 2016.

latino-americana e a própria ideia de América Latina, voltando-se mais para trajetórias profissionais ou estudos de casos de planos e de cidades, priorizando interlocuções no âmbito do país ou estabelecendo diálogos com visões europeias e norte-americanas <sup>6</sup>. Pensar como os temas planejamento integrado e cooperação latino-americana perdem força também é em si uma questão historiográfica, sobre a qual, em partes, essa pesquisa procura responder.

Revisitar a temática do planejamento regional através da perspectiva rural também responde a uma ausência sentida durante a graduação na faculdade de arquitetura e urbanismo. As noções trabalhadas na Carta dos Andes, como os processos participativos, o reconhecimento da realidade das cidades latino-americana como base para o planejamento, e a mudança de paradigma em relação às áreas de habitação precária com o desenvolvimento de políticas de urbanização de assentamentos, em muito ressoam nos debates disciplinares, mas as abordagens priorizam as formações urbanas e quase desconsideram o ambiente rural.

A pesquisa revelou que a questão campesina já era pauta no ensino



de arquitetura no período de realização do curso, com o defesa do arquiteto argentino Ernesto Vautier acerca da necessidade de formação de arquitetos com uma “mentalidade rural”, o que fazia total sentido uma vez que, apesar do crescimento exponencial das centros urbanos na época, a maioria a população dos países da América Latina ainda se localizava no campo. Desse modo, questionamos a interpretação de Gorelik<sup>7</sup>, que avalia ter havido uma inflexão “anti-urbana” nos debates do planejamento na América Latina. Trata-se aqui de um esforço para pensar como as realidades locais, tanto quanto as diretrizes de futuro, pautavam a atuação dos agentes envolvidos na formação disciplinar.

Vale ainda ressaltar, que o êxodo rural ia muito além da falta de habitação no campo, bem como havia muitas aproximações entre a realidade da população campestre e aquela recém-chegada às cidades. O curso de Viçosa aponta para uma casa rural que em muitos aspectos aproximasse do olhar que se construía sobre a favela no ambiente urbano, seja nas condições de precariedade, nas formas de construir (como a auto-ajuda e autoconstrução), ou mesmo nos materiais utilizados pelas populações mais

<sup>5</sup> GORELIK, Adrián. A produção da “cidade latina-americana”. Tempo Social-Revista de Sociologia da USP, vol.17, n.1, 2005, p.121

pobres. Dessa forma, como sugeriam os estudos do CINVA, os dois tipos de habitação faziam parte de um mesmo sistema e careciam de diretrizes comuns, fosse para o crescimento das cidades, fosse para a modernização do campo, que despontam nos debates sobre a necessidade da reforma urbana e da reforma agrária.

Ainda é possível transpor a relação urbano-rural para dias atuais, pensando nas margens urbanas: territórios híbridos que carecem de um planejamento integrado. Habitações que muito trazem da tipologia granja, locais que estabelecem relação direta com os centros urbanos apesar de serem considerados já como macrozonas rurais. Revisitar o debate promovido pelos profissionais em 1958, também pode ser um caminho para pensar esses territórios atualmente.

A lacuna no campo historiográfico ainda parece resultado de uma falta de diálogo entre a arquitetura e o urbanismo com as demais áreas do conhecimento. Mais uma vez, a função social da arquitetura defendida por Vautier na década de 1950, vai de encontro com a noção de genialidade onipotente em torno da figura do arquiteto. Os cursos do CINVA nos mostram

um trabalho coletivo, empírico e que envolve a parceria entre arquitetos, agrônomos, sociólogos, engenheiros, assistentes sociais, economistas, dentre outros profissionais. Além disso, a participação popular em todas as etapas do processo é algo defendido como imprescindível para êxito de qualquer projeto, revelando que a pauta antecedeu, e muito, o modelo de planejamento participativo das décadas finais do século XX, mais reconhecido pela literatura corrente.

É através da trajetória de profissionais em âmbito transnacional que a pesquisa construiu-se, não só na Iniciação Científica, como também no presente trabalho. A proposta inicial era de seguir três desses itinerários: a do arquiteto argentino Ernesto Vautier, da assistente social brasileira Maria Josephina Albano e do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda. Apesar de metonímicas para compreender a interamericanidade e a multidisciplinaridade do curso, a hipótese de protagonismo desses três personagens não se confirmou durante a pesquisa, mostrando um cenário ainda mais multifacetado. A quantidade de instituições e outros agentes envolvidos, como agrônomos e economistas domésticas do sistema ABCAR,

apontou novos caminhos para pensar a casa rural. Além disso, outras figuras para além do âmbito institucional parecem ser cruciais para a formação do debate.

Apesquisabuscouentão seguir uma linha que relacionasse as diferentes esferas envolvidas no evento: CINVA, ABCAR e profissionais, dando origem à estrutura que se apresenta a seguir. Primeiramente procura-se entender o contexto latino americano no qual se insere o evento, focando na criação e atuação do CINVA, bem como seus cursos e a presença brasileira neles. Posteriormente foca-se no debate em solo brasileiro, e no cenário que deu alicerces para a realização do curso em Viçosa. Nesta etapa também analisa-se a formação da Economia Doméstica como profissão e a necessidade de profissionais qualificados para resolver as questões acerca da casa rural. Além disso, foram identificadas as etapas de realização do curso, que teve início com a promoção de uma “Semana da Habitação Rural”, realizada no Rio de Janeiro, finalizando com os trabalhos de campo nos povoados mineiros de Palmital e Padre Nosso.

O capítulo “A casa rural no centro do debate” analisa propriamente as

ações realizadas durante o curso em Viçosa e busca dar um panorama geral dos vilarejos estudados na época. Optou-se por destacar alguns pontos que parecem nortear todo o estudo: a relação entre o extensionista e o morador rural; os aspectos construtivos envolvidos na construção da casa rural; e a espacialidade e funcionamento da habitação. Os debates iniciados nesses três tópicos resultaram nos projetos desenvolvidos ao final do curso: a construção de uma casa experimental; o melhoramento de casas já existentes e um projeto de uma sede para o Clube 4S da região.

O capítulo “Trajetórias” aponta para alguns caminhos seguidos após o curso em 1958. Como já mencionado, apesar de Vautier, Albano e Fals Borda serem apenas alguns dos personagens envolvidos no debate, optou-se por manter a análise dos itinerários seguidos por eles a fim de entender como os trabalhos desenvolvidos no CINVA e no curso em Viçosa ecoam por suas atuações. Aponta-se também a chamada *Missão 39*, que amplia o estudo iniciado em Viçosa para outros estados brasileiros, além da realização de outros dois cursos promovidos pelo CINVA em solo nacional durante a década de 60, o que indica a continuação das relações entre o Brasil e a instituição.

<sup>8</sup> O projeto “*Vivienda Social y planeamiento urbano en América Latina. El Centro Interamericano de Vivienda e Planeamiento - CINVA (19519-1972)*.” é um projeto de Ana Patricia Montoya Pino, professora do Instituto de Estudios Urbanos da UNAL. Uma das etapas do projeto busca a construção de uma base de dados digital, com materiais sistematizados por vários pesquisadores, contando com documentos do Fundo CINVA na UNAL e da Biblioteca da FAU-USP.

<sup>9</sup> A presente pesquisa buscou relacionar os temas com trabalhos de outros campos disciplinares para além da arquitetura e urbanismo. Destacam-se nesse sentido os trabalhos de Pedro Cassiano Farias de Oliveira e Camila Fernandes Pinheiro, pesquisadores da UFF.

<sup>10</sup> Os resultados desta pesquisa estabelece grande diálogo com os estudos realizados no âmbito do planejamento por pesquisadores como Rodrigo de Faria, Ana Fernandes, Vera Lúcia Motta Rezende, Sarah Feldman e Virginia Pontual.

<sup>11</sup> WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da Nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. Revista eletrônica ANPHLAC, nº 14, janeiro/junho 2013, p.17

Devido às condições em que este trabalho foi realizado, com a impossibilidade de pesquisa na biblioteca, priorizou-se os documentos já digitalizados durante o período da Iniciação Científica, somando-se o trabalho coletivo junto a outros pesquisadores da UNAL<sup>8</sup> para a construção de uma biblioteca digital. Optou-se também, através da análise dos documentos do CINVA, por abrir um flanco de pesquisa que relaciona o curso de Viçosa e a questão habitacional, com um consolidado campo acerca da atuação de agrônomos, assistentes sociais e economistas domésticas<sup>9</sup>. A pesquisa promovida neste TFG, dessa forma, dá bases para conexões futuras com investigações de outros pesquisadores no campo historiográfico da arquitetura, urbanismo e planejamento.<sup>10</sup>

Ainda é preciso destacar que a pesquisa apoia-se na concepção de Barbara Weinstein e acerca da história transnacional. Dessa forma, a investigação adota a ideia de “zonas de contato”, isto é, os pontos não necessariamente físicos nem geográficos onde os encontros internacionais mais intensos aparecem<sup>11</sup>. Especificamente neste trabalho, significa estudar a questão rural a partir do Curso Regional de Vivenda Rural em Viçosa, que



no caso, seria a principal “zona de contato”. É importante ressaltar que apesar de não partir dos países, a análise não desconsidera a importância das nações nesse processo, uma vez que também é ponto crucial para entender o papel de profissionais e instituições brasileiras dentro de um contexto latino-americano.

O trabalho, portanto, busca revisitar através do prisma transnacional, como era tratada a questão rural em diálogo com a formação do campo do planejamento a partir dessa iniciativa pioneira entre CINVA e ABCAR. A partir da análise do curso, procura-se entender um pouco mais do papel do Brasil na formação do campo disciplinar do planejamento na América Latina, mapeando a atuação de instituições e profissionais. Com um primeiro olhar sobre o assunto também são abertas possibilidades de outras pesquisas subsequentes que ajudem a aprofundar cada vez mais o estudo desta temática.

## 1. A América Latina e o CINVA

---



Figura 1 - técnicos durante o trabalho na área rural de Sogomosso, Colômbia durante o Curso Regular do CINVA em 1957. Acervo do Fundo CINVA - UNAL

## 1.1. Contexto Latino Americano

Para olhar sobre o objeto específico deste trabalho, o Curso de Vivenda Rural em Viçosa de 1958, bem como sobre a atuação das instituições promotoras em perspectiva latino-americana é preciso entender de forma mais ampla o contexto em que se inserem as diversas iniciativas de cooperação entre os países americanos no período. O cenário remonta às primeiras Conferências Pan-americanas em 1889 e 1890, com a criação de uma União Internacional das Repúblicas Americanas, a chamada Bureal Comercial. Até a criação da União Pan-americana na conferência de 1910 em Buenos Aires, dominava nas reuniões, um forte sentimento anti-americanista, provocado principalmente pela política intervencionista da Doutrina Monroe.

Efetivamente é apenas em 1933 na Conferência de Montevideú, quando é selado entre os países membros da União, o *Pacto de não intervenção e inviabilidade dos Estados*, que esse cenário muda, devido a chamada *Política da boa vizinhança* acompanhada do modelo *New Deal*, proposto pelo então presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt. Com ela, a potência do



norte sinalizava que pretendia mais atitudes de cooperação e menos intervencionismo militar. Na sequência, a II Guerra Mundial acaba por criar um ambiente propício para acordos entre os EUA e os demais países da América Latina em troca de apoio militar. Em decorrência desses e de outros acontecimentos, vai se formando no pós-guerra, um ambiente que demanda e é propício à criação de organismos internacionais.

É nesse sentido que caminham as Conferências Pan-americanas: em 1945 é realizada em Chapultepec a Conferência Interamericana sobre Problemas de Guerra e Paz; em 1947 é firmado o *Tratado Interamericano de Assistência Recíproca* (TIAR), na Conferência Interamericana para Manutenção da Paz e Segurança do Continente, no Rio de Janeiro; e finalmente em 1948, na Conferência realizada em Bogotá é criada a Organização dos Estados Americanos, a OEA. Ainda é preciso ler de forma crítica as realizações dos dois últimos eventos citados. O TIAR contradizia a posição não intervencionista dos EUA sinalizada com a *Política da Boa Vizinhança* e a ideia de cooperação interamericana, pois direcionava as relações entre militares norte-americanos e latino-ameiricanos para responder aos objetivos da Guerra Fria.

<sup>1</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002

Já a criação da OEA, procurava reproduzir para os países da América Latina o modelo de Estado benfeitor, já vigente nos EUA através do *New Deal*. Dessa forma, o Estado e o poder público latino-americanos, apoiados pelos programas de cooperação técnica da OEA, buscavam a resolução de problemas como salubridade, educação e habitação, dentro de um ideário de modernização, progresso e justiça social. Porém essa política tornava-se insustentável sem paralelamente outra econômica e comercial compatível, o que os EUA não estavam dispostos a realizar.<sup>1</sup>

Como uma reedição da Doutrina Monroe, o TIAR ainda, seria instrumento fundamental para a política norte-americana na América Latina,. A Doutrina Truman e a criação da OTAN em 1950 corroboram essa postura de interferência política adotada pelos EUA, sempre acionada com a justificativa de defesa e para impedir o avanço do Comunismo na América. A Revolução Cubana em 1959, gera um pretexto para uma política ainda mais agressiva dos EUA, que resultaria no apoio norte americano à golpes militares por toda a América Latina a partir da década de 1960: Brasil em 1964, Argentina em 1966 e 1976, Peru e Equador em 1968, Uruguai e Chile em 1973.

É em meio a esse conturbado contexto político-militar que se inicia a assistência da OEA aos países latino-americanos, principalmente através de seu Programa de Cooperação Técnica, que resulta, entre outras iniciativas, na criação do CINVA. Esses paradoxos e ambiguidades que caracterizam o processo histórico em questão atravessam também as relações acadêmicas e profissionais, e quando manifesta em ação assistencialista/flantrópica, a cooperação técnica tende a se revelar menos preocupada com o desenvolvimento, e mais com a manutenção da dependência dos países latino americanos em relação aos EUA.

O CINVA é um exemplo de caso para analisar tais contradições, pois manifesta uma relação de dependência mais multifacetada. Apesar de estar subordinada à OEA, e das ideias formuladas em solo norte-americano estarem presentes desde sua fundação, sua sede era Bogotá, em ambiente universitário efervescente a abrigar todo o tipo de concepções políticas e sociais. Também foi da relação direta de seus acadêmicos e profissionais com os estudos de caso em territórios latino-americanos, com incursões e diálogos diretos com as populações, que os trabalhos e projetos foram realizados,

<sup>1</sup> RESTREPO, Luis Fernando Acebebo. El Cinva y su entorno espacial y político. Mimesis, Bauru, v.24, nº1, 2003, p. 60

motivando diversas concepções de desenvolvimento e planejamento urbano e territorial. Como pensar uma instituição com temas de viés progressista através de uma chave de fundação conservadora? Como ler os programas assistenciais, balanceando as pretensões políticas e preocupações sociais envolvidas? Essas são algumas questões e desafios, que norteiam o trabalho.

## 1.2 Contexto Colombiano

A busca de soluções acerca do planejamento e habitação na Colômbia datam de bem antes da criação do CINVA. Como nos demais países da América Latina, o país teve as primeiras décadas do século XX marcadas por políticas sanitaristas, com a ideia de "habitações higiênicas", impulsionadas principalmente pela epidemia de gripe em 1918.<sup>1</sup> Nesse mesmo período, no Brasil aconteciam as reformas urbanas de Pereira Passos em conjunto com medidas sanitaristas do médico Oswaldo Cruz. Era fato a inserção da questão da salubridade e infraestrutura habitacional como prioritária na agenda estatal por todo o continente.

Nesse período, o surgimento da *Sociedade de Mejoras Públicas*, da Junta

*de Habitaciones Obreras* e do *Instituto de Acção Social* (IAS) mostra-se como resultado da emergência do tema e ajuda a consolidar a ação acerca da habitação na Colômbia, principalmente durante as três primeiras décadas do século XX. Soma-se a isso, a criação na década de 20 do Banco Central, possibilitando o financiamento de habitações urbanas e rurais.<sup>2</sup>

Mas é com o Instituto de Crédito Territorial (ICT) que a Colômbia dá um passo mais significativo para enfrentar a questão. Criado em 1939, o ICT tinha como um dos principais objetivos fomentar habitações higiênicas para os trabalhadores do campo. Apesar de apontar a ênfase na habitação rural como peça central para o planejamento e desenvolvimento, o ICT mostrou-se inovador ao incorporar, a partir de 1942, habitações populares urbanas em seus projetos.<sup>3</sup>

Ainda que a maioria da população colombiana fosse rural em 1939, o crescimento das cidades e o êxodo rural era uma realidade latente, como nos demais países da América Latina. Seguindo a tendência demográfica, sem deixar de priorizar as vivendas rurais, a instituição já demonstrava inclinação para o caráter integrado e regional do planejamento, algo que se consolidaria com a ação do CINVA.

<sup>2</sup>Ibid., p. 64

<sup>3</sup>Ibid., p.70

<sup>4</sup> Karl Brunner foi um arquiteto austríaco que atuou em planos urbanos no Chile e na Colômbia durante principalmente a década de 1930. Foi diretor do Departamento de Urbanismo de Bogotá entre 1934 a 1939, também atuando no período como professor da UNAL.

<sup>5</sup> RESTREPO, Luis Fernando Acebebo. El Cinvay su entorno espacial y político. Mimesis, Bauru, v.24, nº1, p. 59-89, 2003.

Ainda nesse sentido, é possível pontuar a atuação do arquiteto Karl Brunner<sup>4</sup>, que chega em Bogotá no final da década de 20 para desenhar um Plano Geral de Urbanismo para a capital. Cabe assinalar o plano como a primeira operação urbana estatal de grande envergadura: o Saneamento Paso Bolívar. O desenho urbano do novo bairro contava com a chamada tipologia casa-granja, propondo uma alternativa para a habitação operária localizada nas periferias da cidade. O desenho consistia em dois blocos: um primeiro com habitações unifamiliares, e um segundo com uma horta comum que poderia ser cultivada e usufruída por essas famílias.

A iniciativa durou pouco tempo pois não conseguiu suprir o aumento populacional: logo esses terrenos foram fragmentados e o espaço da horta ocupado, garantindo o maior número de habitações. Apesar disso, a tipologia chama a atenção por enquadrar-se não só nas ideias de maior salubridade para casas populares, mas também por operar essas periferias como locais intermediários entre os centros urbanos e as áreas rurais.<sup>5</sup>

Em termos políticos, a década de 1950 na Colômbia foi marcada por grande instabilidade. Com a morte de Jorge Eliéser Gaitán, em 1948, que



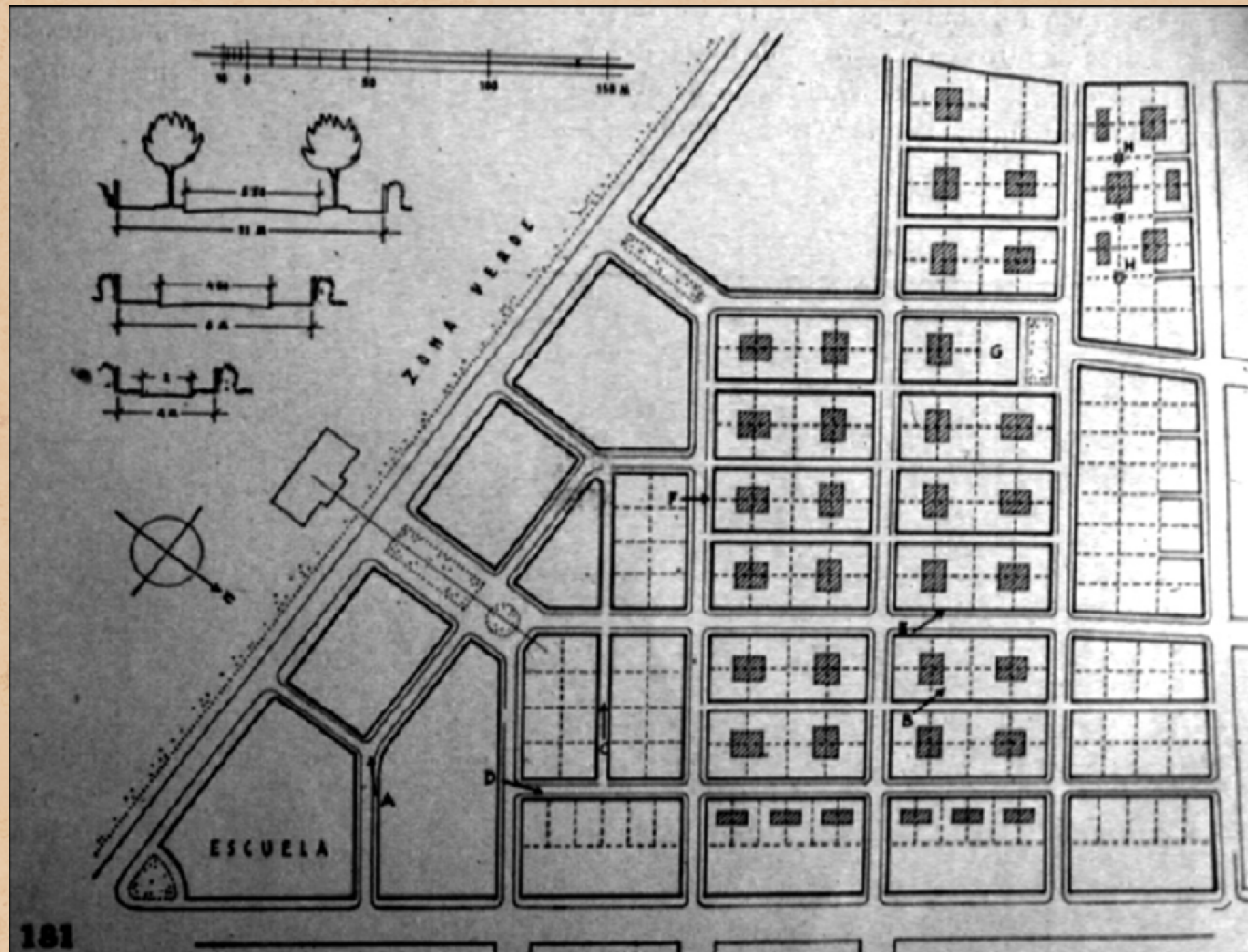


Figura 2 - Tipología Casa Granja. RESTREPO, Luis Fernando Acebebo. El Cinva y su entorno espacial y político. Mimesis, Bauru, v.24, nº1, p. 59-89, 2003, p. 62

<sup>6</sup> ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina . Técnica y política en la producción de la ciudad latinoamericana. A&P Continuidad, v. 6, n. 11, 6 dic. 2019, p.72

<sup>7</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002, p. 42

iria concorrer às eleições presidenciais com ideais contrários aos partidos dominantes (liberal e conservador), uma forte onda de protestos se iniciou no país. O fato, em meio ao governo conservador de Mario Ospina Perez (1946 – 1950) ficou conhecido como *El Bogotazo*.<sup>6</sup>

Tanto o governo de Ospina Perez, quanto de seus sucessores, Laureano Gomes, e o General Rojas Pinilla (o qual promoveu um golpe de estado que instaurou uma ditadura até 1958), foram marcados pela centralização do poder em torno do Estado, exercendo como o único discurso válido a repressão aos adversários políticos. *La Violência*, como ficou conhecido esse período, foi marcado por uma intensa agitação social, com o surgimento de guerrilhas principalmente nos meios rurais. Esse movimento era impulsionado por ideais liberais dissidentes, e depois também por ideais marxistas, com um forte discurso contra os grandes latifundiários e os Estados Unidos.<sup>7</sup> As rebeliões e a violência no meio rural intensificaram ainda mais o já avançado processo de êxodo rural.

Foi nesse contexto que a criação de instituições de cunho social e a intensificação das atividades do ICT, tornaram-se instrumentos para



promover o apaziguamento dos conflitos sociais. Dessa forma, a inserção desse migrante no meio urbano através de programas de financiamento de habitações populares, visava não só o desenvolvimento urbano, mas também o controle das tensões sociais.

### 1.3 A Criação do CINVA

A origem do CINVA remonta à Primeira Sessão Extraordinária do Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES)<sup>1</sup>, criado em 1945, onde foram definidas bases para cooperação interamericana, criando-se o Programa de Cooperação Técnica da OEA, que tinha como principal objetivo suprir a escassez de profissionais capacitados para a resolução dos problemas socioeconômicos dos países latino americanas.

A criação do CINVA foi a primeira realização do programa em 1951, numa cooperação que envolveu o Governo Colombiano em acordo com a União Pan-americana, a Universidade Nacional da Colômbia e o ICT.

Em termos gerais, o CINVA tinha três objetivos principais: ensinar, investigar e documentar, suprimo um déficit nas instituições nacionais.

<sup>1</sup> O CIES- Conselho Interamericano Econômico e Social foi criado em 1945, na Conferência de Chapultepec, substituindo o Comitê Consultivo Econômico-Financeiro Interamericano, com a função promover o bem-estar econômico e social, através de estudos e elaboração de projetos visando melhor aproveitamento econômico dos países membros, e melhoria de suas condições de vida.

<sup>2</sup> UNIÓN PANAMERICANA. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento, 1952-1962. Washington: Unión Panamericana, 1962.

<sup>3</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002, p. 12

Com trabalhos de investigação e experimentação técnica, propunha um intercâmbio científico através de suas atividades que incluíam: traduções de obras de urbanismo, publicação de estudos e trabalhos, assessoria em projetos e programas e políticas institucionais para os países do continente.<sup>2</sup>

Sua principal função, porém, era a capacitação de profissionais de toda a América Latina em questões construtivas, econômicas, sociais e administrativas em relação à habitação e ao planejamento, realizada principalmente através dos chamados Cursos Regulares e Cursos de Extensão.

Paez<sup>3</sup> disserta que a criação e atuação do CINVA coloca em xeque o caráter inovador dos postulados de John Turner, que teve grande ressonância na opinião pública na década de 60. O ideal de planejamento orientado a partir de participação cidadã com programas de ajuda mútua para resolução de problemas do subdesenvolvimento foi tema central no pensamento e metodologia da instituição.

Em 1955, em um Seminário do ICT, Leonard Currie, seu primeiro diretor expôs a amplitude das atividades do CINVA. Segundo ele, criavam-se ali as

bases para o que podia se chamar uma “ciência sobre vivenda”, o que exigia um esforço conjunto de arquitetos, economistas, engenheiros, advogados e sociólogos.<sup>4</sup> Eric Carlson, sucessor de Currie, afirmava que os serviços do CINVA se encontravam como um dos melhores do mundo em relação a instituições do tipo. Em 1956, Luis A. Moura, então Secretário Geral da OEA, também mencionava:

*El Centro de Vivenda es uno de los proyectos claves que expone al resto del mundo una fórmula práctica ideada por los americanos que han sabido unirse para acelerar el progreso social y económico de nuestros pueblos.*<sup>5</sup>

Os pressupostos da Escola de Chicago também ecoavam no CINVA através da junção técnica e das pesquisas de campo, com caráter etnográfico. Essa aproximação com a população ainda impulsionaria a estudos e metodologias que propunham soluções locais para as comunidades estudadas. Longe da figura do arquiteto onipotente e do meio físico como uma tábula rasa, propunha-se estudos que aliassem os saberes de profissionais de diferentes áreas com as tradições e culturas locais, considerando clima,

<sup>4</sup> Ibid., p.14

<sup>5</sup> ibid., p. 16 apud CARLSON, Eric. Clausura del curso de 1956. Bogotá: Publicaciones del CINVA, 1956. “O Centro de Vivenda é um dos projetos modelo que expõe ao resto do mundo uma forma prática idealizada pelos americanos que souberam se unir para acelerar o progresso social e economico de nosso povos. Tradução realizada pela autora

materiais e técnicas particulares às regiões.

Dessa forma, o CINVA e sua atuação, como já mencionado, encontravam-se em uma posição peculiar: um centro financiado pelo Programa de Cooperação Técnica da OEA, com sede em Bogotá, promovendo cursos em que os docentes e discentes pertenciam a diferentes áreas do conhecimento e diferentes países da América. Jorge Rivera Paez destacou a dimensão imperialista na iniciativa do CINVA, sobretudo após 1961, quando a Aliança para o Progresso dá o tom da política estadunidense no continente. Mas este trabalho, como já destacado, propõe-se a pensar a instituição de maneira mais complexa, através de um prisma transnacional.

É certo que o CINVA foi atravessado pela colonialidade e pelo imperialismo, seja por seus vínculos europeus ou norte-americanos. A maioria dos livros em sua biblioteca advém dessas localidades. Mas tanto os profissionais e professores que atuaram em seus quadros, quanto os alunos e bolsistas eram, em sua imensa maioria, latino-americanos, ou haviam escolhido países latino-americanos para se fixarem. Mesmo atravessados por essa dicotomia, tratavam de olhar com profundidade as questões específicas impostas ao planejamento na América Latina, impulsionando assim novas abordagens teóricas e metodológicas.



Assim, ao buscarem soluções locais, quase como um movimento antropofágico, desenvolvem tecnologia e conhecimento original latino-americano. Entre as décadas de 1950 e 1970, nos 62 cursos abertos pelo CINVA e com seus mais de 1450 alunos conformou-se uma rede de profissionais, que através de um pensamento interamericano e multidisciplinar, promoveram planos, estudos e metodologias para pensar as mazelas das cidades que mais cresciam naquela época.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002

## 1.4. Documentação do CINVA

Há uma enorme riqueza de documentos publicados pelo CINVA, que se conformaram como fonte fundamental desta pesquisa. Diversas traduções, informes finais sobre os estudos de casos desenvolvidos nos cursos, cartilhas das metodologias empregadas ou mesmo informes técnicos anuais, listando eventos e parcerias pela América Latina estão nessa base. Mas com o fim do CINVA, os documentos acabaram se espalhando por diversas instituições, e sua identificação muitas vezes é complexa até na própria Colômbia. O preenchimento dessas lacunas tem sido um dos objetivos de pesquisadores de diversos países, uma vez que a atuação da instituição se estendeu por toda a América Latina.

Este trabalho, pensando no tema rural através da instituição, se insere nesse esforço, que têm construído uma biblioteca virtual recuperando esses documentos. O trabalho teve início com a sistematização de mais de 20 documentos coletados pela professora Nilce na Universidade Nacional da Colômbia (UNAL), orientadora desta pesquisa. Como já mencionado,

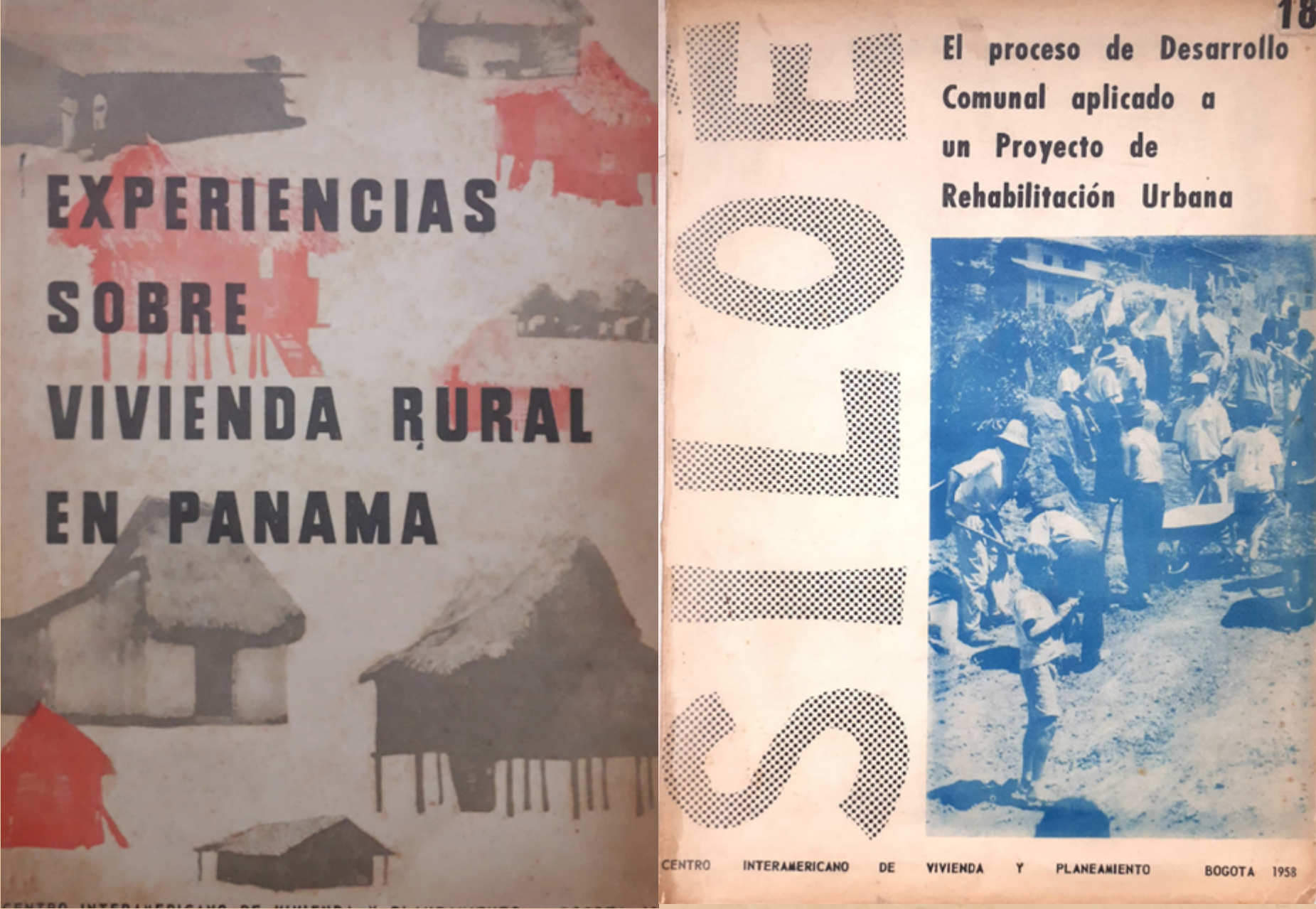
a tarefa teve início durante o projeto de Iniciação Científica, segue sendo realizada nesta etapa de elaboração do TFG, somando-se atualmente aos demais documentos levantados por pesquisadores colombianos, em trabalho coordenado pela professora Ana Patrícia Montoya Pino da UNAL.

Destaca-se nesses materiais, a dissertação de Jorge Alberto Rivera Paez<sup>1</sup>, que realizou um vasto trabalho sobre o CINVA em 2002. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951 -1972, é pioneiro ao revisitar a importância da instituição por todo continente. A contribuição do autor é inestimável, por reunir grande parte da documentação que se encontrava no SINDU (Centro de Documentación del Servicio de Información sobre el Desarrollo Urbano) da UNAL. Encontrados desorganizados e sem fichas de identificação bibliográfica, essa documentação foi compilada por Paez, que produziu mais de 200 páginas de anexo à sua tese, contendo lista de cursos, professores e alunos do CINVA.

Somando-se à documentação dessa biblioteca virtual colaborativa, esta pesquisa também se utiliza de documentação e bibliografia que foi localizada na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. O processo

Fig. 3 - Capas de duas publicações do CINVA: Experiências sobre Vivienda Rural en Panamá (1958); e Siloé: el proceso de desarrollo comunal aplicado a un proyecto de rehabilitación urbana (1958). Acervo da Biblioteca da FAUUSP

PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951 -1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002





de mapeamento de títulos do CINVA na FAU-USP também foi um trabalho já iniciado durante a graduação e permitiu o primeiro contato com o documento sobre o Curso de Vivenda Rural realizado no Brasil. Dentre os documentos utilizados no atual trabalho é importante destacar os seguintes títulos<sup>2</sup>:

1. **Manual de investigación y extensión en vivienda rural.** Orlando Fals Borda, Maria Josephina Albano e Ernesto Vautier (1958) - documento que reúne as experiências acerca da vivenda rural nos programas do CINVA e que serve como metodologia básica para o curso realizado no Brasil

2. **Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958.** (1958) - primeiro informe técnico sobre a realização do curso

3. **Experiências sobre Vivenda Rural en el Brasil. (1961)** - informe técnico que reúne informações sobre o Curso de Vivenda Rural em 1958, a elaboração do projeto para o Clube 4S (1958), primeira compilação dos resultados da Missão 39. O documento ainda conta com plantas, cortes, esquemas e fotos dos eventos.

4. **Problemas de Habitación Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação**

<sup>2</sup> ALBANO, Josephina, FALS BORDA, Orlando, VAUTIER, Ernesto E. . Manual de investigación y extensión en vivienda rural. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958

Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958

Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961

Problemas de Habitación Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960

FALS BORDA, Orlando. El Brasil: campesinos y vivienda. Imprenta Nacional. Bogotá, 1963

**Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR).** (1960) - livro que reúne todas as palestras proferidas na chamada Semana Rural que ocorreu no Rio de Janeiro, período de orientação que antecede o curso de Viçosa

5. **El Brasil: campesinos y vivienda** - Orlando Fals Borda (1963) - livro redigido pelo sociólogo colômbiano que também trata das experiências do curso

Esses cinco títulos foram objeto de estudo base desta pesquisa, sendo utilizadas outras documentações adjacentes bem como trabalhos já desenvolvidos por outros pesquisadores que se relacionam com os temas abordados. Essa documentação estrutural abriu caminho para os temas, personagens e instituições envolvidos no evento, também apontando para novos caminhos que a pesquisa pode seguir, considerando o ingresso no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na FAU USP, que terá início no ano de 2022.

## 1.5. O CINVA em números

Os cursos do CINVA podem ser divididos em duas categorias <sup>1</sup>:

- Cursos regulares, que possuíam maior duração e eram sempre realizados na Colômbia

- Cursos de extensão, focados em temas mais específicos e podendo ser realizados em outros países da América Latina.

O esquema proposto na página 52 lista os cursos oferecidos pela instituição e suas respectivas siglas. Dentre eles destacam-se: o Curso Regular de Adestramento em Vivenda (CRV), que foi oferecido entre 1952 e 1965, e o Curso Superior de Vivenda (CSV), que parece substituir este último, sendo oferecido de 1966 a 1971. Ambos tinham duração entre 5 meses e 1 ano, e se dividiam em etapas, uma mais ampla que tratava de problemáticas gerais, que dava base para as outras, que avançavam em alguns temas de maneira mais específica. Paez<sup>2</sup> descreve com mais detalhes tais etapas:

<sup>1</sup> UNIÓN PANAMERICANA. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento, 1952-1962. Washington: Unión Panamericana, 1962.

<sup>2</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002

<sup>3</sup> Ibid., p.115. “O programa estava estruturado em quatro etapas. Um período de orientação geral com cursos e seminários básicos sobre temas fundamentais da habitação, projetos coletivos e individuais; durante a segunda fase, os alunos preparavam planos de investigação condizentes com a formação da instituição e a formulação de programas de vivenda econômica tendo em conta aspectos de organização, legislação, administração e financiamento; uma terceira etapa se relacionava com a solução de problemas técnicos derivados dos materiais de construção, estruturas do desenho e métodos de industrialização e produção. A última parte estava ligada a problemas de planejamento e organização comunitária.” <sup>3</sup>

*“El programa estaba estructurado en cuatro etapas. Um período de orientación general, cursos y seminarios básicos sobre temas fundamentales de la vivienda, proyectos colectivos y indivuduales; durante la segunda fase, los becarios preparaban planes de investigación conducentes hacia la formación de instituciones y la formulación de programas de vivienda económica teniendo en cuenta aspectos de organización, legislación, administración y financiamiento; uma terceira etapa se relacionaba a la solución de los problemas técnicos derivados de los materiales de construcción, estructuras de diseño y métodos de industrialización y producción. La última parte estaba referida a los problemas de planeamiento y de organización comunitaria.” <sup>3</sup>*



Todos os cursos tinham como proposta oferecer ao aluno diferentes tipos de experiências: aulas, seminários, discussões de mesa redonda, trabalhos de campo, na biblioteca ou em laboratório. As matérias abarcavam desde aspectos construtivos básicos, como ensaio de materiais e análise e desenho de detalhes construtivos, até visitas em indústrias e obras de projetos do ICT.

A ideia principal era, através de uma abordagem multidisciplinar, aliar a teoria com a parte técnica e prática. O caráter multidisciplinar pode ser percebido em uma análise rápida da grade horária do curso, compilada também nos esquemas da página 52: para além de aulas sobre construção, reservava-se momentos específicos para temas como antropologia, história, sociologia e economia.

Esse arcabouço teórico dava base para a ação prática, onde a parceria com o ICT mostrava-se ainda mais latente. Em 1952, organizou-se o primeiro trabalho de grande envergadura do Centro, no bairro Quiroga, ao sul de Bogotá. Coordenado pelo arquiteto norte-americano Howard T. Fisher, professor do CINVA, a obra que tinha supervisão do ICT, foi palco do primeiro

<sup>4</sup> RESTREPO, Luis Fernando Acebebo. El Cinva y su entorno espacial y político. Mimesis, Bauru, v.24, nº1, p. 59-89, 2003.

<sup>5</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002

estudo de campo do centro, contando com a assessoria dos alunos do CRR e priorizando técnicas, materiais e mão de obra locais .<sup>4</sup>

Ainda segundo Paez<sup>5</sup>, os estudantes dos cursos regulares deveriam desenvolver dois projetos em grupo: um urbano e outro rural, além de um projeto individual que poderia ser sugerido pelo CINVA ou pelo governo de onde procedia o estudante.

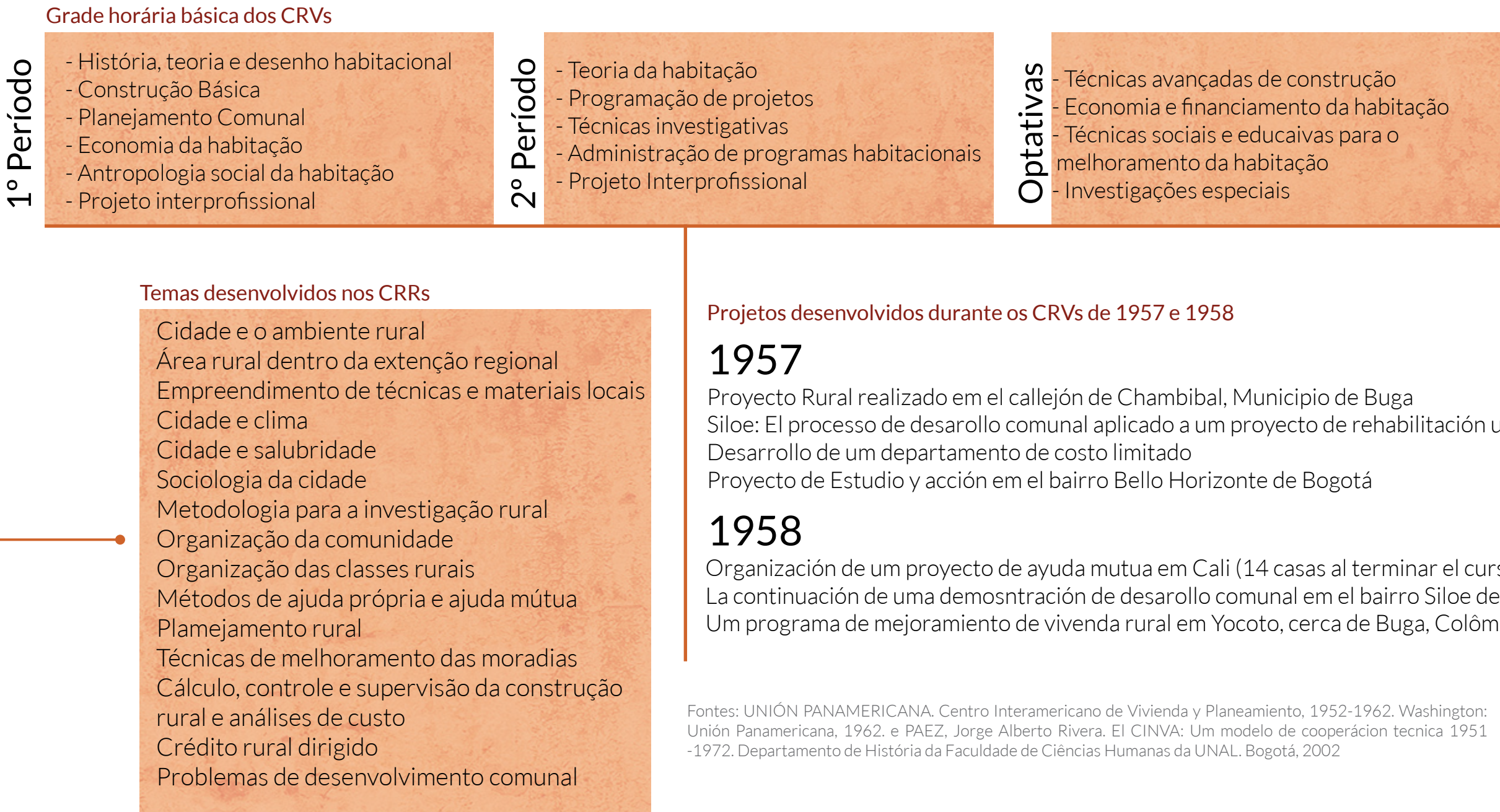
Os projetos listados na página 53 vão ao encontro da afirmação de Paez: em 1957 o projeto de Chambibal é rural, enquanto o de Siloé urbano. Em 1958, enquanto segue-se o programa em Siloé, também é desenvolvido um projeto rural em Yocoyo. Esses dois casos, mostram como a questão do planejamento integrado e o melhoramento das casas campesinas estavam entre os temas centrais na instituição.

Retomando o quadro de cursos já apresentado, mais uma vez é possível confirmar essa preocupação: para além do Curso Regional de Vivenda Rural, o CINVA contava com outros dois cursos específicos na área: Curso Intensivo de Vivenda Rural para professores Campesinos e Curso de Vivenda Rural para Colombianos, realizados na Colômbia.



Cursos ministrados pelo CINVA (1952-1972)

CRV	Curso Regular de Adestramento em Vivenda
CSV	Curso Superior de Vivenda
CVRP	Curso Intensivo de Vivenda Rural para Professores Campesinos
CRR	Curso Regional de Vivenda Rural
CRC	Curso de Vivenda Rural para Colombianos
CAA	Curso de Adestramento em Autoconstrução
PAPC	Programa de Adestramento em Produtividade e Construção
PASA	Programa de Adestramento de Supervisores em Autoconstrução
COOP	Curso de Vivenda Cooperativa
CCVS	Curso de Cooperativismo em Vivenda para dirigentes Sindicais
CFEV	Curso de Formação de Educadoras de Vivenda
CDSV	Curso de Saneamento de Vivenda
CVDU	Curso de Vivenda dentro do desenvolvimento Urbano
CDC	Curso de Desenho e construção
CPV	Curso de programação de Vivenda
CAS	Aspectos Sociais de Vivenda e Desenvolvimento Urbano
CFHA	Curso de Sistemas de Fomento de Hipotecas asseguradas



O Curso Regional de Vivenda Rural era um curso de extensão oferecido pelo CINVA em parceria com outros países da América Latina, e, portanto, não tinha sede na Colômbia. Inicialmente, as temáticas dos cursos fora do país eram voltadas majoritariamente para as questões rurais, porém outros temas foram implementados ao longo dos anos como: o Curso de Programação de Vivenda, o Curso de Adestramento em Autoconstrução, o Curso de Vivenda dentro do Contexto Urbano e o Curso de Vivenda Cooperativa.

O mapa 1, além de localizar esses eventos, mostra o potencial do CINVA em promover uma rede interamericana, mas que se revela antes de tudo uma rede latino-americana. Nesse ponto parece importante questionar a interpretação de Paez acerca da ingerência estadunidense na instituição. Segundo o autor, a Aliança para o Progresso teria definido, após 1961, os termos de atuação do CINVA, transformando-o em instrumento direto daquele programa e dos interesses econômicos e políticos dos EUA na América Latina. Em primeiro lugar é importante pensar sobre a complexidade dos termos que fundamentaram a própria Aliança, com papel ativo de agentes latino-americanos, com destaque para os presidentes colombiano, Alberto

Mapa 1 - Todos os cursos de extensão promovidos pelo CINVA. Mapa 2 - CRR promovidos pelo CINVA. Mapas desenvolvidos pela autora, considerando dados do período entre 1958 e 1972



Mapa 1



Mapa 2



Lleras Camargo, e brasileiro Juscelino Kubitschek, que representavam, em grande medida, os interesses de setores dos seus paíse .<sup>6</sup> Em segundo lugar, a própria continuidade na década de 1960, dos cursos que foram concebidos e iniciados na década de 1950, comprovam que o CINVA não apresentou propriamente uma grande inflexão em sua atuação a partir de 1961.

Como será demonstrado mais adiante, os termos do próprio curso de Viçosa demonstram que a realização de tais cursos era negociada com os agentes locais interessados, reunindo não só profissionais das instituições dos países onde o curso era oferecido, como também professores e alunos de outros países da América Latina. O Curso Regional de Vivenda Rural foi sem dúvida o de maior incidência e que teve maior período de oferecimento no CINVA.

Em todos eventos promovidos pela instituição, a multidisciplinaridade é evidenciada para além de sua grade horária: professores e alunos de diferentes campos e profissões integravam a instituição. No gráfico da página ao lado, chama a atenção a posição que ocupa o segundo lugar do número de alunos: assistentes sociais. Essa informação ressalta a visão do CINVA

<sup>6</sup> ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina . Técnica y política en la producción de la ciudad latinoamericana. A&P Continuidad, v. 6, n. 11, p. 70-81, 6 dic. 2019.

Gráficos 1 e 2 - percentual de alunos do CINVA em relação à profissão e nacionalidade. Desenvolvido pela autora, considerando dados do período entre 1952 e 1972.

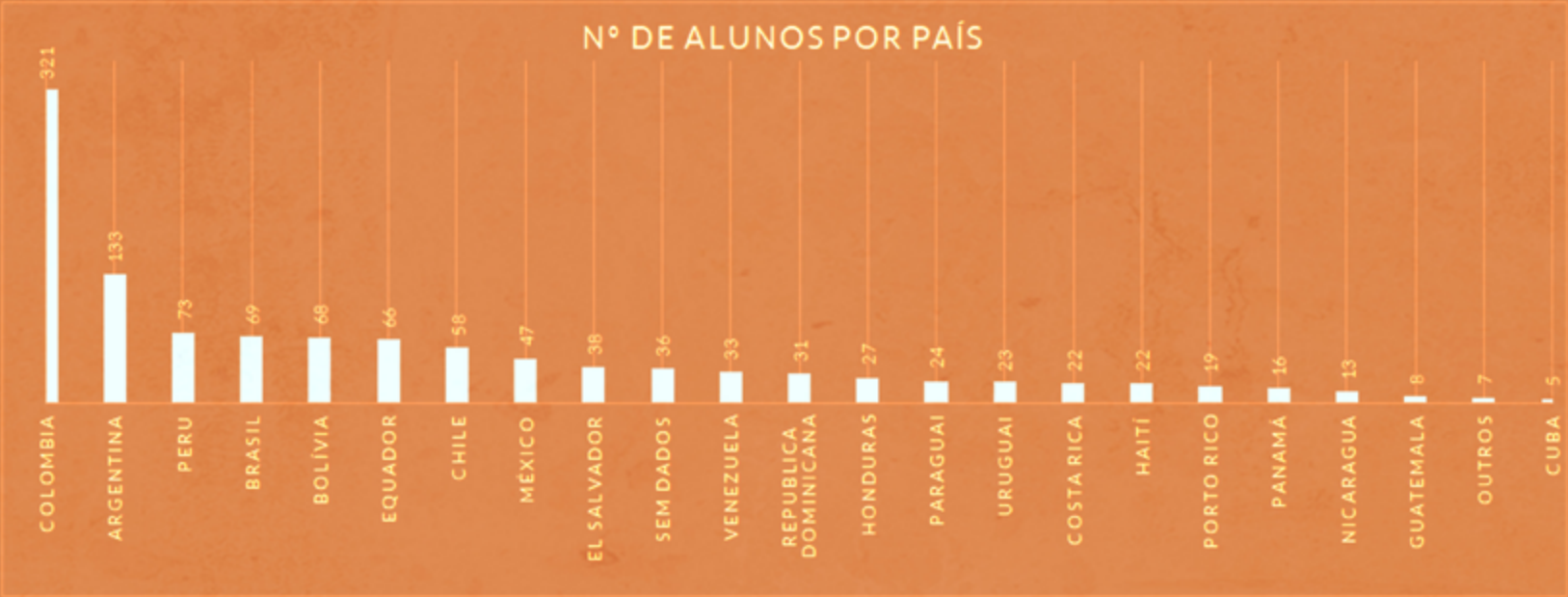


Gráfico 1



Gráfico 2

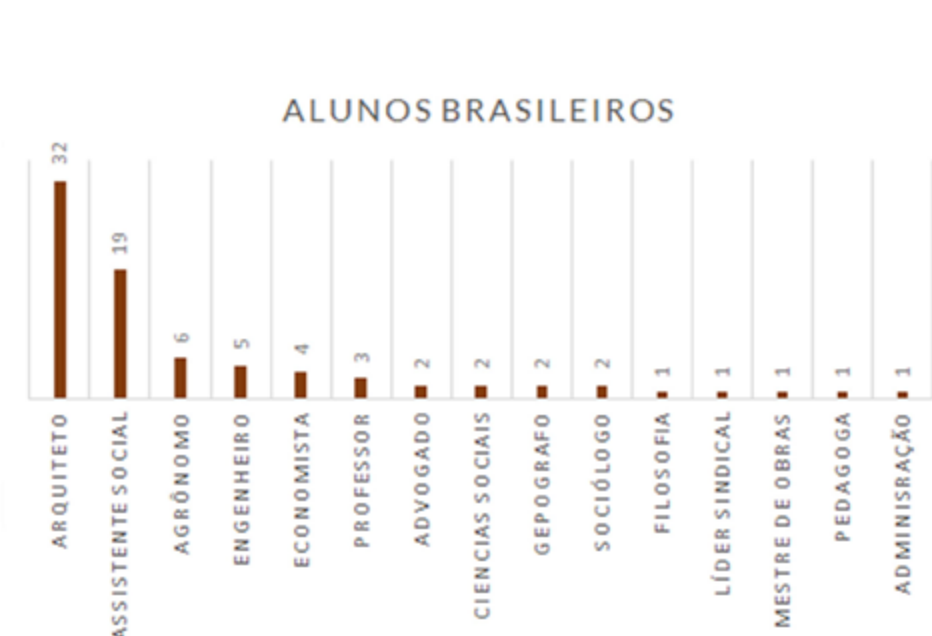
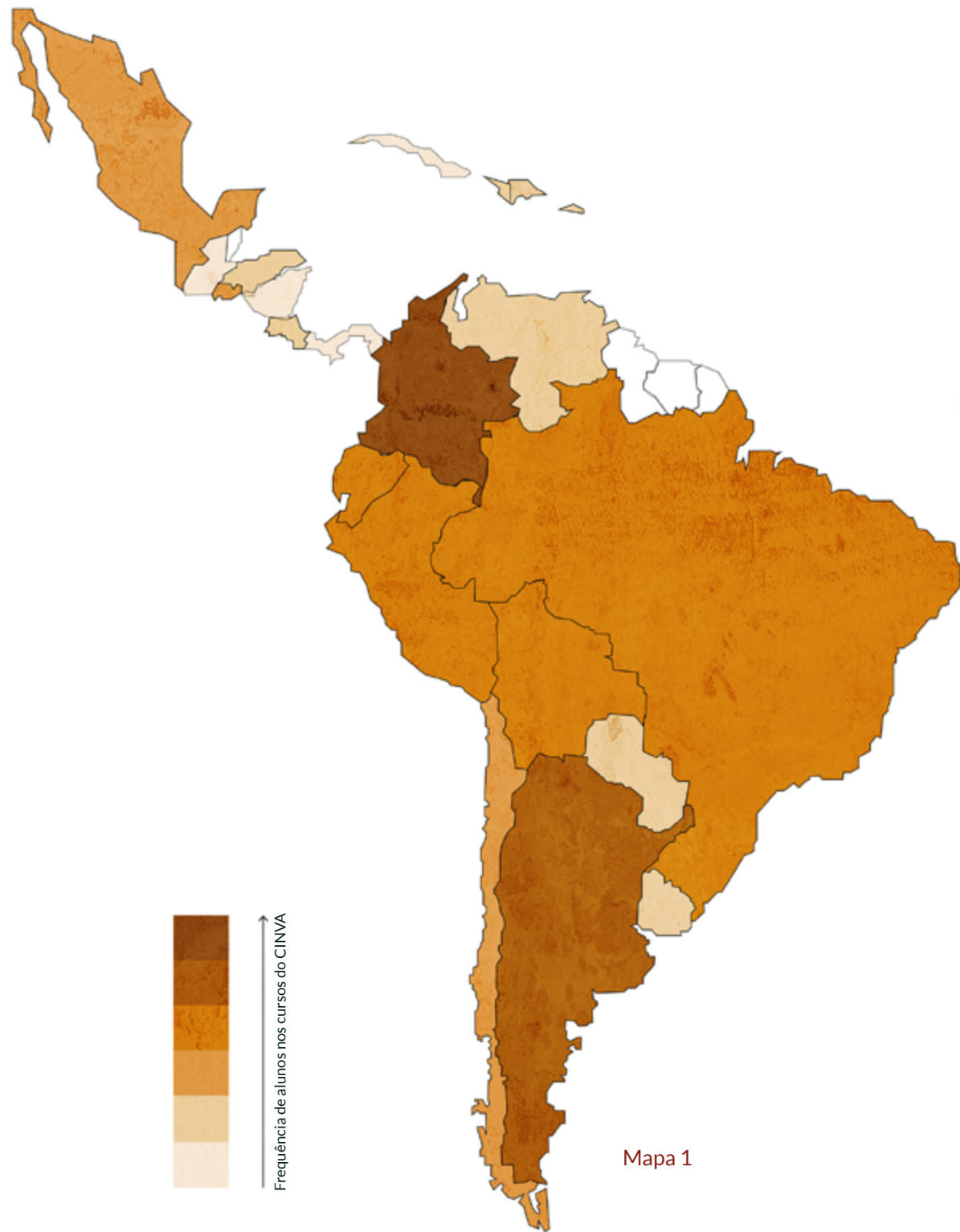
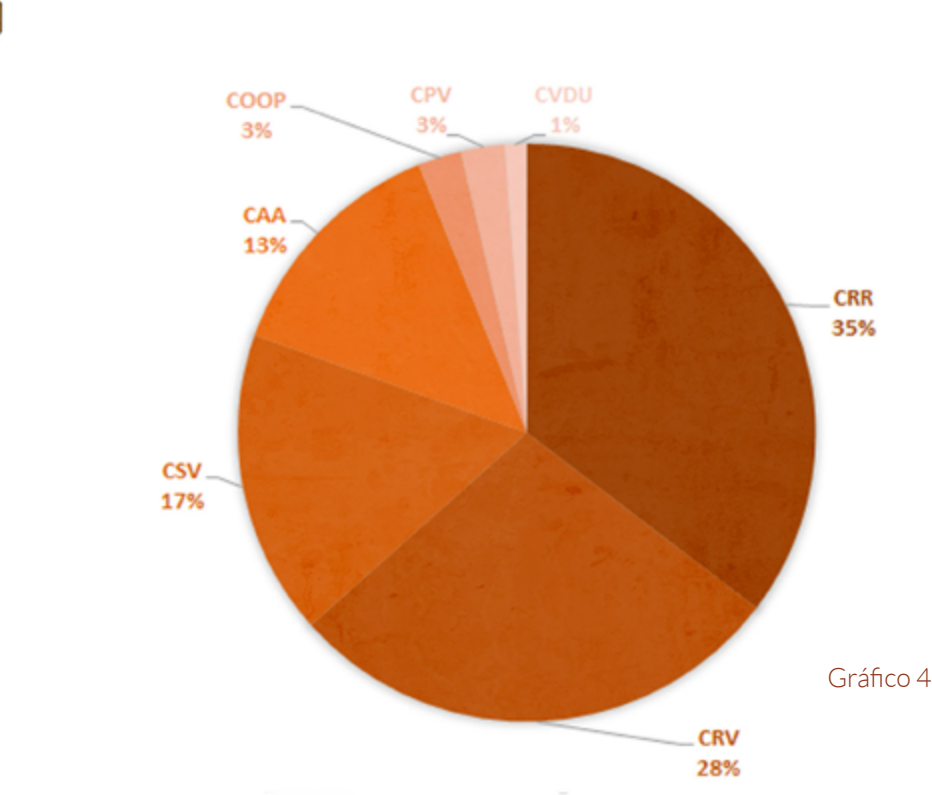


Gráfico 3



Mapa 3 - frequência de alunos latino americanos do Centro. Desenvolvido pela autora, considerando dados do período entre 1952 e 1972.

Gráfico 3 - considerando apenas os alunos brasileiros e suas profissões. Desenvolvido pela autora, considerando dados do período entre 1952 e 1972.

Gráfico 4 - porcentagem de alunos brasileiros durante os cursos do CINVA. Desenvolvido pela autora, considerando dados do período entre 1952 e 1972.

para além de uma instituição só técnica e aponta para uma metodologia de planejamento regional preocupada com as questões socioeconômicas locais.

A presença de economistas, advogados, sociólogos e engenheiros afastam a instituição da visão quase mítica, muitas vezes incorporada à figura do arquiteto. A ideia de tábula rasa abre espaço, na instituição, para uma construção do planejamento de forma participativa, levando em conta também contextos e técnicas locais pré-existentes.

Cruzando os dados profissionais com a nacionalidade desses atores a análise torna-se ainda mais complexa: esses números demonstram como o CINVA promovia esse debate interdisciplinar a nível interamericano. Ao longo de sua duração, contou com alunos de mais de 20 países da América Central e do Sul. O Brasil ocupa a quarta posição entre os países que enviaram bolsistas. Esse elevado número ainda leva em conta o fato do país ter contato com três cursos de extensão ao longo da duração do CINVA.

Mirando só os alunos brasileiros, o gráfico 3 mostra novamente as primeiras posições são ocupadas por arquitetos e assistentes sociais, porém



é interessante ressaltar a presença de agrônomos na terceira posição mostrando a questão rural novamente em voga.

Também é possível pensar quais cursos eram cursados por esses brasileiros: a divisão configura-se quase de forma equivalente entre os cursos regulares (somando o CRV e o CSV tem-se 45%) e os cursos extracurriculares. Dentre esses últimos, o Curso de Vivenda Rural é o que mais apresenta alunos, não só pelas duas edições em território nacional, mas também pela presença de brasileiros em CRRs ministrados em outros países, como em 1963 na Argentina e em 1971 na República Dominicana.

## 2. Antecedentes do Curso de Viçosa





Fig. 4 - Alunas em aula do curso de Economia Doméstica da ESEC. Acervo do Arquivo Central e Histórico da UFV

## 2.1. O contexto rural brasileiro

O Brasil, assim como a maioria dos países latino americanos passava por um aumento populacional que se intensificou no Segundo Pós-Guerra. Ainda que a maioria da população fosse de origem rural, o cenário cada vez pendia para o crescimento da população urbana, principalmente pelo êxodo rural.

Dessa forma, pensar no crescimento das cidades implicava em pensar também o meio rural e os meios de fixação do rurícola no campo. O êxodo, gerou-se por um sistema desigual, desdobrando da colonização, que envolveu violência, mecanização das atividades agrícolas e falta de assistência aos trabalhadores do campo que manteve a estrutura dos latifúndios de agricultura de exportação. Nesse processo, restava ao trabalhador rural, buscar melhores oportunidades na cidade. Os técnicos e professores do CINVA compreendiam o sistema de precariedade, tanto urbano quanto rural, como faces da mesma estrutura de ocupação dos territórios, o que em sua visão parecia aproximar os moradores das favelas dos camponeses pobres,

apontando para uma visão integrada do enfrentamento do problema da habitação e do planejamento, ainda que por vezes os temas fossem tratados separadamente.

Nesse sentido, no CINVA, uma concepção de um sistema de planejamento regional já aparece, como foi mencionado anteriormente, e aparenta se formalizar em âmbito latino-americano através de eventos e capacitação técnica. O Seminário de Técnicos e Funcionários em Planejamento Urbano, evento que ocorreu em Bogotá em 1958, reunindo profissionais de diferentes áreas do conhecimento e de diversos países da América Latina é um exemplo desse processo.

Em solo brasileiro instituições como a SAGMACS<sup>1</sup>, cujos técnicos participaram do o evento representando o Brasil, ou o CEPEU<sup>2</sup>, coordenado por Anhaia Mello, contribuem para a dimensão regional do planejamento e é evidente que seus projetos em muito dialogam com a metodologia proposta pelo CINVA. Esse foi o tema central da pesquisa de iniciação científica, que buscou traçar o caminho das ideias de planejamento debatidas no âmbito

<sup>1</sup> A Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMACS) foi uma instituição brasileira fundada pelo padre dominicano Louis-Joseph Lebreton em 1947. A instituição atuou em diversos projetos urbanos, através da metodologia Economia e Humanismo, também fundada pelo religioso. PONTUAL, Virgínia. Louis Joseph Lebreton na América Latina: UM EXITOSO LABORATÓRIO DE EXPERIÊNCIAS EM PLANEJAMENTO HUMANISTA. Rio de Janeiro: Letra Capital, Editora UFPE, 2016

<sup>2</sup> O Centro de Pesquisa e Estudos Urbanísticos (CEPEU) era um órgão ligado à FAU USP coordenado por Anhaia Mello. Os estudos do centro parecem não só se aproximar da metodologia da SAGMACS, como da proposta do CINVA.

<sup>3</sup> CARVALHO, Beatriz Barsoumian. Diálogos entre Brasil e América Latina através do Seminário de Técnicos e Funcionários em Planejamento Urbano (Bogotá, 1958). Iniciação Científica, apoio CNPq. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2018

<sup>4</sup> O Sistema Brasileiro Cooperativo de Extensão Rural. Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR): Rio de Janeiro, 1963, p.7

dessas instituições, a partir dos planos e de artigos em revistas especializadas, com foco na atuação dos três representantes brasileiros no Seminário - Antônio Bezerra Baltar, Mario Laranjeira de Mendonça e Newton Oliveira.<sup>3</sup>

Mas para entender a realização de um Curso Regional de Vivenda Rural no Brasil é preciso estudar além do debate regional no campo da arquitetura e do urbanismo, as instituições que regiam a questão rural no Brasil, sendo a primeira delas, a ABCAR, que junto com o CINVA organiza o curso em 1958. À partir dela é possível mapear uma rede mais complexa relacionada ao extensionismo rural no Brasil.

Define-se como Extensão Rural:

*“ Um tipo informal de educação destinada a agricultores, donas de casa, jovens rurais e outras pessoas que tenham interesse no melhoramento da Agricultura e do Lar e em melhores condições de vida para a população rural. É um processo de ajuda ao povo para que solucione os problemas que vai encontrando dia a dia na produção agrícola, na produtividade na comercialização, na administração da propriedade e do lar, na saúde, no melhoramento da comunidade, etc. “<sup>4</sup>*



Segundo Oliveira<sup>5</sup>, as bases do extensionismo no Brasil remontam aos acordos de cooperação técnica entre EUA e os países latino-americanos assinados por Harry Truman em 1949, com o chamado Ponto IV (que recebeu esse nome por se tratar do quarto ponto do discurso de posse de Truman). A educação agrícola era um de seus principais alicerces, fundando instituições como *Foreign Operations Administration* (FOA) e a *International Cooperation Administration* (IICA).

Como desdobramento desses acordos, em 1953 é criado o Escritório Técnico de Agricultura (ETA) inserido nesse mesmo contexto ideológico imperialista estadunidense, promovido através da educação rural. Como aponta Mendonça<sup>6</sup>, a instituição é emblemática em termos de cooperação Brasil - Estados Unidos indo ao encontro com os projetos desenvolvimentistas para os países subdesenvolvidos. Paralelamente, ocorriam acordos de cunho privado no país, destacando-se a atuação da Associação Americana Internacional (AIA), ramo da Corporação Internacional de Economia Básica (IBEC) de Nelson Rockefeller. Em 1948, a AIA havia fomentado a criação da ACAR - Minas (Associação de Crédito e Assistência Rural de Minas Gerais),

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Pedro Cassiano Farias de. Extensão Rural e Interesses Patronais no Brasil: uma análise da Associação Brasileira de Crédito Rural - ABCAR (1948- 1974). Tese (Mestrado em História). Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, p.163, 2013

<sup>6</sup> MENDONÇA, Sônia Regina de. O patronato rural no Brasil Recente (1964 – 1993). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010

Fig. 5 - Reunião da ACAR-MG. À esquerda o então reitor Lourenço Menicucci Sobrinho da ESAV, e ao centro o agrônomo e também professor da instituição, Geraldo Carneiro. Ao fundo é possível notar um mapa de Minas Gerais, com as áreas de atuação da ACAR no Estado. Acervo do Arquivo Central e Histórico da UFV



promovendo extensão/crédito rural através do investimento privado norte-americano. O êxito desse sistema levou a instituição de Rockefeller, em parceria com o Banco do Brasil e do Banco do Nordeste, a criar em 1954 a ANCAR, braço nordestino da mesma instituição.

A Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR) é apenas criada 1956, por iniciativa do governo de Juscelino Kubistchek:

*“Quero fazer para o Brasil, o que fizemos em Minas. [...] E propôs que a sigla fosse ANCAR, na qual o “N” referia-se a nacional. Diante da ressalva de que ANCAR já existia e que o “N” se referia à palavra Nordeste, JK disse: ‘Muito bem, vamos chamá-la de ABCAR - Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural. O nome não faz diferença. O que importa é que seja uma organização do tipo CAR’. Com isso, JK erigia o ‘Sistema CAR’”*<sup>7</sup>

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Pedro Cassiano Farias de. Extensão Rural e Interesses Patronais no Brasil: uma análise da Associação Brasileira de Crédito Rural - ABCAR (1948- 1974). Tese (Mestrado em História). Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2013 p.39 apud DALRYMPLE, 1968

<sup>8</sup> O Sistema Brasileiro Cooperativo de Extensão Rural. Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR): Rio de Janeiro, 1963, p.3

Dessa forma, o sistema ABCAR é então integrado por um órgão nacional e serviços de extensões nos Estados filiados, que por sua vez ramificaram-se em escritórios regionais e locais, atuando de forma direta com a população rural. O custeio da instituição passa a ser 60% do Governo Federal e 40% dos Governos Estaduais, Municipais e entidades privadas.<sup>8</sup>

É importante ressaltar que a análise proposta neste trabalho leva em consideração a chave conservadora em que são criadas estas instituições e as relações imperialistas Estados Unidos - Brasil através do sistema do sistema patronal agrícola. Busca-se, porém, entender a ação institucional através de seus agentes por meio de um prisma transnacional que revela esses acordos a partir das redes de interesses, e não apenas como materialização de um projeto imperialista estadunidense.





Fig 6 - Encerramento do treinamento promovido pela ACAR-MG na ESAV. Acervo do Arquivo Central e Histórico da UFV

<sup>1</sup> PINHEIRO, Camila Fernandes. Estado, Extensão Rural e Economia Doméstica (1948-1974). Tese (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, p.183, 2016.

## 2.2. A questão rural: um problema multidisciplinar e um assunto também para mulheres

A leitura de "modernização" do campo muitas vezes restringe-se à inovação técnica da agricultura e à atuação do agrônomo, mas o debate ganha contornos mais complexos quando a vivenda também aparece como peça central desse processo. É através da casa campestre que parecem despontar outros dois profissionais no campo da extensão rural: a economista doméstica e o arquiteto.

A figura da economista doméstica pode hoje parecer estranha, mas se configurava como uma profissão em formação para mulheres naquela época. Os saberes passados pelos extensionistas eram marcados por relações de gênero, e a propriedade rural e a casa eram vistas de forma distinta, a primeira marcada pela atuação masculina na lavoura e a segunda marcada pelo feminino dentro do ambiente doméstico da casa.<sup>1</sup>



A Economista Doméstica Elza Cãnfora<sup>2</sup> define sua profissão:

*“Se perguntarmos a uma dezena de pessoas: ‘O que é economia doméstica?’, estamos seguros de que quase a totalidade responderá: ‘É preparar comida e costura’. Este, porém é um conceito errado. Economia Doméstica é uma carreira, uma profissão que se preocupa com tudo aquilo que se refere à vida familiar. Tendo como objetivo melhorar cada vez mais a vida da família, exige ela, conhecimentos amplos e variados. A fim de atingir seu fim, aplica princípios de ciências e de artes à atividade familiar. [...] Sociologia, matemática, psicologia e medicina são campos que fornecem à Economia Doméstica conhecimentos indispensáveis ao seu objetivo, que é preparar bem a mulher para suas funções de esposa, mãe e membro ativo da comunidade.”*<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Ligada ao ETA, Cãnfora foi uma das palestrantes durante a Semana Rural que precedeu o curso em Viçosa. CÂNFORA, Elza. Economia doméstica e habitação rural. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960

<sup>3</sup>Ibid., p.133

Fig. 7 - Aluna durante a aula de decoração ESED da UREMG. Acervo do Arquivo Central e Histórico da UFV





A carreira formaliza-se com a criação da Escola Superior de Ciências Domésticas (ESCD) na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). A UREMG teve como origem a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), criada por Arthur Bernardes em 1926 quando o mesmo ainda estava à frente do governo mineiro. As relações com os EUA mais uma vez mostram-se presentes, com a contratação do especialista agrícola Peter Henry Rolfs para implantar o modelo de ensino norte americano na Escola. Ficando mais de uma década sob o comando da mesma, a ESAV tornou-se referência em termos de ensino agrícola na época, entrando em decadência pela turbulência política gerada principalmente com a Revolução de 1930.<sup>4</sup>

Apenas em 1948, através da parceria Brasil e EUA estabelecida pelo Ponto IV, a ESAV transformar-se-ia em UREMG<sup>5</sup>, tendo para além da ESCD, a Escola Superior de Agricultura da antiga ESAV; Escola Superior de Veterinária, a Escola de Especialização, o Serviço de Experimentação e Pesquisa, e o Serviço de Extensão.

Pinheiro<sup>6</sup> analisa que, apesar das mulheres ampliarem seus direitos após

<sup>4</sup> GONÇALVES, Daniele Leonor Moreira. Ser mulher, ser moderna, ser economista doméstica: representações do feminino na Escola Superior de Economia Doméstica de Viçosa (1952 a 1959). Tese (Mestrado em Educação Tecnológica). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020

<sup>5</sup> RIBEIRO, Maria das Graças. Caubóis e Caipiras. Os land grant college e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. História da Educação. ASPHE/UFPEL: Pelotas, nº19, p 105 -120, abril 2006

<sup>6</sup> PINHEIRO, Camila Fernandes. Estado, Extensão Rural e Economia Doméstica (1948-1974). Tese (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2016.p. 57

<sup>7</sup> Ibid. , p.63

<sup>8</sup> Pinheiro ainda menciona o trabalho de Paola Giuliani que aponta para a dupla jornada feminina das mulheres rurais. Apesar do discurso pregar a atuação feminina dentro do ambiente doméstico, o mesmo não indicava uma diminuição da força de trabalho nos campos.GIULIANI, PAOLA. “Os Movimentos de Trabalhadoras e a Sociedade Brasileira” In: DEL PRIORE, M (Org.) História das Mulheres no Brasil. Contexto, 1997

<sup>9</sup> As Missões ainda parecem aproximar-se das chamadas Equipes do Bem Comum (ECB) no Uruguai. Virgínia Pontual assinala a atuação do grupo a partir de 1949, promovendo estudos técnicos através da ação católica. PONTUAL, Virgínia. Louis Joseph Lebrez na América Latina: UM EXITOSO LABORATÓRIO DE EXPERIÊNCIAS EM PLANEJAMENTO HUMANISTA. Rio de Janeiro: Letra Capital, Editora UFPE, 2016, p.72

a Segunda Guerra Mundial, o Brasil parecia seguir na época uma tendência norte-americana de restabelecimento da mulher no ambiente doméstico. Pode-se dizer que o *american way of life* era introduzido para as camadas rurais através da economia doméstica e de um discurso de modernização. Soma-se a essa análise o contexto de Guerra Fria e o avanço do ideal capitalista, também convertendo as mulheres camponesas em potenciais consumidoras.

A profissão dessa forma penetrava o meio rural através do slogan “um agrônomo, uma professora e um jipe”<sup>7</sup>, difundido pelo ETA. Dessa forma, a ideia de modernização traduzia-se pela educação do trabalhador rural na lavoura com a melhoria técnica e a educação de mulheres para sua atuação dentro do ambiente da casa.<sup>8</sup>

A economista doméstica, Diamantina Conceição apontava, em seu discurso na Semana Rural promovida no Rio de Janeiro, que também por intermédio do ETA se organizavam as chamadas Missões Rurais<sup>9</sup>, com o objetivo de transmitir conhecimentos às populações camponesas acerca de temas como educação, melhorias na casa e higiene. Diamantina ainda ressalta:





Fig. 8 - Alunas durante o CRR em Viçosa. Também é possível observar o jipe ao fundo, o que vai ao encontro com o logo “um agrônomo, uma professora e um jipe” do ETA. Experiencias sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961

<sup>10</sup> COSTA CONCEIÇÃO, Diamantina. As missões rurais e seus programas de habitação rural. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960.p.95

<sup>11</sup> Os Clubes eram inspirados no modelo norte americano de Clube 4H (HEAD, HEART, HEALTH, HANDS). GONÇALVES, Daniele Leonor Moreira. Ser mulher, ser moderna, ser economista doméstica: representações do feminino na Escola Superior de Economia Doméstica de Viçosa (1952 a 1959). Tese (Mestrado em Educação Tecnológica). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020. p. 81

*“ [...] o seu nervo motor, por assim dizer, é a organização ou a reorganização das comunidades, compreendendo-se nessa palavra “comunidade”, não a mínima divisão administrativa mais conhecida que é o município, mas sim o povoado, o lugarejo habitado por população estável. Para as comunidades, pois, com todos os seus fatores para o complexo humano, é que as Missões Rurais procuram realizar o grande postulado da Educação de Base: ‘ Ajudar as populações a que se ajudem a si mesmas. ’” <sup>10</sup>*

É interessante também pensar em outro ponto no discurso de Diamantina: qual é o lugar do problema habitacional dentro das questões trabalhadas nas Missões. Antes mesmo de se defrontar com a paisagem humana, é a paisagem habitacional que os técnicos observam. Além disso, é principalmente através da atuação da mulher que as principais melhorias na casa são feitas. Nesse sentido, aparece a importância da atuação de Clubes de Mães e Clubes Femininos <sup>11</sup> para a mediação do diálogo entre os técnicos e a comunidade.



Os Clubes aos quais Diamantina se refere são também uma iniciativa da ABCAR e do ETA junto com a juventude rural. Difundem-se regionalmente, os chamados Clubes 4S (Saber, Sentir, Servir, Saúde), como um espaço de lazer e educação complementar. Os clubes frequentados principalmente por mulheres, tinham a proposta de difusão de conhecimentos acerca de vestuário, nutrição, saúde e saneamento, incentivando os membros a realizarem e apresentarem um projeto que englobasse uma dessas vertentes. Como será analisado, o projeto para construção de uma sede para o Clube 4S regional é uma das propostas desenvolvidas durante o curso realizado em Viçosa. A figura da mulher torna-se central neste contexto, seja no papel da economista doméstica, quanto o da moradora rural.

O surgimento da economia doméstica no meio rural como campo disciplinar não era um fenômeno exclusivo do Brasil, como aponta o trabalho de Florez<sup>12</sup>, acerca do papel da mulher no Projeto 39<sup>13</sup> do IICA. O Projeto coordenado pela OEA, buscava promover o melhoramento da casa e cotidiano rural através principalmente da educação da mulher camponesa. A autora ainda analisa como o apoio dos Estados Unidos (seja via OEA, seja

<sup>12</sup> FLOREZ, Paula. La nueva mujer rural y las ecónomas domésticas del proyecto 39 de la OEA, 1951 -1956. Seminario Internacional, Profesionales, Expertos y Vanguardia. Rosário: junho de 2018. p. 65 -71

<sup>13</sup> O Projeto 39, denominado "Enseñanza Técnica para el mejoramiento de la agricultura y la vida rural" foi um programa de cooperação técnica da OEA, com vigência entre 1951 e 1966. Dentre as justificativas para o projeto, mostra-se mais uma vez central a relação entre o crescimento urbano e o ambiente rural, também sendo apontada a falta a insuficiência agrícola e o desabastecimento. *ibid.*, p. 66



Fig 9 - Aula sobre produção de geleia. Nota-se os equipamentos de cozinha e a organização deles, o que vai ao encontro com a tese proposta por Florez e Pinheiro sobre a conversão da mulher rural em uma potencial consumidora desses utensílios. Acervo do Arquivo Central e Histórico da UFRV





<sup>14</sup> GONÇALVES, Daniele Leonor Moreira. Ser mulher, ser moderna, ser economista doméstica: representações do feminino na Escola Superior de Economia Doméstica de Viçosa (1952 a 1959). Tese (Mestrado em Educação Tecnológica). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020. p. 127

Fig 10 - Aluna da ESED estudando a chamada “Estrela da boa nutrição”. Acervo do Arquivo Central e Histórico da UFV

pela iniciativa privada) coloca a casa rural como peça chave em um contexto de grandes transformações e disputas políticas da Guerra Fria. A proposta de trabalho do Projeto 39, como será abordado no próximo capítulo, guarda grande semelhanças com o curso promovido em Viçosa e os dois eventos parecem convergir para um mesmo contexto.

Mas, apesar de impossível desconsiderar os modelos de submissão de gênero reproduzidos pela educação doméstica, seria completa a leitura da atuação dessas profissionais apenas por essa chave?

O trabalho de Gonçalves<sup>14</sup> aponta para a posição paradoxal que se encontravam as economistas domésticas: apesar da reprodução de um sistema patriarcal delimitando o ambiente da mulher à casa, a própria presença dessas mulheres na universidade já é um desvio dentro desse sistema. Apesar de ensinarem o papel de mãe, esposa e dona de casa, a maioria das economistas domésticas tinham que escolher entre estudar ou casar: a autora ressalta o grande número de celibatárias entre as profissionais.

A análise do curso evidencia a faceta patriarcal da sociedade rural, ao mesmo tempo em que mostra a moradora do campo como figura ativa, não só



no debate em torno das questões domésticas, mas em relação aos métodos e formas de construir a casa rural. A realidade construída durante os cursos parece ir de encontro com o próprio discurso proposto de mulher como um agente passivo, restringindo seu papel à dona de casa, mãe ou esposa: não só através da economista doméstica, mas também as moradoras rurais parecem ser protagonistas no processo de transformação do meio.

Uma segunda profissão que emerge da colocação da casa como ponto central da extensão rural é a arquitetura. A figura do arquiteto é pouco presente no ambiente rural que tem a maioria das suas habitações planejadas e construídas pelo próprio morador ou por sistema de mutirão.

A demanda desse profissional surge principalmente a partir da atuação precursora entre a ANCAR e a Fundação Casa Popular (FCP) que firmaram um acordo junto com o Ministério da Agricultura e o Branco do Brasil para, a partir de 1954, promover a construção, reconstrução e melhoria das habitações rurais durante o período de cinco anos. As Cláusulas do acordo citavam:

Fig 11 - Alunas da ESED durante aula prática no laboratório. Acervo do Arquivo Central e Histórico da UFV





*“ Cláusula Segunda - Na execução desse programa incumbe à Fundação contribuir com os recursos necessários à realização dos seus objetivos; ao Banco efetuar os financiamentos, controlar e fiscalizar sua aplicação; e à ANCAR selecionar mutuários, orientá-los, assisti-los e colaborar com o Banco na fiscalização e controle das aplicações*

[...]

*Cláusula Quarta - Os financiamentos se destinam às casas das zonas rurais, de preferência de proprietários, arrendatários, parceiros ou trabalhadores rurais, inclusive das indústrias mineiras, podendo ainda estender-se à habitação nos povoados, vilas e pequenas cidades do interior, neste caso somente quando diretamente relacionado com o desenvolvimento da produção agrícola e da pequena indústria.*

[...]

*Cláusula Sétima - a) utilizar, tanto quanto possível, materiais locais e o método de ajuda própria e cooperação rural*

*b) contribuir para a melhoria das condições sanitárias no meio rural, bem como das condições gerais de eficiência da população rural e fixação do homem no campo. ”<sup>14</sup>*

<sup>14</sup> CAVALCANTI BEZERRA, Uchôa Daniel. Uma experiência de habitação rural no Nordeste. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960. p. 110

<sup>15</sup> BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade, 1998 e MANOEL, S. K. . Dimensões nacionais da habitação social: dos congressos de habitação à Fundação da Casa Popular (1930-1953). In: I Jornada: Questão brasileira e Movimento Moderno, 2002, São Carlos. Anais da I Jornada: Questão Brasileira e Movimento Moderno. São Carlos, 2002.

<sup>16</sup> CAVALCANTI BEZERRA, Uchôa Daniel. Uma experiência de habitação rural no Nordeste. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960. p. 110

Vale mencionar a presença da FCP no contexto, pensando a instituição como uma primeira tentativa a nível nacional de resolver as questões habitacionais no país<sup>15</sup>. Também é importante ressaltar a atuação pioneira da fundação ao voltar seus esforços para a problemática rural. Daniel Uchôa Cavalcanti de Bezerra<sup>16</sup>, técnico ligado à ANCAR é quem disserta sobre a parceria entre a instituição e a FCP durante discurso na Semana Rural, destacando os benefícios do acordo firmado entre as duas instituições: enquanto a ANCAR conseguiria através de sua estrutura regional levar até o campo o apoio técnico, a FCP provia o financiamento e também técnicos especializados em habitação.

Embora precursora, a iniciativa foi considerada um fracasso principalmente pela falta de técnicos aptos a pensar os problemas das habitações rurais. Até então, apesar de ser um tema, a ABCAR não tinha um setor específico para a questão habitacional, e os técnicos enviados pela FCP pouco tinham experiência em questões inerentes ao ambiente rural.

A questão do treinamento técnico passa a ser central e a partir disso é criada a Divisão de Habitação Rural da ANCAR, encarregada de um curso de





Figura 12 - Aula de campo sobre habitação no Curso de Economia Doméstica da ESED, com o Professor Vicente de P. Machado, na década de 1950. Acervo do Arquivo Central e Histórico da UFV

<sup>17</sup> O termo “ajuda própria” aparece mais de uma vez nos escritos acerca do curso de Viçosa. A interpretação feita por essa pesquisa em relação ao termo e ao contexto em que ele é inserido é a de que o extencionismo busca através do ensino prover meios para que os moradores rurais ajudem a si mesmo e encontrem soluções melhores para sua habitação.

<sup>18</sup> Ibid., p.112

treinamento anual para agrônomos e economistas domésticas que atuavam junto às missões. Até então, a figura do arquiteto é ausente no debate, apesar da temática arquitetônica ser central. Dessa forma discussões como materiais e técnicas ou a espacialidade da casa, por exemplo, cruzavam-se com temas já versados por aqueles profissionais como higiene, saneamento e otimização da casa.

O curso dividia-se em duas partes: uma mais teórica e outra que buscava entender na prática os problemas corriqueiros aos quais o morador rural estava exposto. Esta segunda etapa buscava entender novos métodos e materiais de construção, como solo cimento, ajuda mútua ou ajuda própria<sup>17</sup>, questões centrais nos trabalhos desenvolvidos também pelo CINVA. Ao mesmo tempo, buscava-se um trabalho de estudo e inventariação das técnicas tradicionais utilizadas, como por exemplo, taipa, pau a pique e adobe, a fim de fornecer informações de como as mesmas poderiam ser aproveitadas para a melhoria das casas. As aulas práticas incluíam trabalho em campo como treinamento de marcação de casas, fabricação de lajes e visitas a canteiros de obras orientadas sob a supervisão da ANCAR.<sup>18</sup>

O contato com o CINVA veio de uma preocupação da ANCAR em ampliar ainda mais os estudos acerca do tema: o arquiteto panamenho Hugo Navarro<sup>19</sup>, é contratado para desenvolver uma pesquisa piloto de pequena envergadura em uma região pernambucana.

*“Nesta pequena amostra foram considerados fatores socioeconômicos educacionais ligados à casa rural. Foi também estudada a técnica construtiva, a arquitetura existente, o comportamento dos supervisores e as tendências da família rural no que se refere à casa. [...] Tipos de casa foram sugeridos para servirem de base para os futuros projetos.”*<sup>20</sup>

Por se configurar como uma das primeiras investigações nesses moldes, a OEA solicitou os originais da mesma para que o estudo fosse publicado, visando o interesse de outros profissionais da América Latina.

Deste trabalho parece despontar uma outra importante conclusão: a necessidade do arquiteto junto à atuação em meio rural. A turma seguinte

<sup>19</sup> Hugo Navarro era Chefe do Programa de Vivenda Rural do Instituto de Fomento do Panamá, sendo também ex-aluno do CINVA. O arquiteto promove com o apoio do Centro, em 1957, um estudo acerca de Vivenda Rural no Panamá, documento cuja capa pode ser observada na página 43. Ainda sobre este trabalho, é o próprio Navarro que envia para a FAU USP em 1958 uma edição do documento. O arquiteto parece dar continuidade aos estudos acerca de habitação de interesse social no seu país natal, publicando em 1975, "La vivienda de interés social en Panamá (una metodología para su investigación)".

<sup>20</sup> Ibid., p 115

<sup>21</sup> Ibid., p. 116

ao trabalho de Navarro já contava com os primeiros arquitetos no curso de treinamento da ANCAR. Além disso, os escritórios locais passariam a contar para além do agrônomo e da economista doméstica, com um profissional ligado à arquitetura.

Cavalcanti de Bezerra em seu discurso também apontou para a dificuldade que este profissional encontraria no ambiente rural evidenciando a incongruência entre o que é pregado nas escolas de arquitetura e a realidade campesina brasileira:

*“ O seu justo anseio é o de criar um projeto de grande envergadura. De fazer um plano urbanístico que impressione. De obter, em tempo curto, condições financeiras que atendam às suas ambições, mesmo que modestas. Na realidade, nossas escolas não orientam os seus alunos, no que se refere à habitação rural, para um ponto de vista realista. As aulas giram sempre em torno de condições ideais no que se refere a questões financeiras, técnicas e humanas.”*<sup>21</sup>





<sup>22</sup> Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961 p.76. “O arquiteto, como o médico, o sacerdote ou o agrônomo extencionista, tem uma missão social como educador. Esse novo tipo de arquiteto extencionista, produto de contatos com as disciplinas sociais, é o que necessita os programas habitacionais no Brasil e em muitos outros países em todo o mundo.” Tradução realizada pela autora

Figura 13 - Aula Teórica ministrada por Ernesto Vautier no período teórico do CRR em Viçosa. Experiencias sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961

O problema também é aludido por Ernesto Vautier durante as aulas ministradas no curso em Viçosa. O arquiteto argentino tece críticas às Faculdades de Arquitetura em geral, cujos ensinamentos estão voltados para um trabalho individualizado e preocupado muito mais com a forma e plástica, não priorizando o papel do arquiteto dentro de um trabalho em equipe, ou de um projeto de interesse social. Vautier ainda pontua que o meio rural impossibilita tais anseios estéticos uma vez que a realidade campesina impõe limitações técnicas e econômicas. Não há espaço para a “personalidade profissional” uma vez que é preciso casas simples, melhoramentos possíveis e um planejamento em massa. Para ele, é necessário que os arquitetos adquiram o que chama de “mentalidade rural”, ressaltando a dimensão de “serviço social” da profissão.

*“El arquitecto, como el médico, el sacerdote o el agrónomo extensionista, también tiene una misión social como educador. Este nuevo tipo de “arquitecto extensionista”, producto de contactos con las disciplinas sociales, es el que se necesita en los programas de vivienda del Brasil y de muchos otros países en todo el mundo.”* <sup>22</sup>



É nesse contexto de busca de capacitação que se insere o envio de dois profissionais ligados ao sistema ABCAR para o curso regular do CINVA: em 1956 o arquiteto Sylvio Niemeyer, então Chefe da Divisão de Habitação e Construções Rurais da ABCAR; e em 1958 o agrônomo Suetônio Pacheco<sup>23</sup>, especialista em Habitação Rural da ACAR -MG. Como mencionado anteriormente, a ANCAR já havia tido contato com o CINVA através de Hugo Navarro. Esses acontecimentos evidenciam tanto a importância que o CINVA teve em balizar as questões acerca da profissionalização de técnicos aptos para atuar em solo brasileiro, quanto o papel ativo desses técnicos nos acordos de cooperação e em seus desdobramentos.

A iniciativa de realização de um curso com temática rural no Brasil surgiu de Niemeyer que encaminhou para o Diretor Executivo do Programa de Cooperação Técnica da OEA a proposta. Tal projeto não só encontrou solo fértil no CINVA, que já tinha interesse de ampliar seus cursos para além da Colômbia, como também vinha ao encontro da necessidade de treinamento dos profissionais da ABCAR.

<sup>23</sup> É interessante pontuar que no mesmo ano também frequenta o CRR, o arquiteto Newton de Oliveira, ligado ao IAB. O profissional também é um dos brasileiros que participam do Seminário de Técnicos e Funcionários em Planejamento Urbano que é realizado no CINVA em 1958.

Figura 14 - Caricatura feita por Raul Bucheli, um dos alunos do CRV de 1957. Nota-se a presença dos brasileiros Suetônio Pacheco e Newton de Oliveira. Acervo Fundo CINVA - UNAL





## 2.3.Organização do Curso

O convênio entre a ABCAR e o CINVA estabeleceu que a instituição brasileira ficasse a cargo da direção administrativa do curso, chefiando essa função o agrônomo Jorge Vieira; enquanto isso a instituição colombiana coordenaria a direção técnica, sob o comando do arquiteto Ernesto Vautier junto com a assistente social Maria Josephina Albano. Orlando Fals Borda foi enviado como consultor da OEA para o curso, apesar de já ter figurado como consultor do próprio CINVA em trabalhos anteriores. A coordenação entre a direção do curso e os demais membros da ABCAR foi feita por Sylvio Niemeyer, enquanto a coordenação discente ficou à cargo de Suetônio Pacheco.

Pode-se dizer que o curso se dividiu em três partes: uma semana introdutória realizada no Rio de Janeiro intitulada de Semana de Habitação Rural; um período de preparação teórica, já na Universidade Rural de Minas Gerais em Viçosa; e uma última etapa de investigação e planejamento para vilarejos de Palmital e Padre Nosso, vizinhos à Viçosa.

<sup>1</sup> Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958

<sup>2</sup> Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960

A Semana de Habitação Rural, que ocorreu entre os dias 19 e 23 de agosto, buscava gerar publicidade para o curso e servir também como uma semana de orientação, introduzindo a temática aos alunos interessados. Uma série de palestras foram realizadas no auditório da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), reunindo diversos profissionais de diferentes instituições que atuavam no âmbito rural no Brasil.<sup>1</sup>

Tais palestras deram origem à publicação do livro *Problemas de Habitação Rural*,<sup>2</sup> em 1960 através do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura. Cavalcanti Bezerra durante a semana faz um breve resumo das contribuições de cada palestrante para o debate.

*“ [...]Tivemos assim o Prof. Ernesto Vautier (do CINVA) nos mostrando o que se passa na América Latina e o que o CINVA faz. Vimos um dos pioneiros brasileiros do estudo do problema, Dr. A. L. Duprat, apresentar de modo geral a situação do Brasil. Em seguida, o sociólogo Manuel Diégues Jr., com sua autoridade nos fala sobre os “aspectos sociais da*

*habitação rural”. O SESP, [...] nos traz pela palavra do Dr. Álvaro Milanez uma visão segura, justa, da questão de “habitação rural e saneamento”. O ETA e as Missões Rurais, por intermédio das professoras Elza Cãnfora e Diamantina Costa Conceição, contam o que há na parte das ciências domésticas e assistência social, o que se faz e o que se poderia fazer”*<sup>3</sup>

A fase de preparação teórica ocorreu de 25 de agosto a 11 de outubro e contou com uma série de aulas multidisciplinares. A Tabela 1 lista os professores do curso, suas áreas de atuação e as atividades ministradas durante essas duas primeiras etapas do evento. Nota-se mais uma vez como o debate em torno da habitação rural transpassa diferentes campos. A própria presença de Vautier como único profissional da arquitetura na grade de professores, aponta também para o problema já levantado de falta de profissionais especializados no tema acerca da habitação rural. A grande presença de assistentes sociais e economistas domésticas, além de indicar a mesma interdisciplinaridade, revela a participação ativa de mulheres nas redes profissionais sobre o assunto.

<sup>3</sup> CAVALCANTI BEZERRA, Uchôa Daniel. Uma experiência de habitação rural no Nordeste. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960 p.106

<sup>4</sup> FALS BORDA, Orlando. El Brasil: campesinos y vivienda. Imprenta Nacional. Bogotá, 1963.

Como mencionado, a última etapa do curso foi realizada entre 16 de setembro e 13 de novembro, com uma pesquisa de campo nos grupos de vizinhança de Palmital e Padre Nosso, próximos à Viçosa. O trabalho de entrevistas e a análise da comunidade foi orientado pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda e suas conclusões estão em seu livro *El Brasil: Campesinos y Vivienda*<sup>4</sup>, publicado em 1960.

Essa análise deu base para o desenvolvimento de três projetos:

- *Projeto de uma casa experimental, que consistia na construção de uma casa modelo, construída no sítio piloto do Departamento de Economia da Escola de Agricultura de Viçosa;*
- *Projeto de extensão em habitação, que propunha melhorias para as casas dos moradores de Palmital e Padre Nosso que se interessassem;*
- *Projeto de Desenvolvimento da comunidade, pretendia tornar realidade o projeto de sede física do Clube 4S, algo ansiado pelos moradores;*





Figura 15 - Palestra do estudante Eusébio Terra durante o curso de Viçosa. Acervo do Arquivo Central e Histórico da UFV

<sup>5</sup> A publicação da União Pan-americana acerca do Serviço Social na América Latina (1957) menciona o funcionamento da Escola Agrícola Feminina da Fazenda Patioba, sendo listada como a única do Brasil com formação específica de Assistência Social Rural.

Em relação ao quadro de estudantes inscritos no curso (Tabela 2), destaca-se a multidisciplinaridade dos alunos, com a presença de arquitetos, engenheiros agrônomos, economistas domésticas e assistentes sociais. Em relação às instituições de origem desses alunos, a análise vai ao encontro do contexto supracitado, com a presença de profissionais do sistema ABCAR (ANCAR, ACARES e ACAR-MG), da ESCD da UREMG, e do ETA. Ainda são citadas outras instituições como o Instituto de Imigração e Colonização (INIC), o Serviço Social Rural (SSR) e a Escola de Economia Doméstica da Fazenda Patioba (RJ)<sup>5</sup>.



Tabela 1

Nome	Profissão	Semana Rural	Preparação Teórica
<b>Irineu Cabral</b>	Diretor Executivo da ABCAR	Apresentação do curso	
<b>Ernesto Vautier</b>	Arquiteto – Chefe do Programa Rural do CINVA	O problema da habitação rural de	Ambiente e habitação rural
		interesse social na América Latina	Aspectos técnicos e administrativos de projetos de ajuda própria e mútua
		O programa rural do CINVA	Guia geral de projetos de extensão em habitação rural
			Planejamento da Habitação Rural
<b>Augusto Duprat</b>	Engenheiro	O problema da habitação rural no Brasil	
<b>Manuel Diegues</b>	Sociólogo	Sociologia da Habitação rural	
<b>Elza Canfora</b>	Economista Doméstica	Economia Doméstica na Habitação Rural	
<b>Diamantina Conceição</b>	Economista Doméstica	As Missões Rurais no Programa de Habitação Rural	
<b>Álvaro Milanez</b>	Engenheiro	A Habitação Rural e o Saneamento	Materiais e técnicas rurais
<b>J. E. Macedo Soares</b>	-	As relações humanas nos programas rurais	
<b>Daniel Ochoa Cavalcanti Bezerra</b>	Engenheiro	O crédito rural supervisionado: uma experiência em habitação rural	
<b>Luiz Carlos Mancini</b>	Assistente Social	Necessidade de uma política em habitação rural	
<b>Josephina Albano</b>	Assistente Social	Organização da comunidade Projeto de Ajuda própria e mútua Recomendações sobre o projeto do Club 4S	
<b>Jorge Vieira</b>	Agrônomo – Diretor da SIA	Conceito, filosofia e história da Extensão Rural Educação de Adultos Métodos de Extensão Crédito Rural Supervisionado	
<b>Gilberto P. Melo</b>	Agrônomo - ACAR	Métodos de demonstração Métodos de reunião Métodos de visita	
<b>Edgard Vasconcellos</b>	Ciências Sociais	Sociologia Rural: comunidades e grupos locais	
<b>Orlando Fals Borda</b>	Sociólogo	Sociologia da Habitação Rural	
<b>Alfonso Pylrro</b>	Assistente em saneamento	Saneamento Rural	
<b>Aurea Serra Andrade</b>	Economista Doméstica	Organização de grupos e clubes (Club 4S)	
<b>Homero de Oliveira</b>		Classes sobre métodos de comunicação e ajudas audiovisuais	
<b>Suetônio Pacheco</b>	Agrônomo - ACAR	Crédito Rural Supervisionado Planejamento do trabalho de extensão rural	
<b>Helena Teixeira Martins</b>	-	Economia doméstica e habitação rural	
<b>Vicente Machado</b>	Agrônomo	Administração de construções	

Tabela 2

Nome	Profissão
Eusébio Terra	Engenheiro Agrônomo – Supervisor Agrícola da ACARES
Anastácio Pereira Silva	Engenheiro Agrônomo – Professor da Escola de Agronomia do Nordeste
Jader de Amora Assis Republicano	Engenheiro Agrônomo do INIC
Gerson Marinho Sampaio	Arquiteto da ANCAR
Francisco Dias Vasconcelos	Arquiteto da ANCAR
Bencion Tiomny	Arquiteto do SSR
Joana D’Arc Brumano	Economista Doméstica – Supervisora da ACAR-MG
María Luisa Peixoto	Economista Doméstica – Professora da Escola de Economia Doméstica da Fazenda Patioba
Jamili Anízio Assaf	Economista Doméstica do ETA
Helaine Castanheiras	Professora de Extensão da UREM
Helena Teixeira Martins	Economista Doméstica – Professora de Decoração da ESED da UREM
Lélia Assunção	Assistente Social do Departamento Municipal de Habitação e Bairros Populares de Belo Horizonte

Tabela 1 - profissinais envolvidos na duas primeiras etapas do curso: a Semana de Habtitação Rural, no Rio de Janeiro, e a as aulas Teóricas, em Viçosa. Os espaços assinalados com um traço são de profissionais que a pesquisa não conseguiu obter informações.

Tabela 2 - alunos matriculados no curso

Tabelas elaboradas pela autora



### 3. A casa rural no centro do debate





Figura 16 -Casa Rural típica da região de Palmital e Padre Nosso. Experiencias sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

<sup>1</sup> Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958

### 3.1. Palmital e Padre Nosso

As comunidades de Palmital e Padre Nosso eram formadas por 66 famílias com um total de 360 pessoas que ocupavam uma área de 6.8km. Das 66 famílias, 60 permitiram a incorporação dos dados na pesquisa realizada para o curso. Segundo o levantamento, podia-se considerar como um pequeno centro uma área que continha algumas escolas, a capela, um campo de futebol e um comércio, o que é evidenciado no mapa 4. Essa centralidade demarca uma importante parte da vida do campesino para além da casa com a realização de jogos de futebol, reunião de alunos e professoras (todos de Palmital e Padre Nosso), além de Missas e outras celebrações.

O relatório aponta também para dados como o índice de alfabetização: a partir da idade de 7 anos, o número de alfabetizados é de 172, o que corresponde a 59.1% da população. Entre eles, mais mulheres sabiam ler e escrever, ao todo 85.<sup>1</sup> Comparativamente, o índice de alfabetização também era maior entre jovens, o que revela uma mudança cultural importante do ponto de vista geracional. A pesquisa também aponta para os anos de



escolaridade, apresentando o contrastante número médio de 2.5 anos na escola. A fala de Fals Borda ainda completa:

*En general, las gentes de Palmital y Padre Nosso tienen un alto concepto de la educación y aspiran a que sus hijos sobresalgan en la escuela y puedan prepararse algún día para seguir carrera en la ciudad.*<sup>2</sup>

Em relação às atividades, a Figura 16 , mostra tabeladas as ocupações apontadas pelos moradores, segundo o sexo. A maioria dos homens eram agricultores, enquanto as mulheres exerciam atividades domésticas. A pesquisa também apontava para uma série de atividades secundárias exercidas por elas, que correspondiam a: costura, lavadeira, agricultura e bordado. O trabalho concluía que as profissões desempenhadas em Palmital e Padre Nosso se mostravam bastante tradicionais.

Em relação à religião, os moradores seguiam em sua maioria a Igreja Católica Romana, também havendo simpatizantes do Espiritismo. A questão religiosa emerge como um fator importante que conecta o morador rural com a comunidade e, como será analisado, tal aspecto parece ser um dos principais caminhos para o extensionista estabelecer um primeiro contato

<sup>2</sup> FALS BORDA, Orlando. El Brasil: campesinos y vivienda. Imprenta Nacional. Bogotá, 1963. p.34. “ Em geral, as pessoas de Palmital e Padre Nosso tem um alto conceito sobre educação e aspiram que seus filhos se sobressaíam na escola e possam se preparar algum dia para seguir carreira na cidade.” Tradução realizada pela autora.

Mapa 4 - Desenho com implantação das habitações em Palmital e Padre Nosso. Base retirado do documento Experiencias sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961. Interferências realizadas pela autora

- riacho
- estrada
- casas habitadas
- casas abandonadas
- outras construções
- centro



Mapa 4



com a população local: a mesma estratégia já era usada pelas economistas domésticas através das Missões Rurais. A análise aponta como a crença também em “simpatias” e no sobrenatural era uma característica presente não só na rotina como na própria casa do campesino.

O índice de fertilidade em Palmital e Padre Nosso era alto: “824, o que significa que há 824 crianças de menos de 5 anos por mil mulheres por idade de procriar”<sup>3</sup>. A análise era de que a fertilidade elevada era um dado muito comum no ambiente rural na América Latina, não só relacionada a fatores sociais, mas também a questões econômicas, como maior mão de obra para ajudar os pais no campo. Outro fato que chama a atenção é o destaque para o uso de certas ervas para promover o aborto, apontado como uma prática pouco recorrente.<sup>4</sup>

Tanto as observações sobre as crenças em simpatias, talvez tidas como “fora do padrão” pelos técnicos, bem como a preocupação em citar o uso de ervas abortivas por algumas mulheres, demonstram a dimensão ideológica da atuação junto às comunidades, que pressupunham uma conduta moral para a modernização dos trabalhadores rurais, que o mantivesse relacionado às

<sup>3</sup> Ibid., p.38

<sup>4</sup> Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958, p. 24

Figura 17 - Tabela com o Estado civil da população de Palmital e Padre Nosso com 15 anos ou mais, por sexo. 1958. Experiencias sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

Figura 18 - Tabela com as ocupações principais da população de Palmital e Padre Nosso com 15 anos ou mais, por sexo. 1958. Experiencias sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

Estado civil de las personas de Palmital y Padre Nosso de 15 años y más, por sexo. 1958				
Estado Civil	Hombres		Mujeres	
	Número	%	Número	%
Casados	54	56.8	54	59.3
Solteros	36	37.9	26	28.6
Viudos	4	4.2	9	9.9
Amancebados	1	1.1	1	1.1
Separados	.	.	1	1.1
Total	95	100.0	91	100.0

Ocupaciones principales de las personas de Palmital y Padre Nosso de edad de 15 años y más, por sexo. 1958		
Ocupación	Hombres	Mujeres
	Número	Número
Agricultores	81	10
Domésticas		64
Estudiantes	1	5
Profesores		6
Albañiles	4	
Tenderos	2	
Dependientes de tiendas	2	
Carreteros	2	
Costureras		2
Lavanderas		2
Carpinteros	1	
Ebanistas	1	
Sombrereras		1
Parteras		1
Sin determinar	1	
Total	95	91



formas de religião e de família hegemônicas.

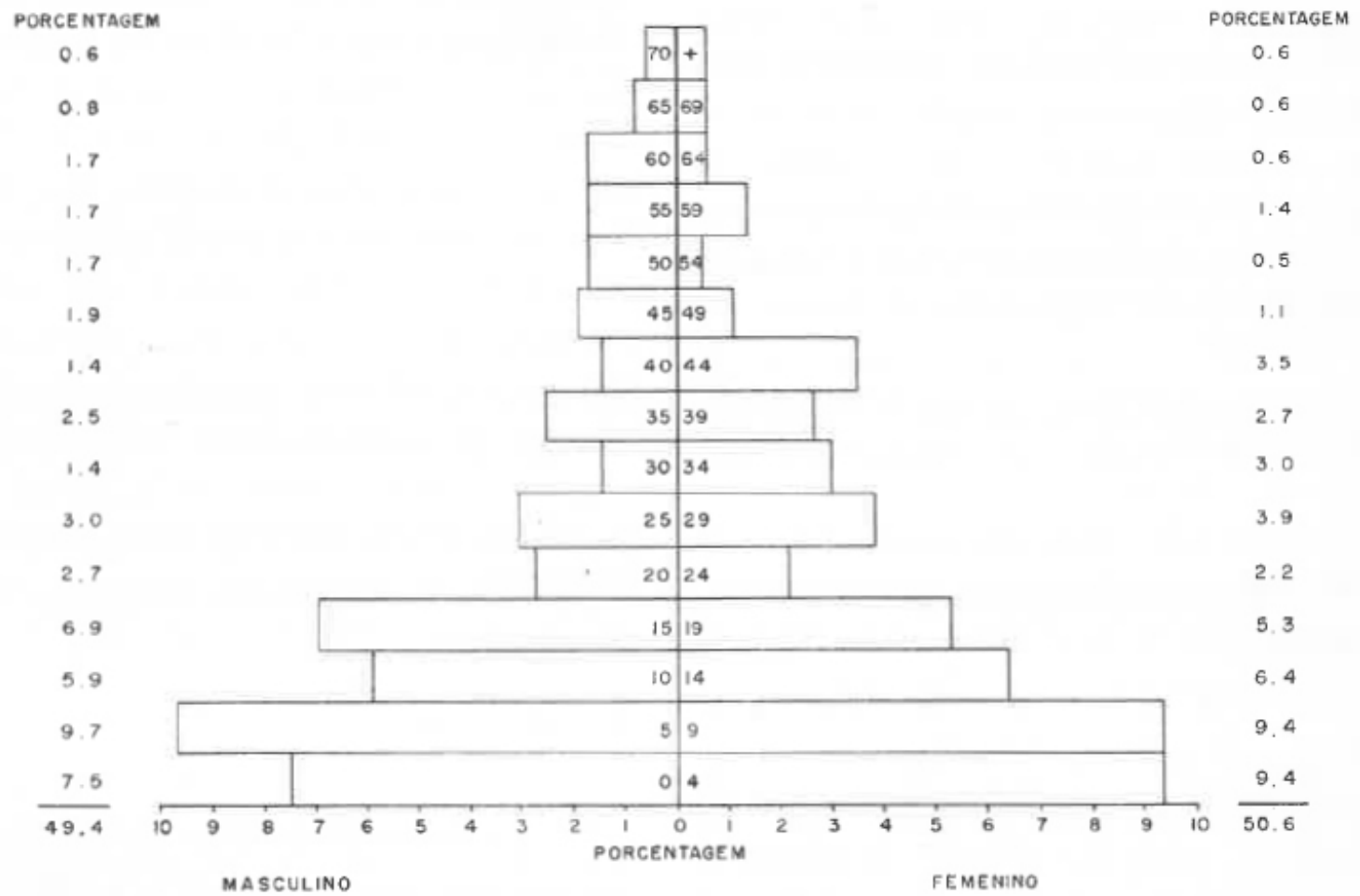
A mortalidade é também tema importante tratado no relatório, principalmente na análise das causas: em sua maioria, gripes, desinteria, varicela, sarampo, etc. A alta incidência dessas doenças, mesmo que não causasse a morte em crianças, era indicativo das baixas condições de salubridade dentro e fora de casa. O texto também apontava para a ausência de calçados como um fator para a propagação de enfermidades. A frequência de consultas ao médico era baixa, causada também, muito provavelmente, pela distância de hospitais próximos. Os entrevistados responderam em sua maioria que os levava a procurar um profissional da saúde era a busca pelo apaziguamento de dores. Também relataram o uso de medicamentos caseiros e a busca por curandeiros locais em caso de doenças.

Os laços de parentescos parecem ser determinantes na comunidade influenciando na própria forma de construção da casa, aspecto para o qual os técnicos estavam muito atentos: “Esto ha dado base para la tradición del mutirão o ayuda mutua, que practican con frecuencia para la agricultura y para construcción de casas”<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Ibid., p.83. “Isso deu base para a tradição local de mutirão ou ajuda mútua, praticada com frequência na prática agrícola e na construção das casas”. Tradução realizada pela autora

Figura 19 - Pirâmide de idade e sexos de Palmital e Padre Nosso, 1958. Experiencias sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

PIRAMIDE DE IDADES E SEXOS DE PALMITAL E PADRE NOSSO  
ANO 1.958



A partir de uma visão geral das condições de vida presentes nesses povoados, Fals Borda inicia uma análise minuciosa acerca do que denomina “funções da vivenda”. O autor divide o conceito em três categorias:

- *Funções Primárias da Vivenda - aquelas sem as quais seria impossível conceber a habitação. Relacionam-se com fatores ecológicos, como situação, orientação, espaços e usos dos recursos. São elas: abrigo, alojamento, intimidade, depósito e saúde e subsistência.*
- *Funções Complementares da Vivenda - aquelas em que os fatores psico-sociológicos dos moradores se mostram mais presentes. São elas: religiosa, estética, laboral, recreativa e educativa.*
- *Funções Coletivas da Vivenda - aquelas que dependem de um laço estabelecido entre o morador e o meio ambiente social. São elas: funções de estrutura ecológica, funções de povoamento e funções de estratificação social.*

A análise proposta por este trabalho parte dos cinco documentos publicados sobre o evento (já mencionados no primeiro capítulo), cruzando as informações contidas nessas fontes com leituras do contexto em que se inserem, e com plantas, cortes, esquemas e fotos encontradas, que ajudam a elucidar dimensões visuais das temáticas debatidas.

Alguns temas parecem despontar entre os demais, como o diálogo e métodos de alcance do extensionista para com o campesino; questões construtivas que envolviam os estudos acerca da casa rural; e também a análise espacial da casa, revelando suas principais funções dentro do cotidiano. Por fim, os debates realizados nesses tópicos convergem para a construção da Casa Experimental e de outros projetos realizados durante o curso.



3.2. Diálogo entre extencionista e campesino

Tomando como base a premissa de que a extensão rural é uma forma ensino, é de suma importância entender como é estabelecida a comunicação entre o profissional envolvido na extensão e o morador rural. Parece ser uma preocupação da ABCAR e do CINVA estabelecer um diálogo horizontal com os habitantes de forma que o trabalho funcione como uma cooperação e não como uma imposição. No esquema na página ao lado, são listados alguns dos métodos adotados pela ABCAR para estabelecer diálogo com as populações rurais.

Das formas de alcance em massa descritas é importante destacar o rádio, apontado como um dos mais efetivos meios de comunicação, com maior difusão do que meios como o cinema educativo e a televisão. Em relação aos cartazes, boletins, folhetos ou cartas, é dada a importância para a linguagem utilizada: não um vocabulário técnico, mas sim expressões de uso corriqueiro pelos moradores rurais. É assinalado como um grande empecilho para divulgação, o alto índice de analfabetismo .<sup>1</sup>

<sup>1</sup> O Sistema Brasileiro Cooperativo de Extensão Rural. Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR): Rio de Janeiro, 1963. p.18

Esquema sobre os métodos de alcance ao campesino. Dados retirados de tabela presente em O Sistema Brasileiro Cooperativo de Extensão Rural. Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR): Rio de Janeiro, 1963. p. 16



A partir disso mostra-se imprescindível a comunicação oral e visual. Em relação à última, a demonstração visual das ideias apresentadas pelos extensionistas provou-se o método mais operativo. A questão é levantada no Curso de Vivenda Rural:

*“ [...] ‘ver para creer’, es un decir muy común entre las gentes del campo, lo que tiene su razón de ser. Como muchos campesinos son analfabetos, los boletines y folletos explicativos ejercen poca influencia. [...] Una demostración de método sirve para enseñar a un grupo de personas como realizar determinadas prácticas.*

*[...] La efectividad de estas prácticas radica en la comparación que los campesinos hacen entre lo nuevo y lo antiguo, entre lo conocido y la innovación. Si las gentes se convencen de la bondad de lo nuevo, pueden proceder a adoptar la práctica; si no, la rechazan o posponen su adopción”*<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958 p.132. “ “ver para creer”, é um ditado muito comum entre as pessoas do campo, o que tem razão de ser. Como muitos camponeses são analfabetos, os boletins e folhetos explicativos exercem pouca influência. [...] Uma demonstração de método serve para ensinar um grupo de pessoas a realizar determinada prática.

[...] A efetividade dessas práticas veem da comparação que os camponeses fazem entre o novo e o antigo, entre o conhecido e a inovação. Se as pessoas se convencem dos benefícios do novo, podem adotar a prática, se não, a rechaçam ou postergam sua adoção.” Tradução realizada pela autora

<sup>3</sup> O termo é utilizado exatamente dessa forma no livro no Relatório Final e também no livro de Fals Borda, mostrando também como os centros urbanos relacionavam-se diretamente à ideia de modernização no imaginário do morador rural.

O uso da demonstração para os habitantes será utilizado diversas vezes durante o evento: desenho em 1:1 de plantas de casas para pensar nas espacialidades possíveis, construção de modelos de móveis, fornos e fogões com materiais diversos, preparação de blocos, e por fim, talvez a expressão máxima desse método: a construção de uma casa experimental que reproduzisse todos os debates promovidos no curso.

Destaca-se também a importância da ajuda mútua, método já empregado pelos moradores rurais através dos chamados mutirões. O contato direto entre os habitantes através da autoconstrução, permitiria também que as inovações fossem difundidas verbalmente ou pela observação e imitação.

A legitimação das inovações propostas relacionava-se com as interações entre o meio urbano e rural. O relatório aponta para o êxito de ideias que já estavam em andamento junto com os moradores rurais através de suas relações com os centros urbanos. A própria figura do extensionista é colocada como pertencente ao “admirado mundo urbano”<sup>3</sup>, o que de certa forma imporia aceitabilidade às suas opiniões e análises.



Figura 20- Técnico da ABCAR conversando com a população de Palmital e Padre Nosso. Experiencias sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.



<sup>4</sup>Ibid., p.139

Dessa forma, é evidente que o contato direto com o morador do campo e a visitação à casa rural são imprescindíveis para o trabalho de extensão. Tanto a ABCAR como o Curso em 1958, apontam para as melhores formas de estabelecer esse diálogo inicial:

*“Un buen paso inicial es explorar las condiciones del liderazgo local, estableciendo contacto con las autoridades o líderes institucionales del lugar así como con líderes naturales que, aunque elusivos de descubrir, pueden distinguirse al cabo de un corto período de contacto.”<sup>4</sup>*

Uma instituição que parece balizar essa primeira aproximação é a Igreja. A atuação junto com a entidade já acontecia nas chamadas Missões Rurais em parceria com o trabalho das economistas domésticas, e mostra-se presente também com a promoção pela ABCAR de cursos de treinamentos voltados para religiosos:



### *Treinamento de líderes religiosos*

*Vinte e um seminaristas protestantes de Campinas e São Paulo, fizeram na Fazenda Ipanema, um curso de duas semanas sobre extensão e crédito supervisionado. Esse curso foi idêntico ao ministrado por padres católicos em fevereiro do ano passado.*

*Deu-se nesta série de aulas, especial destaque à necessidade que o Brasil tem de serviços de extensão e crédito, e conseqüentemente de um número cada vez maior de agrônomos e técnicos. Frisou-se, a esse respeito, o papel que os futuros pastores poderão desempenhar junto aos alunos e a população das áreas que servem no sentido de estimular a formação de profissionais no campo.”<sup>5</sup>*

O excerto consta em um boletim informativo da instituição, e evidencia a aproximação da ABCAR junto às Igrejas Católica e Protestante para legitimar sua atuação no meio rural. Também mais uma vez é testemunhada a escassez de profissionais para atuarem como extensionistas. Oliveira ainda analisa como o boletim informa também a potencialidade dos pastores como elementos de contato entre o técnico e o morador rural.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Pedro Cassiano Farias de. Extensão Rural e Interesses Patronais no Brasil: uma análise da Associação Brasileira de Crédito Rural - ABCAR (1948- 1974). Tese (Mestrado em História). Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2013. p.54 apud ABCAR, Boletim Informativo, jul. 1957,p.3

Figura 21- *Semana dos Padres* realizada na UREMGE na década de 1940. Com o objetivo de formação técnica, parecem compartilhar o mesmo objetivo dos cursos de treinamento de religiosos realizado pela ABCAR





Este recurso parece ser amplamente utilizado durante o curso de Vivenda Rural em Viçosa, como pode ser visto através da Figura 22: o padre da Igreja local de Palmital e Padre Nosso conversa com os moradores antes de se iniciarem as visitas às casas. Além disso, a própria participação do religioso nos debates parece transmitir uma sensação de confiança, aumentando o engajamento dos moradores para as ideias propostas. Como será visto, o Padre também participa de forma ativa das experimentações em campo, principalmente durante o projeto do Clube 4S.

Outras lideranças locais despontavam de grupos de moradores e o próprio trabalho dos extensionistas buscava fomentar a criação desses líderes, como demonstra o esquema da página 117. Clubes e reuniões nas comunidades eram comuns e importantes para a difusão de ideias a partir dessa estrutura existente.

Em Palmital e Padre Nosso foi possível identificar a atuação de três grupos, porém apenas um tinha uma regularidade de atuação: o Clube 4S “Boa Esperança”, grupo de jovens que estavam empenhados na construção de sua sede. O contato com o grupo não só promoveu uma aproximação entre os extensionistas e a população local como desdobrou-se em um dos projetos desenvolvidos durante o curso.



Figura 22 - Padre conversando com a comunidade de Palmital e Padre Nosso. Experiências sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.



### 3.3 Aspectos Construtivos

Questões específicas da localidade e cultura de Palmital e Padre Nosso estavam presentes nos aspectos construtivos mais básicos da habitação, e uma primeira etapa foi mapear materiais e soluções adotadas, como mostra parte do formulário utilizado pelos extensionistas:

18. Materiais empregados na casa:

a) Paredes: Madeira ☐; Pau a Pique ☐; Adobe ☐; Tijôlo ☐; Esteiras ☐; \_\_\_\_\_  
Conservação: B R M

b) Tetos: Telhas ☐; Sapé ☐; \_\_\_\_\_  
Conservação: B R M

c) Pisos: Tijôlo ☐; Terra ☐; Madeira ☐; Cimento ☐; Ladrilho ☐; \_\_\_\_\_

d) Forros: Sim ☐; Não ☐. Tipo: \_\_\_\_\_

e) Janelas: Tipo: \_\_\_\_\_ f) Portas: Tipo: \_\_\_\_\_

g) Reboco: Sim ☐; Não ☐. Tipo: \_\_\_\_\_  
Conservação: B R M

h) Pintura: Tipo: \_\_\_\_\_

Um primeiro aspecto construtivo que merece uma análise especial é a cobertura. As telhas cozidas eram colocadas diretamente sobre a madeira de suporte, sem a camada de barro que normalmente era utilizada em outras regiões. A colocação dessa camada se mostrava desnecessária, uma vez que

Figura 23 - Trecho do formulário utilizado pelos extencionistas durante a pesquisa em Palmital e Padre Nosso. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

<sup>1</sup> Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958. p.35

<sup>2</sup> FALS BORDA, Orlando. El Brasil: campesinos y vivienda. Imprenta Nacional. Bogotá, 1963.

<sup>3</sup> Ibid., p.48. “A população local não se deu conta do mais custo que essa estrutura implica em comparação com a de duas águas, ou preferem pagar mais para não perder prestígio ou posição social.” Tradução realizada pela autora.

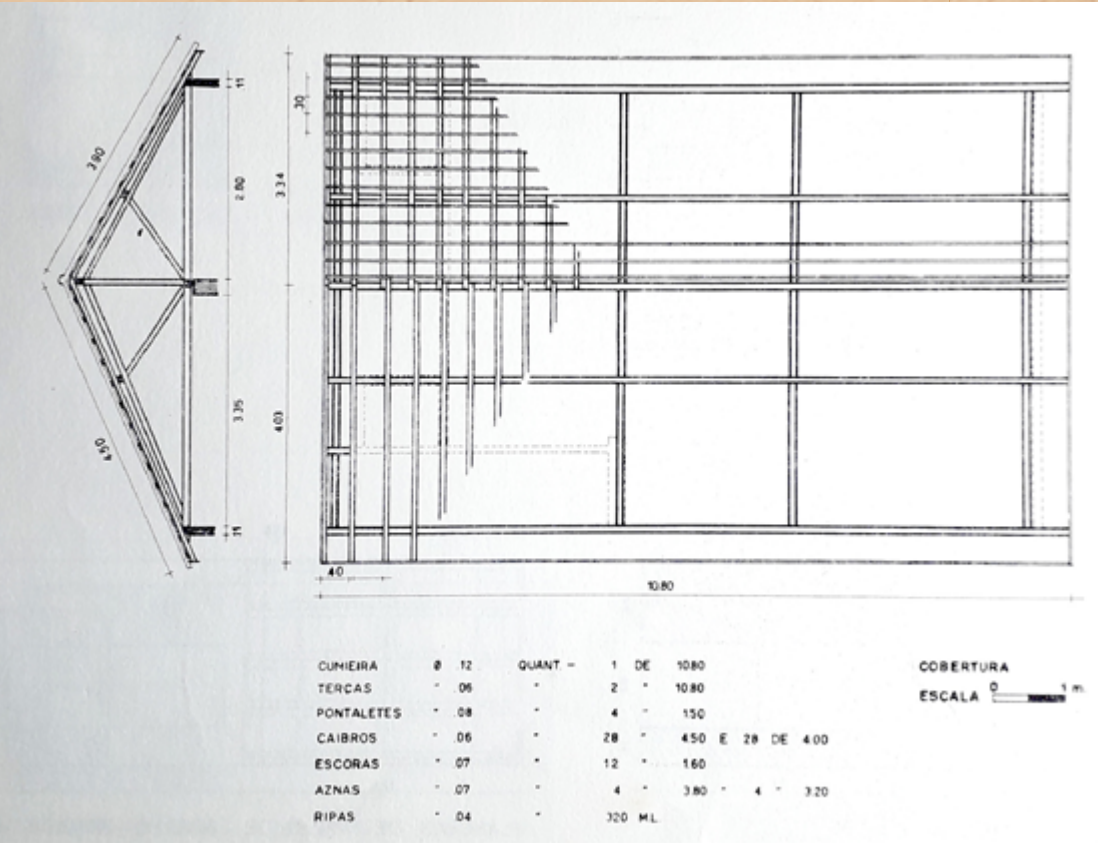
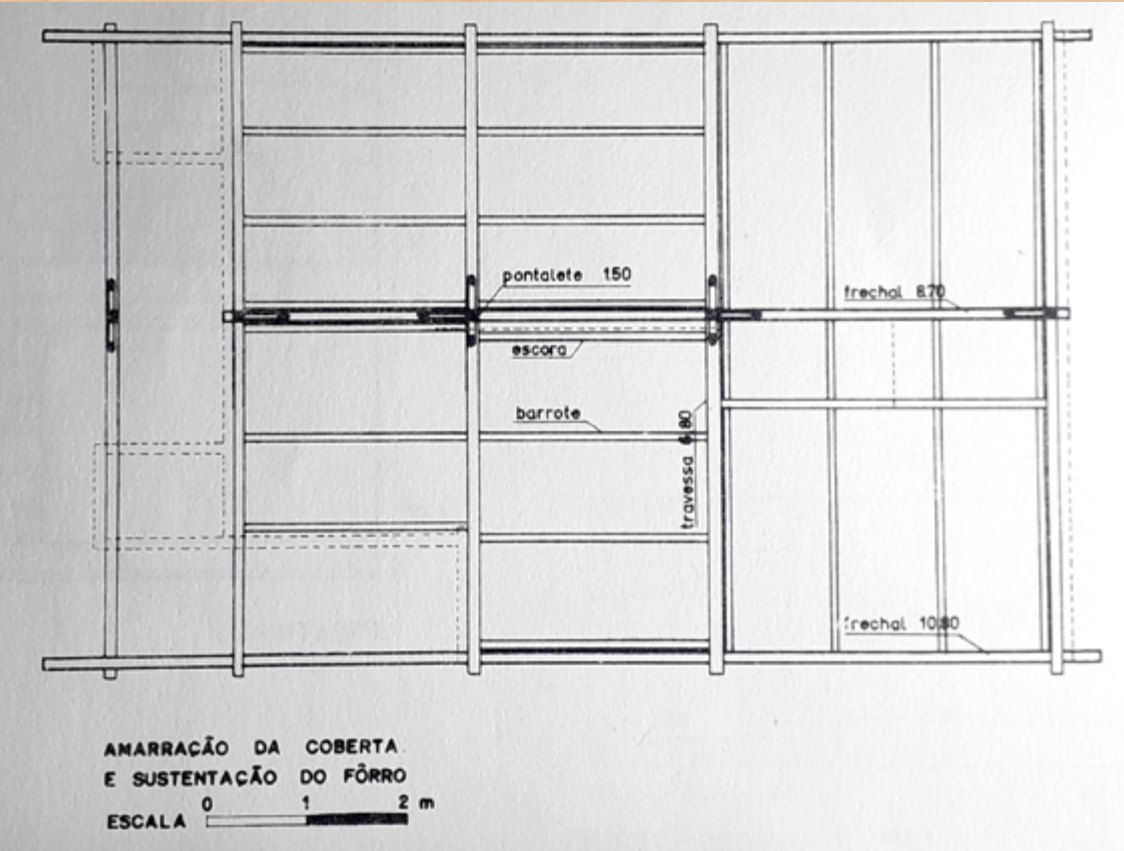
os ventos não são tão fortes a ponto de destruir a cobertura. Dessa forma, a solução mais econômica encontrada é a de utilização de cal para fixar as telhas das bordas, ou também as telhas das fileiras verticais a fim de proteger vigas mais importantes.<sup>1</sup>

Além disso, o que Fals Borda aponta como valores sociais, resultava no uso quase exclusivo de coberturas de quatro águas. Apenas as casas mais simples, cobertas por sapé possuíam telhado de duas águas. Apesar de mais econômica, a solução em duas foi pouco aceita pela população local, que entendia aquilo como uma perda de prestígio social.<sup>2</sup>

Essa primeira análise apesar de parecer simples, já aponta para um aspecto importante do estudo: a não generalização de soluções e a análise dos materiais e métodos utilizados, considerando motivos econômicos e sócio-psicológicos da população.

*“Las gentes locales no han caído en la cuenta del mayor costo que esta estructura implica en comparación con la de dos aguas, o prefieren pagar más para no perder prestigio o posición social.”<sup>3</sup>*





4 Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961. p.51

Figura 24 - Armação da cobertura e sustentação do forro. Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

Figura 25 - Cobertura, com tabela de quantidade dos materiais necessários. Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

A cobertura proposta na casa experimental procurou atender às necessidades locais, trazendo questões novas: viu-se uma boa oportunidade de demonstrar os benefícios da cobertura de duas águas. A adoção ainda é justificada pela utilização dessa solução nos centros urbanos, também sendo analisada a tendência de que essa influência aos poucos chegaria ao campo. A ideia vai ao encontro com a noção de modernização que se buscava com os trabalhos de extensão, com a cidade mais uma vez vista como símbolo de progresso e desenvolvimento.

Buscando utilizar técnicas e materiais já existentes na região, adotou-se o uso de telhas “canal” e estrutura de madeira de eucalipto do próprio local. Também se reproduziu o sistema já utilizado em casas de pau-a-pique e sapé, com uma parede de carga central longitudinal que coincide com o cume da cobertura.<sup>4</sup>

A mesma análise pode ser transposta para outros elementos construtivos da casa, como as paredes e os pisos. O material mais utilizado no Brasil era o tijolo de barro. Tendo fácil acesso ao substrato, eram dispostos em moldes e cozidos em pequenos fornos (olarias). Uma alternativa mais



econômica é a construção de paredes de pau-a-pique (ou sopapo), o que Fals Borda aponta como elemento típico da habitação rural brasileira. Nesse caso, o barro é misturado com esterco, palha ou mesmo terra, e as paredes são moldadas com as mãos.<sup>5</sup>

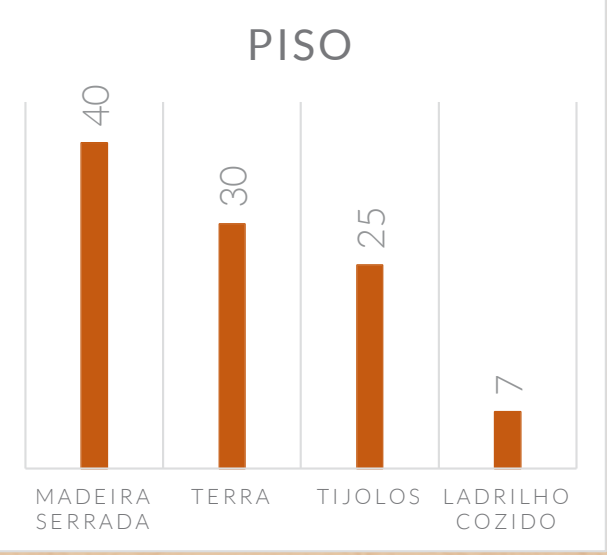
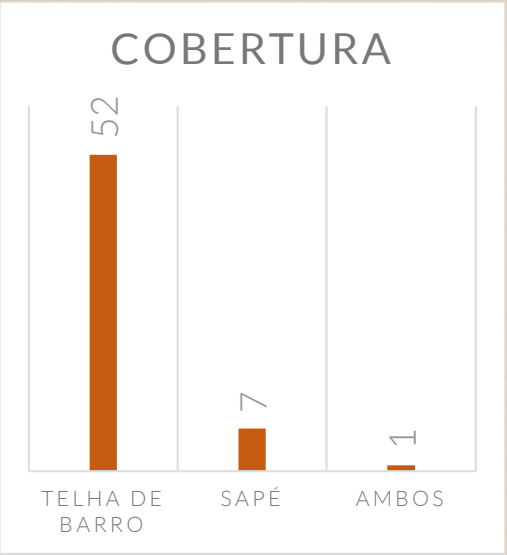
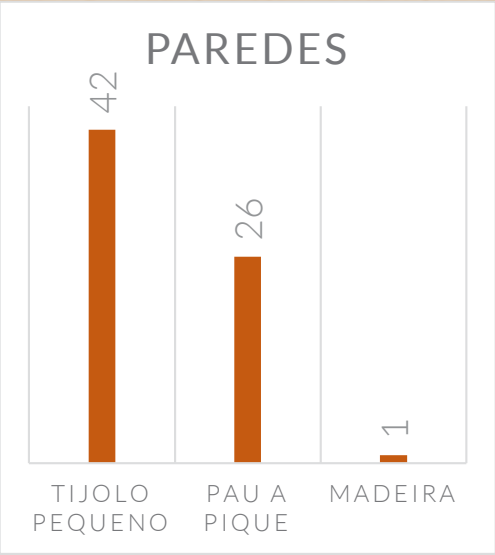
A avaliação ainda comenta a fragilidade do material, uma vez que mal cozido, mesmo o tijolo pode ser danificado com chuvas fortes. O debate em torno da utilização desse material já é mencionado nas discussões da Semana Rural, e parece configurar-se como um estudo recorrente nos trabalhos da ABCAR.

Os escritos do engenheiro Augusto Duprat<sup>6</sup> no período são fonte importante para identificar a discussão sobre os pontos positivos das construções em pau a pique e taipa, apontando para questões de durabilidade e resistência do método. Ele ainda denunciava a gradativa substituição da técnica por tijolos, o que resultaria cada vez mais na diminuição dos taapeiros que dominavam por completo a construção com terra crua, argumentando em favor da necessidade das autoridades e Associações Rurais reviverem “melhores processos de construção”.<sup>7</sup> O ninho do “João de Barro” era a

<sup>5</sup> FALS BORDA, Orlando. El Brasil: campesinos y vivienda. Imprenta Nacional. Bogotá, 1963. p.48

<sup>6</sup> Duprat também participa das palestras durante a Semana Rural, sendo citado como um dos pioneiros no estudo do problema habitacional rural brasileiro.

<sup>7</sup> DUPRAT, Augusto. A casa rural. In: Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960. p. 90



Tabelas realizadas a partir dos dados obtidos nos relatórios. Os dados levam em conta as 66 famílias analisadas, porém o número total em cada solução não coincide com o total de famílias, uma vez que muitas utilizavam mais de uma solução. Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.



referência buscada por ele na natureza para propor uma espécie de “fórmula” que depois de colocada na parede forneceria uma boa durabilidade. Apesar de tentar racionalizar tal técnica é preciso pensar tal análise a partir de uma visão crítica: o autor mesmo coloca em xeque a viabilidade da mistura em relação à cada região do país, denunciando o aspecto empírico associado ao material.

Mesmo buscando-se adotar métodos e materiais locais, era preciso observar o que levava o campesino a adotar aquela solução: para além de fatores culturais, a questão econômica seria a de maior peso. Sobre isso também dissertava o sociólogo Manuel Diégues Júnior, citando Castro Faria<sup>8</sup>:

*“Em toda parte, a casa de taipa de sebe, português ou mediterrânea, para não buscar origens mais remotas - e que aqui se chama de barreada, de pau-a-pique, de sopapo - perdido seu caráter de construção provisória, pioneira, foi e continua sendo o padrão da gente pobre, exprimindo antes uma condição que um estilo”*<sup>9</sup>

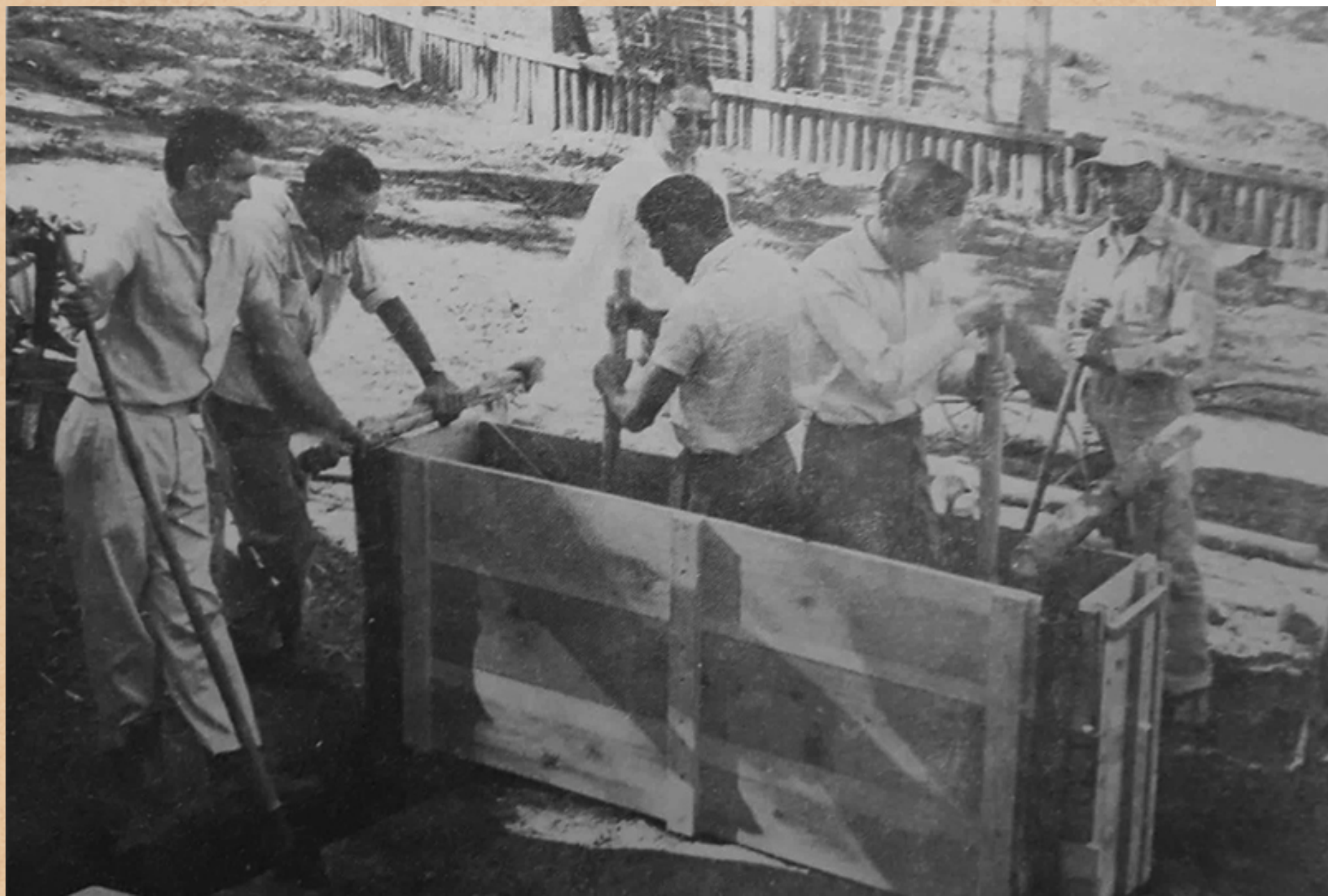
<sup>8</sup> É importante destacar a presença de Diégues Júnior na Semana Rural que antecede o curso. Sociólogo e folclorista, teve papel de destaque nos estudos acerca dos regionalismos brasileiros e ressalta em seu discurso durante o evento em 1958, sobre as relações culturais presentes no âmbito da casa rural.

<sup>9</sup> Citação extraída do artigo “Origens Culturais da Habitação Popular no Brasil”, publicado pelo antropólogo Luis de Castro Faria no Boletim do Museu Nacional em 1951. DIÊGUES JÚNIOR, Manuel. Alguns aspectos sociais da habitação rural no Brasil. In: Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). p.66

Figura 26 - construção da cobertura da casa experimental. Experiencias sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.



Figura 27 -Processo de construção da casa experimental. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.



Dessa forma, o oposto de modernização parece ser enunciado, com a confusão entre adoção de técnicas tradicionais e a precarização da casa rural. Esse é inclusive um dos argumentos mais recorrentes daqueles que tecem críticas à atuação da extensão rural: a perpetuação de uma condição de pobreza, que implicaria não só inserir esse agricultor num sistema patronal capitalista, mas também em manter a precariedade revestida de um discurso estilístico, nos sistemas e métodos utilizados.

Essa discussão exemplifica a complexa análise pela qual transpassa cada elemento da casa rural, seja em aspectos construtivos, ou mesmo em sua espacialidade, como veremos mais adiante. O trabalho de Viçosa também se preocupava em ressaltar que as soluções adotadas estavam diretamente ligadas ao estudo empírico da comunidade, considerando aspectos culturais, econômicos e sociais daquela região. Dessa forma seria preciso balancear o ônus e o bônus de cada maneira adotada, questão que era fundamental para a formação de profissionais específicos, objetivo principal do curso. Além disso, mais uma vez o trabalho multidisciplinar mostrava-se imprescindível.

Agrade teórica do curso também apontava para esse debate, como pode



Figura 28 -Bloco de aulas durante as fase teórica do curso em Viçosa. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

**A. Clases sobre ambiente y habitación rural, por el Arq. E. Vautier**

1. El concepto de habitación y el ambiente rural.
2. Ambiente físico: el clima
3. El hombre y el clima
4. Vivienda rural y clima

**B. Clases sobre materiales y técnicas rurales, por el Ing. Alvaro Milanez**

1. Construcciones de tierra
2. Composición de los suelos
3. Tierra pisada
4. Adobes y *pau-a-pique* (bahareque)
5. Mezclas de suelo y cemento
6. Revestimiento y pisos.

**Prácticas:** *a.* Examen de suelos sobre el terreno.  
*b.* Determinación de porcentajes de arena y preparación de cuerpos de prueba  
*c.* Construcción de muros de tierra pisada  
*d.* Producción de adobes y *pau-a-pique*  
*e.* Producción de bloques de suelo-cemento  
*f.* Revestimiento de muros y pisos de tierra

ser visto na imagem 28. O bloco B de aulas foi ministrado pelo engenheiro Álvaro Milanez em parceria com Ernesto Vautier, sendo estudadas desde as técnicas mais tradicionais até as soluções mais modernas. Tal conteúdo foi acompanhado de uma parte prática, seguindo a mesma lógica de ensino proposta pelo CINVA.

Seguindo a tendência brasileira, em Palmital e Padre Nosso, o tijolo foi o material mais utilizado, sendo seguido do pau a pique, com apenas uma das casas construída totalmente em madeira.

Em relação aos pisos, a maioria das habitações nos vilarejos estudados utilizava madeira serrada, porém uma grande parcela possuía parte da casa não revestida, apenas com terra batida. Em algumas casas também há a utilização de tijolos e ladrilhos cozidos para o revestimento da cozinha.

A casa experimental continuou adotando o tijolo cozido para construção da parede. A escolha do material local em detrimento do solo-cimento, que poderia ser considerado mais moderno, se deu pela dificuldade de encontrar terra adequada e por conta do preço do cimento, que tornava a construção muito mais custosa. Ainda se comentava:



*“Lastécnicaslocalestradicionalesdebenser cuidadosamente analizadas desde el punto de vista económico y técnico antes de proceder a rechazarlas o aceptarlas. Sus fallas pueden ser superadas muchas veces con simples recursos, como pudo apreciarse durante el Curso de Viçosa.”<sup>10</sup>*

Em comparação, o solo-cimento se mostrou uma alternativa econômica para os pisos, quando foi reduzida a porcentagem de cimento e a terra foi corrigida com areia.

A construção da sede do Clube 4S, um dos projetos propostos pelo curso, também envolveu amplo debate sobre a questão material. Neste caso, devido à ótima qualidade da terra encontrada no terreno foi possível a utilização do solo-cimento não só nos pisos, mas também nas paredes. O projeto introduziu o uso do maquinário CINVA-RAM, que havia sido desenvolvido no CINVA pelo engenheiro chileno Raul Ramirez para a produção dos blocos de terra comprimida.<sup>11</sup> O experimento permitiu a comparação entre essa técnica e o método tradicional utilizado pelos moradores.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958. p.125

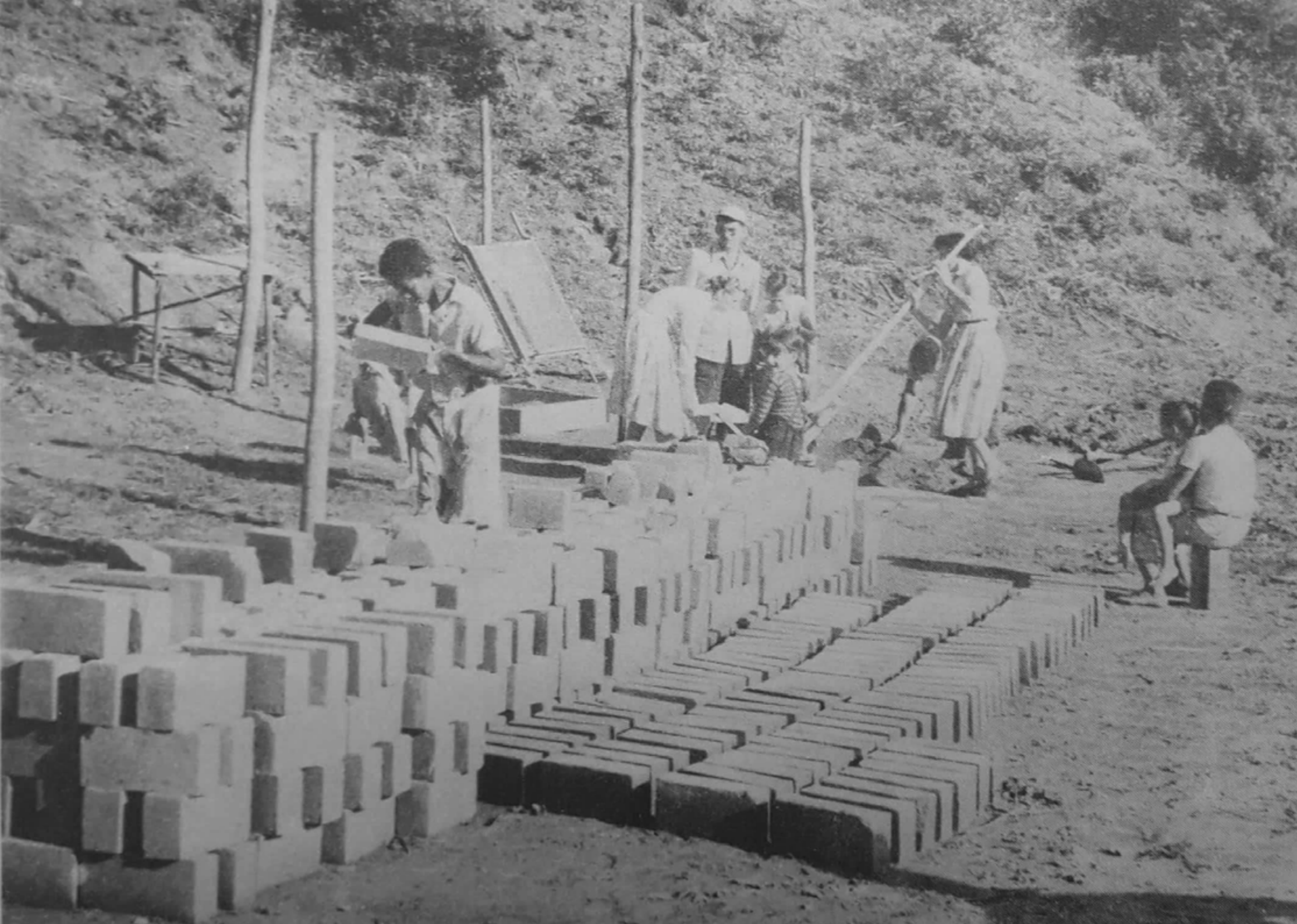
<sup>11</sup> UNIÓN PANAMERICANA. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento, 1952-1962. Washington: Unión Panamericana, 1962.

<sup>12</sup> Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961. p.48

Figura 29 - Técnica de produção de blocos utilizada no Curso do CINVA em Sogomosso (Colômbia). A mesma técnica é utilizada no curso de Viçosa. Acervo do Fundo CINVA - UNAL







<sup>12</sup> Ibid., p.61. “Chamou a atenção o pouco cimento necessário e o fato de não ser necessário combustível, que é um fator de encarecimento do ladrilho produzido localmente. Influenciou desfavoravelmente o preço da máquina e o peso do bloco. Se assinalou como alternativa a possibilidade de fazer os blocos a mão e menores. Foi bem compreendida a gradação de umidade necessária para a preparação das terras, para se obter a consistência de farofa, como definiram pitorescamente os camponeses.” Tradução realizada pela autora

Figura 30 -Produção de blocos para a sede do Clube 4S. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

A análise final considerou a utilização do bloco tão econômica quanto o tijolo empregado na região, uma vez que o mal cozimento do último implicava em menor durabilidade. Nesse sentido, o bloco não só demonstra mais dureza, como se mostrava resistente à longo prazo em relação à erosão. O estudo ainda considerava questões como o custo do maquinário e o peso do bloco:

*“Llamó a atención el poco cemento necesario y el hecho de no necesitar-se combustible, que es el factor de encarecimiento del ladrillo de producción local. Influyó desfavorablemente el precio de la máquina y el peso del bloque. Se señaló como remedio la posibilidad de hacer los bloques a mano y más pequeños. Fué bien comprendida la graduación de la humedad necesaria para la preparación de las tierras, hasta obtener consistencia de Farofa, como lo definieron muy pintorescamente los campesinos”<sup>12</sup>*

Ainda sobre a utilização da máquina CINVA-RAM é interessante o comentário de Fals Borda, que notou desinteresse da população adulta



masculina após entenderem o procedimento, uma vez que o consideraram muito fácil e nas palavras do sociólogo “coisa para crianças fazerem”<sup>13</sup>. Apesar de apreciarem a facilidade, qualidade e rendimento do processo, o sociólogo analisa que o início das tarefas agrícolas com as primeiras chuvas foi determinante para a falta de interesse.

É curioso assinalar que mesmo assim as experimentações acerca do material continuaram com a participação para além dos alunos do curso, de crianças e mulheres, além do padre, do prefeito e do conselho municipal. Testes foram realizados com outras proporções de blocos, alterando as quantidades de cimento e cal<sup>14</sup>. A participação ativa das mulheres nos experimentos, não só das economistas domésticas como das moradoras rurais, é um indício de uma ação feminina participativa para além das atividades tradicionais para as quais estavam “predestinadas”. E a curiosa participação do padre no processo indica o já comentado papel do personagem como elo entre o extensionista e o morador rural.

<sup>13</sup> FALS BORDA, Orlando. El Brasil: campesinos y vivienda. Imprenta Nacional. Bogotá, 1963.

<sup>14</sup> Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961. p.64

Figura 31 -Alunos durante a construção da casa experimental . Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.



Figura 31 - Alunos durante a produção de blocos. Experiencias sobre Vivienda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.



### 3.4. Espacialidade da casa rural

Busca-se neste capítulo entender elementos associados à casa rural para além de seus aspectos construtivos, pensando em como outros fatores influenciam diretamente na organização da habitação. Essas questões são amplamente debatidas na investigação de Fals Borda e é dela que esta pesquisa parte, cruzando-a com quatro plantas de casas rurais desenhadas pelos alunos do curso. Apesar de muitas casas terem sido observadas, tais plantas encontram-se documentadas no relatório Experiências sobre Vivenda Rural en el Brasil, publicado pelo CINVA em 1961<sup>1</sup>. A aparição dessas casas no documento leva a concluir que esses moradores em específico, se dispuseram a participar de algumas modificações sugeridas pelos alunos durante o curso. Tais mudanças, contudo, não alteraram significativamente a espacialidade, restringindo-se à alteração de portas, janelas ou mobiliários. Dessa forma, mesmo sendo uma pequena parcela, esses quatro exemplos dão base visual importante para entender as discussões propostas pelo curso, que depois resultaram nas propostas para a casa experimental.

Em média, as casas em Palmital e Padre Nosso variavam entre 50 e 80 m<sup>2</sup>. Um primeiro espaço que ganha importância na análise é a sala. Atestava-

<sup>1</sup> Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

<sup>2</sup> Ibid., p.139 “Existe um grande desejo de isolar a cozinha da vista de estranhos; se espera que estes cheguem a sala, mas nunca a cozinha. A intimidade é buscada na habitação de forma consciente, chegando a afetar o plano da casa muito visivelmente.” Tradução realizada pela autora.

<sup>3</sup> Além de Willems, a análise referencia o estudo de viajantes presentes na Revista do Patrimônio Histórico e Nacional, considerando os relatos também naturalista francês Saint-Hilaire e o do engenheiro Louis Vauthier.

se que em outras regiões do país algumas casas possuíam apenas cozinha e quartos, mas em Minas Gerais a sala ganhava importante valor social, mesmo que pouco mobiliada funcionava como o espaço social para visitas, e como importante entreposto para a cozinha.

A cozinha é sem dúvida o cômodo mais importante, centro de atividades da família e lugar de privacidade como está destacado no documento: “ [...] existe um gran deseo de aislar la cocina de la vista de extraños; se espera que estos lleguen a la sala y nunca a la cocina”. É possível entender a partir daí uma das principais funções buscadas na casa: “La intimidad se busca en la vivienda brasileira en forma consciente, llegando a afectar el plano de la casa muy visiblemente.”<sup>2</sup>

Outro aspecto que comprova esta análise é a localização do dormitório feminino dentro da casa rural. Na maioria dos casos a entrada do quarto das filhas é acessada apenas pelo quarto dos pais, como pode ser visto nas casas de José Cândido (1), João Antônio da Silva (2) e de José Ladeira (3). Tal disposição vai ao encontro com o que sociólogo alemão radicado no Brasil Emílio Willems<sup>3</sup> apontou como “complexo de virgindade”, que segundo ele afetaria de forma incisiva a casa, promovendo a reclusão dos espaços



femininos, seja pela entrada só pelo quarto dos pais, seja pela localização mais afastada da entrada e dos espaços sociais da casa.<sup>4</sup>

A busca por privacidade levava os moradores a manter na maioria do tempo as janelas fechadas, o que interfere diretamente na salubridade e ventilação da habitação. A média de janelas é de 1.7 por quarto, o que era considerado um número suficiente para garantir uma boa ventilação se abertas.

Essa mesma relação entre salubridade e a intimidade da casa aparece no clássico "Sobrados e Mucambos" de Gilberto Freyre<sup>5</sup>, para interpretar a nascente casa burguesa:

*O antigo sobrado foi quase sempre uma casa de condições as mais anti-higiênicas de vida. Não tanto pela quantidade de material empregado na sua construção, muito menos pelo plano de arquitetura nela seguido, como pelas convenções de vida patriarcal que resguardavam exageradamente da rua, do ar, do sol, o burguês e sobretudo a burguesa. A mulher e principalmente a menina.<sup>6</sup>*

<sup>4</sup>Ibid, p.59

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos. São Paulo: Global Editora, 2006

<sup>6</sup> Ibid, p.95

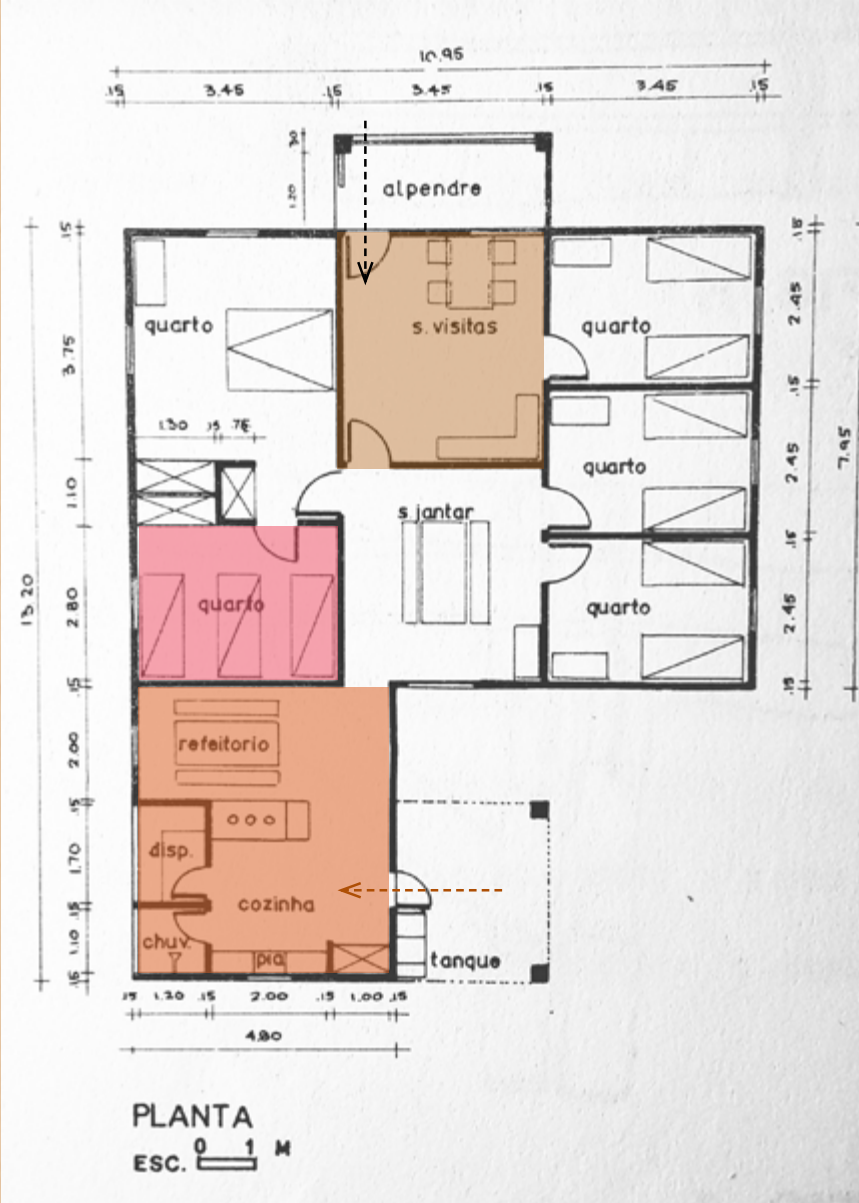
Figura 32 - Moradora de Palmital e Padre Nosso, na cozinha, onde é possível observar o típico fogão utilizado na região. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.







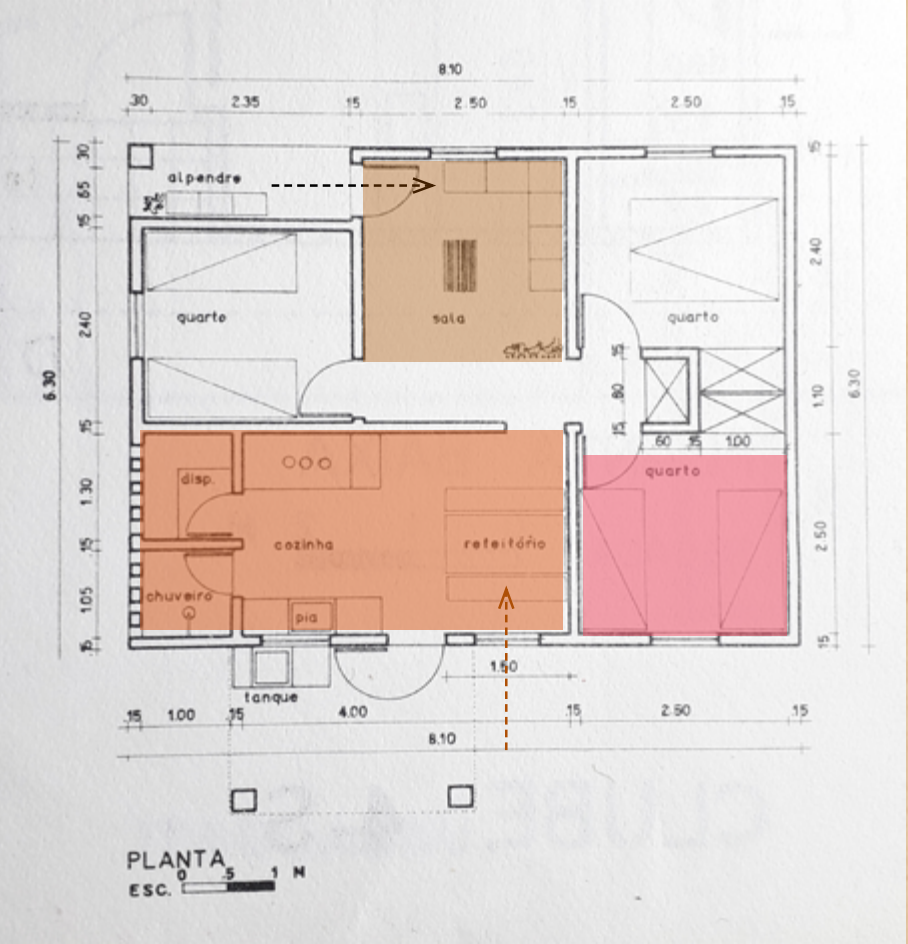
Casa de José Cândido - Padre Nosso (1)



João Antônio da Silva - Padre Nosso (2)



Casa de José Ladeira - Palmital (3)



Casa de José Abílio - Palmital (4)

- Área da cozinha / dispensa/ refeitório e serviços
- Sala
- Quarto feminino
- > entrada principal com acesso à sala
- - - - -> entrada secundária com acesso à cozinha



Interessante pensar que a mesma lógica parece reger a habitação rural, sugerindo os aspectos de longa duração na organização do espaço doméstico no Brasil, mesmo com a conformação de uma cultura mais urbana. E os estudos propostos por Freyre não só em “Sobrado e Mucambos” e em “Casa Grande e Senzala” são frequentemente utilizados por Fals Borda para analisar de forma geral a tipologia casa rural no Brasil, afirmando que: "Toda una forma de vida se refleja en cada uno de esos tipos habitacionales, que va desde la simbiosis entre las clases sociales hasta la relación antinómica".<sup>7</sup> A análise ainda vai ao encontro com o que dissertava o sociólogo Diégues Junior, que mobilizava os argumentos de Gilberto Freyre para falar de como as dicotomias presentes na relação entre casa grande e senzala poderiam ser transpostas a outros tipos de habitação rural. Dessa forma as duas tipologias habitacionais seriam metonímicas em relação a todo um sistema econômico, social e político.<sup>8</sup>

Voltando a análise novamente para o ambiente da cozinha, a primeira função que se destaca é a mais óbvia: a preparação das refeições. Contabilizou-se que a maioria das casas em Palmital e Padre Nosso possuíam forno de tijolos de barro com chaminé (42 casas), sendo poucas com forno de cimento (10 casas) ou com forno sem chaminé (8 casas). A questão nutricional e de

<sup>7</sup> Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961. p.37. “Toda una forma de vida se refleja en cada um desses tipos habitacionais, que vai desde a simbiose entre as classes sociais até a relação antagônica.” Tradução realizada pela autora.

<sup>8</sup> DIÈGUES JUNIOR, Manuel. Alguns aspectos sociais da habitação rural no Brasil. In: Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960. p.49

<sup>10</sup> Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958. p.50

<sup>11</sup> DUPRAT, Augusto. A casa rural. In: Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960. p. 82

preparação das comidas é um dos temas centrais desenvolvidos pela economia doméstica, que se reflete nas proposições do curso.<sup>9</sup>

Dentro de uma concepção de habitação sexista, a figura da mulher é central no debate uma vez que assume o papel de coordenadora das atividades domésticas.

***“É necessário ensinar a morar, sobretudo a mulher, sobretudo a mulher nas lidas domésticas. [...] A casa deve permitir que se processe a educação da mulher, pelas suas disposições internas, sobretudo a sala e a cozinha.***

***Quando a cozinha fica na própria sala de jantar, a mãe de família, que é sempre quem prepara a comida, pode tomar parte nas refeições, orientando seus filhos, e não aparecendo como uma simples criada”***<sup>11</sup>

Essa fala de Augusto Duprat escancara o sexismo presente no pensamento da época que em partes ecoa até os dias de hoje. Retomando reflexão anterior, é evidente que as concepções acerca do papel da mulher dentro da casa rural e da sociedade são diferentes considerando-se uma perspectiva de gênero. Apesar de exprimirem o mesmo sistema, a fala de



Duprat expressa uma noção de submissão muito maior se comparada com o discurso das Economistas Domésticas, que interpretavam o papel da mulher nessa sociedade de forma muito mais ativa.

No argumento de Duprat ele destaca duas atividades realizadas no ambiente: a de refeições na própria cozinha<sup>12</sup> e a de supervisão e educação dos filhos. Fals Borda também nota a ausência na casa de um espaço específico para estudos, sendo mais uma vez a mesa da cozinha utilizada para a finalidade: “Casi no se observan moradas en las que se dedique un espacio a las actividades educativas de los hijos, o por lo menos, a facilitar las tareas escolares de los mismos“. <sup>13</sup>

É na mesa da cozinha que se desempenham as funções administrativas da casa, bem como as atividades recreativas, como jogos de cartas. Na casa de José Ladeira (3), morador que participou da pesquisa, anexada à cozinha, encontrava-se uma pequena sala de costura, provavelmente usada pela mulher, evidenciando mais uma vez a divisão sexista dos espaços.

Florez<sup>14</sup> demarca a posição do debate em torno da cozinha dentro do contexto político complexo que configurava a Guerra Fria. Segundo a autora o modelo de cozinha americano era importante arma ideológica dos EUA e a difusão através de programas de cooperação também colocava o país em

<sup>12</sup> Nem todas as casas possuem sala de jantar e as que possuem, normalmente reservam sua utilização para datas especiais, quando recebem visitas. As refeições do dia a dia são feitas no que é apontado como "refeitório", uma mesa na cozinha, como nas casas XXXX.

<sup>13</sup> FALS BORDA, Orlando. El Brasil: campesinos y vivienda. Imprenta Nacional. Bogotá, 1963. p. 60. "Quase não se observa habitações em que se dedique um espaço para as atividades educativas dos filhos, ou pelo menos, facilitar as tarefas escolares dos mesmos."

<sup>14</sup> FLOREZ, Paula. La nueva mujer rural y las ecónomas domésticas del proyecto 39 de la OEA, 1951 -1956. Seminario Internacional, Profesionales, Expertos y Vanguardia. Rosário: junho 2018

<sup>15</sup> Florez aponta para programas habitacionais com cozinhas e banheiros coletivos, o que se opunha a uma sociedade de consumo individualizada norte americana, que procurava expandir o mercado.

<sup>16</sup> PINHEIRO, Camila Fernandes. Estado, Extensão Rural e Economia Doméstica (1948-1974). Tese (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, p.183, 2016.

posição estratégica dentro da zona rural. A introdução de novas técnicas e utensílios domésticos era central na transformação da mulher rural, com a premissa de otimização do tempo, melhoria de higiene e independência. Ao contrário do modelo soviético de uso coletivo, as práticas norte americanas enfatizavam a melhor condição de vida associada à individualização às atividades domésticas.<sup>15</sup> A disseminação do modelo estava relacionada ao *american way of life*, e à transformação da mulher rural em consumidora, o que também é apontado por Pinheiro.<sup>16</sup>

Anexo à cozinha, foi encontrado outro cômodo em três das quatro casas estudadas: a dispensa. Na dispensa guardam-se, além de alimentos, as ervas medicinais utilizadas para curar dores e doenças. A prática de uma medicina empírica, como foi levantado no trabalho em campo, era muito mais difundida, principalmente devido à carência de médicos, que estavam presentes apenas nas cidades vizinhas mais populosas. Assim, pode-se dizer que a mulher desempenhava dentro da casa também a atividade de curandeira.

A ABCAR apontava que a entrada mais utilizada pelos moradores é justamente a da cozinha, pelos fundos, mencionando a necessidade de um banheiro/chuveiro próximo a essa entrada para que o morador pudesse se limpar antes de entrar na sua residência. Não parece coincidência essa



Figura 33 - Aluna entrevistando moradora durante o curso em Viçosa. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.



<sup>17</sup> O Sistema Brasileiro Cooperativo de Extensão Rural. Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR): Rio de Janeiro, 1963

<sup>18</sup> Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958. p.72. “Nunca se deixa de revestir ou pintar a parede de frente da casa, mesmo que o resto da construção esteja praticamente caindo ao solo”. Tradução realizada pela autora

<sup>19</sup> Ibid., p.73

entrada existir nas quatro plantas analisadas, bem como a presença de uma área para higiene pessoal anexa à cozinha. <sup>17</sup>

A dimensão estética da casa não foi negligenciada sendo observada para além da análise do papel do telhado de quatro águas no imaginário social, já destacado anteriormente: “ [...] nunca se deja de revestir y pintar la pared del frente de la casa, aunque el resto de la construcción se esté prácticamente cayendo al suelo”. <sup>18</sup>

As formas de expressão coincidem com a religiosidade, sendo que grande parte das ornamentações era com motivos sacros. A casa era enfeitada com pequenos altares, imagens, quadros e bordados de santos. Além disso, são muito utilizadas “plantas de defesa” penduradas à parede. Uma tradição local faz com que a maioria das casas possua uma cruz recoberta com papéis brancos e vermelhos, colocados todo dia 3 de maio de cada ano, dia de Santa Cruz. Segundo a crença dos moradores, tais elementos eram importantes para espantar doenças e “coisas ruins”.<sup>19</sup>

Outro peculiar item apontado como decorativo é o uso de gaiolas com



pássaros. Além das plantas, destacam-se na ornamentação das paredes o uso de bordados. Fals Borda registrou alguns dos provérbios comuns, principalmente emoldurados no espaço da cozinha: “La cocina en especial, se decora con colgaduras en las que se leen provérbios como: ‘Pela cozinha conhece a cozinheira’, ‘ Quando há sinceridade em dois corações o amor dura até a eternidade’, o ‘A flor floresce uma vez na primavera e nós temos amor uma vez na vida’”.<sup>20</sup>

Por fim, a atividade produtiva fundamental do mundo rural, a agricultura, interfria no espaço da habitação. Nas casas rurais de Palmital e Padre Noso, a função laboral encontra espaço principalmente em uma estrutura anexa à casa, conhecida como depósito ou paiol. Das casas analisadas 43 possuíam esse ambiente que servia para auxiliar a colheita, abrigar animais, armazenar equipamentos etc.<sup>21</sup> Quando não possuía o paiol, um dos cômodos da casa era reservado para este espaço.

<sup>20</sup> FALS BORDA, Orlando. El Brasil: campesinos y vivienda. Imprenta Nacional. Bogotá, 1963. p. 80

<sup>21</sup> Ibid., p.77

<sup>1</sup> Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958. p.108

### 3.5. Construção de uma casa experimental e projetos adjacentes

#### Casa Experimental

O projeto da casa experimental somou os esforços realizados durante a fase teórica do curso e as pesquisas realizadas junto com a população. Ressaltava-se também que a solução encontrada baseava-se naquela realidade, sem pretensão de ser uma resposta universal ao problema da habitação rural: para cada localidade seria necessário um estudo específico utilizando-se a mesma metodologia proposta pelo curso. Como expresso no relatório, a importância da construção de uma casa experimental permitia colocar à prova princípios que muitas vezes eram enunciados de forma teórica sendo pouco executados na realidade.<sup>1</sup> Além da construção de uma habitação modelo foram sugeridas e demonstradas algumas melhorias que as casas em Palmital e Padre Noso já poderiam adotar. Abaixo estão elencadas tais proposições, que também são expressadas na casa experimental:



Piso de solo-cimento
Fossa seca para latrina
Prancha de cimento armado para latrina
Depósito de água feito com telhas
Armário embutido na parede
Colchão de palha de milho
Melhor aproveitamento do espaço da cozinha
Teto de duas águas
Lavanderia de cimento
Banheira
Melhoramento da água por drenagem de bambu
Mesas ao lado da lavanderia
Mesa de jantar dobrável
Prateiro na parede
Drenagem das águas do chiqueiro
Depósito de lenha interior
Filtro para beber água

Tabela 3

Como se vê, há uma diversidade de soluções relacionadas à área da cozinha: armários embutidos, filtro de barro, prateiro, mesa de jantar dobrável e de forma geral o melhor aproveitamento do ambiente. Tal constatação anuncia a importância do cômodo dentro da habitação rural e também vai ao encontro do debate no âmbito da economia doméstica. Soma-se a isso outras demonstrações realizadas durante o curso como: a construção de um forno e de um fogão em solo-cimento. a de um fogão com forno em tijolo de barro,

Tabela 3 - Lista de propostas dos extencionistas para as casas analisadas em Palmital e Padre Nosso. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

<sup>2</sup> FALS BORDA, Orlando. El Brasil: campesinos y vivienda. Imprenta Nacional. Bogotá, 1963.p. 128. “A mesa de jantar desenhada pode facilmente converter-se em um quarto de estudos o para fazer as contas da administração da propriedade”. Tradução realizada pela autora.

e a remodelação de uma cozinha de uma das casas analisadas, que serviria de modelo.

Como mostra as imagens 47 e 48, a simples adição de móveis procurava organizar e otimizar o espaço, trazendo discussões acerca de funcionalidade e modernidade. Admitindo o ambiente como centro da atividade familiar parece se buscar mais versatilidade, abrindo mais espaço com os móveis embutidos, e com a curiosa sugestão da mesa dobrável, que poderia possibilitar outros usos como se destacava no documento: “El comedor diseñado puede fácilmente convertirse en cuarto de estudio o para llevar las cuentas de administración del sitio”.<sup>2</sup>

O projeto da cozinha sugere a mesma noção de intimidade observada na cultura local, com a utilização de móveis e paredes para isolar o ambiente da sala. Propôs-se uma conexão do espaço da cozinha com o de serviços, que ainda era otimizado com a lavanderia de cimento e uma mesa anexa para auxiliar as tarefas.

O solo-cimento foi introduzido novamente como uma possibilidade de material para a construção de um forno. Como mostram as figuras 38 e 39,



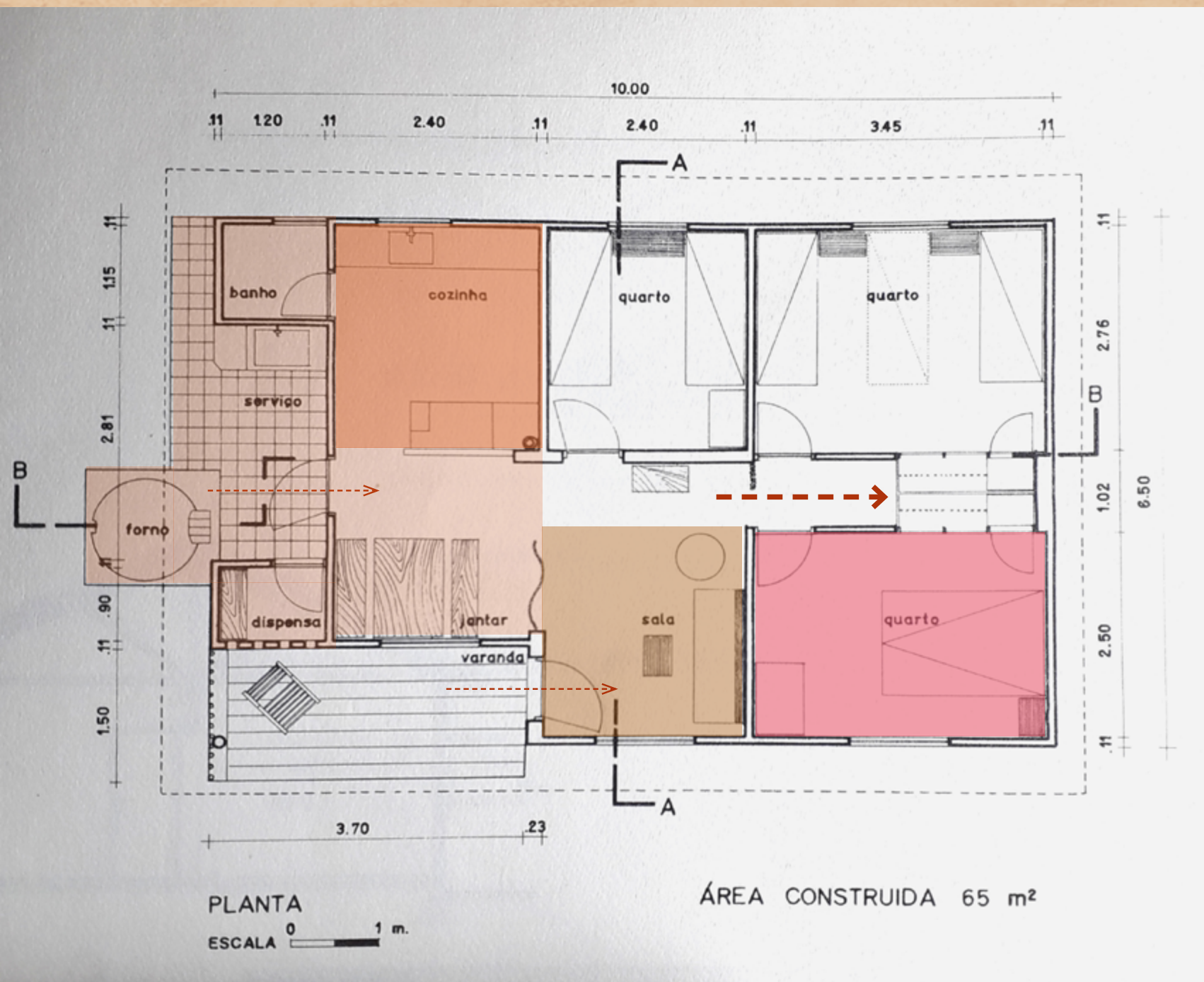
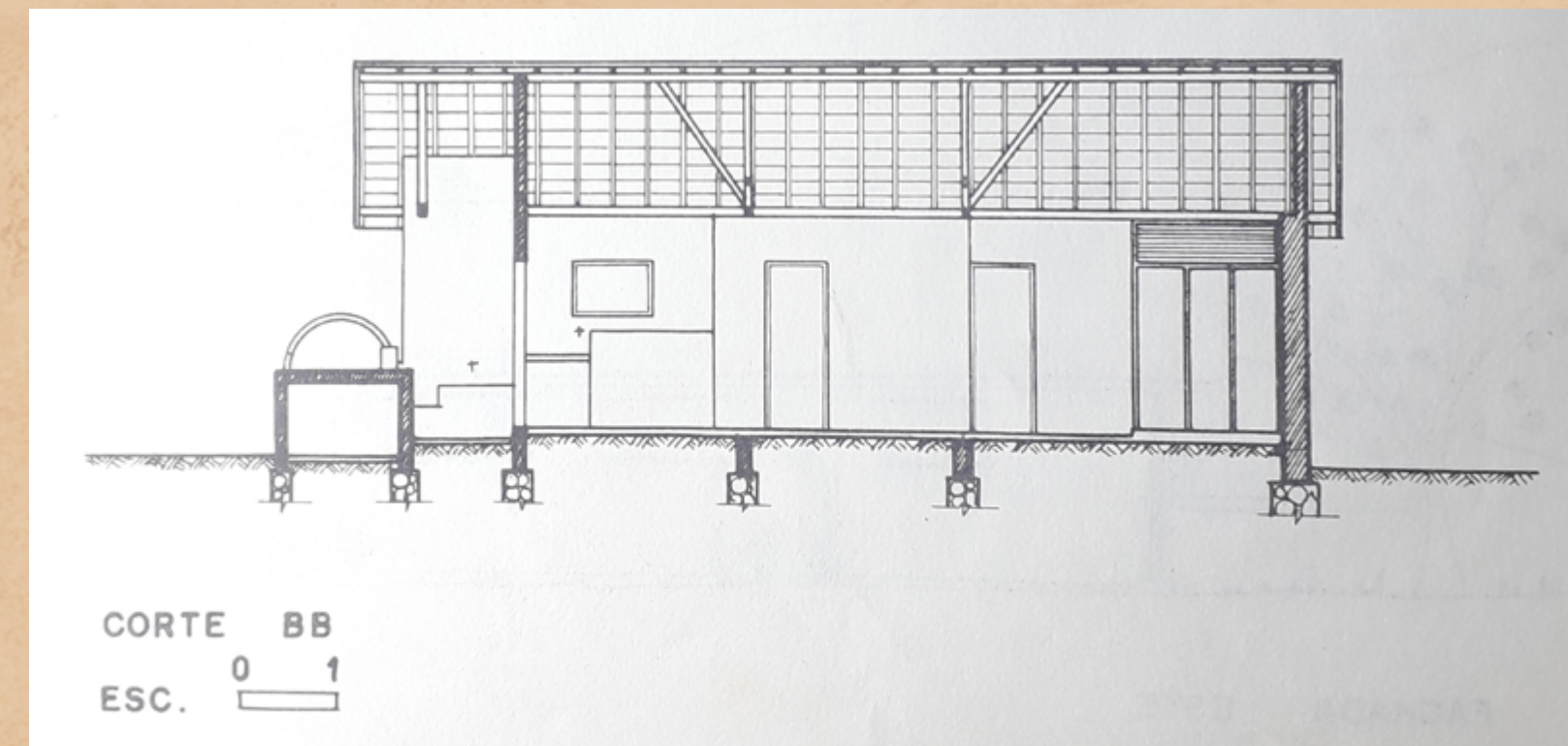
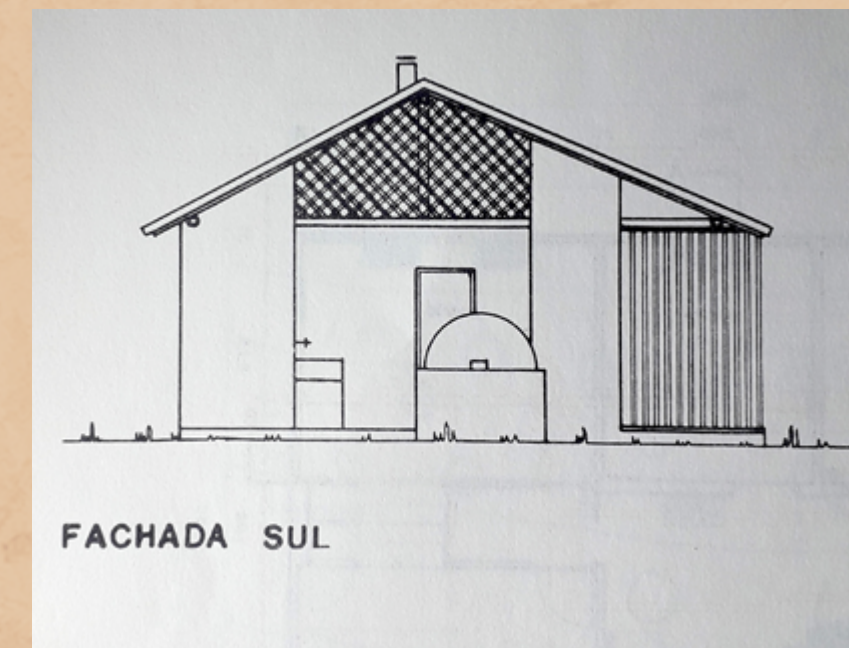
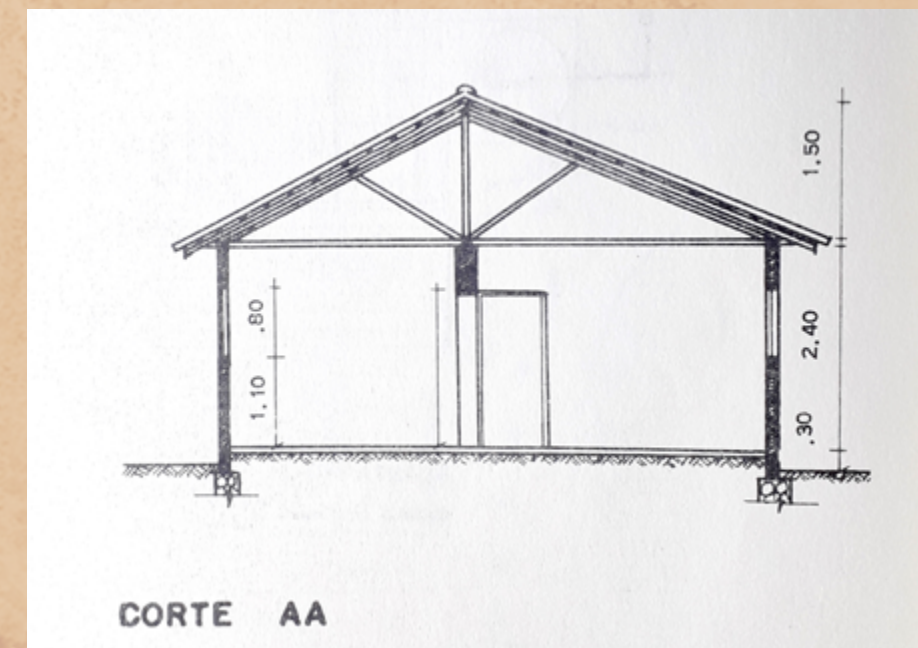


Figura 34 - Planta da casa experimental. Os destaques seguem as mesmas legendas utilizadas nas casas de Palmital e Padre Nosso, para auxiliar a análise. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

Figura 35, 36 e 37 - Corte AA, Fachada Sul e Corte BB, respectivamente, da casa experimental. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.





onde são detalhadas as etapas, desde a construção das formas. Já as figuras 40 e 41, mostra a construção de um fogão com forno, em tijolo de barro. Mais uma vez é posto o debate entre usos de materiais locais e introdução de novos elementos. Uma possibilidade não excluía a outra, e as duas demonstrações abriam possibilidades de escolhas seguras para o campesino.

O forno estava ao lado de fora da casa. Em relação à tal disposição é possível retomar a fala de Duprat<sup>3</sup>, demonstrando o incômodo gerado pela fumaça dentro da habitação:

*“Ao entrarmos numa construção de pau-a-pique, sentimos um cheiro acre proveniente da cozinha que pela cumeira, se espalha por todas as peças. Este inconveniente pode ser em parte superado isolando-se a cozinha, ou então, fazendo um fogão com chaminé protegida com tela de arame, para evitar que se espalhem as fagulhas. Não devemos esquecer que o fogão mata mais gente que a tuberculose.”*<sup>4</sup>

Outros dois materiais locais utilizados pelos extensionistas no curso foram o bambu e a raiz de milho. O primeiro, para a drenagem das águas e

<sup>3</sup> DUPRAT, Augusto. A casa rural. In: Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960

<sup>4</sup> Ibid., p.91

<sup>5</sup> A construção de móveis de bambu foi apontada pelo relatório como um processo demorado e complicado, mas que despertou bastante interesse dos moradores, uma vez que os moradores queixavam-se da falta de madeira devido ao desmatamento. Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958. p.131

na confecção de móveis. A imagem 42 mostra o projeto de um banco com o material. Já a raiz de milho foi utilizada para fazer um protótipo de colchão, pouco utilizado pelos moradores locais (Figura 44). Mais uma vez buscava-se adotar soluções viáveis para o campesino, com materiais de fácil acesso. Mas o curso tinha o objetivo de aprimorar os métodos através das demonstrações. A figura 45, mostra em detalhes os tipos de amarração utilizados para se obter um melhor resultado em termos estruturais e estéticos.<sup>5</sup>

Em relação à função de repouso, a casa experimental segue o programa tradicional da região, buscando atender à composição das famílias locais, que em média eram compostas por 6 pessoas. Três dormitórios, com pelo menos seis camas, com a possibilidade de ampliação desse número com a diminuição de outros cômodos para famílias maiores. Dividiam-se entre o quarto dos pais, dos filhos e das filhas.

Em relação ao acesso para o quarto feminino, adotou-se o que chamaram de uma solução de transição: um corredor dava acesso aos dois quartos, como pode ser observado na planta na figura 34. O corredor também é utilizado como armário, aumentando o aproveitamento do espaço.



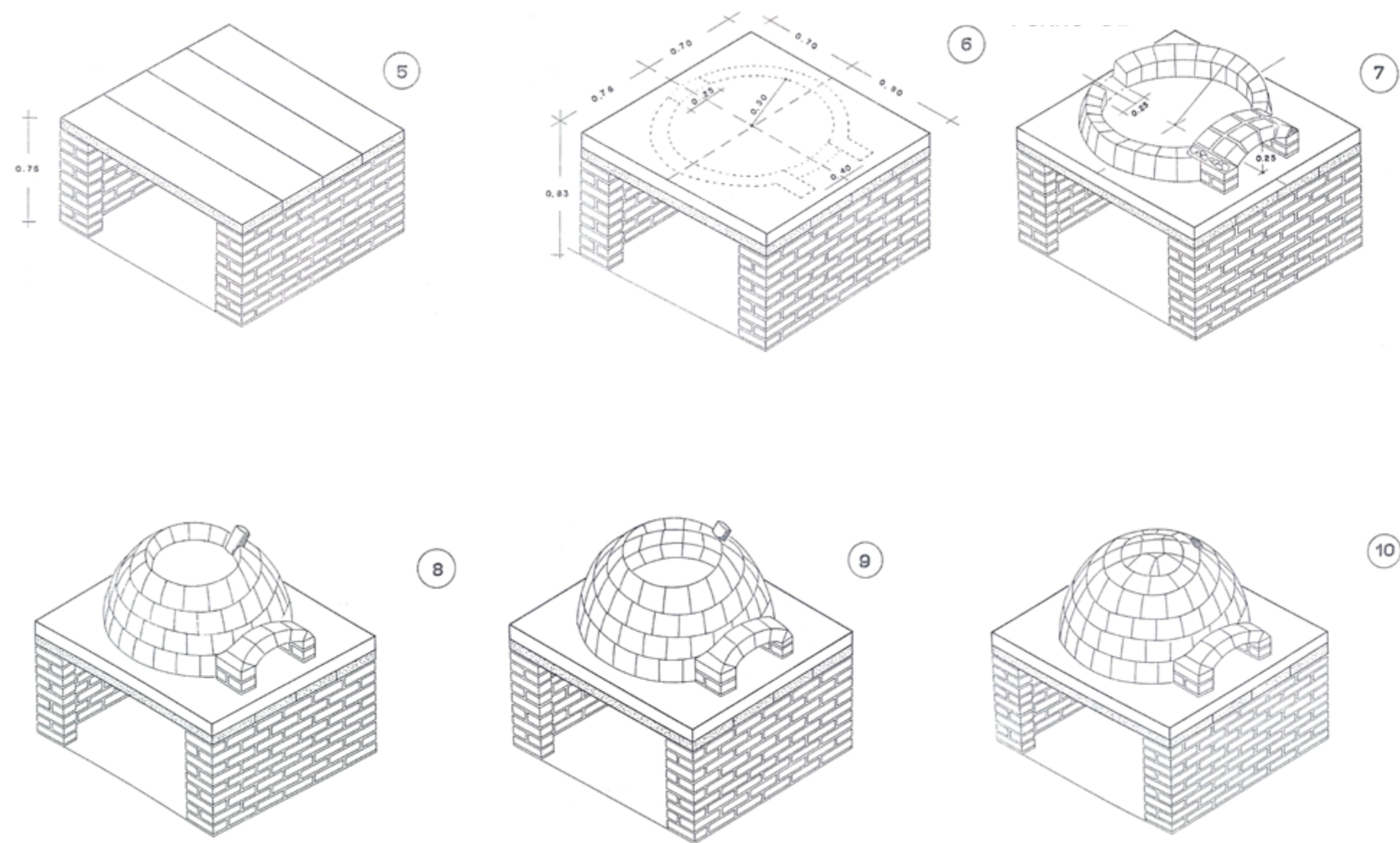


Figura 38 - Etapas para construção de um forno em solo cimento. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

Figura 39 - Forno em solo cimento construído na casa experimental. Figura 34 - Planta da casa experimental. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

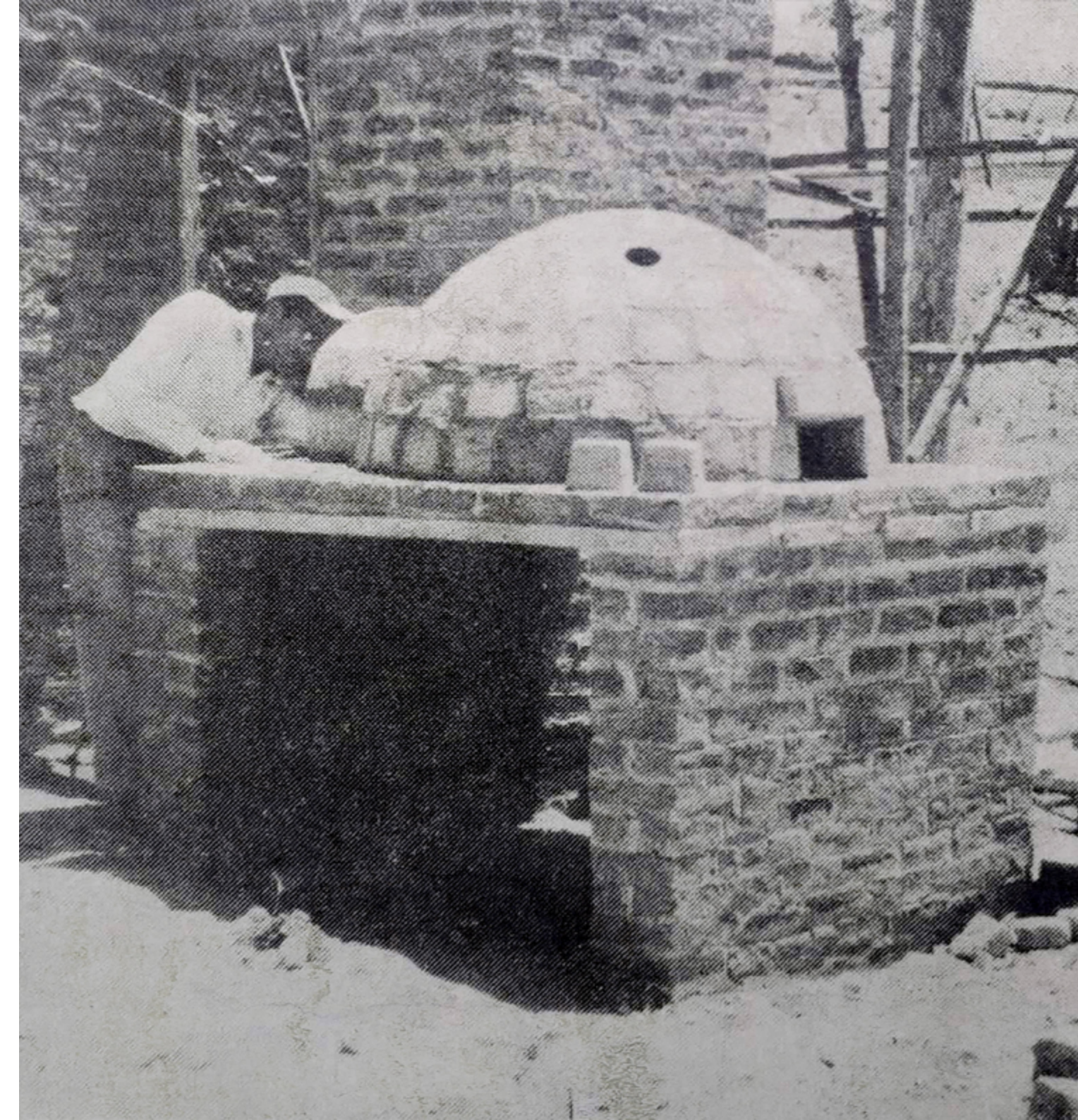
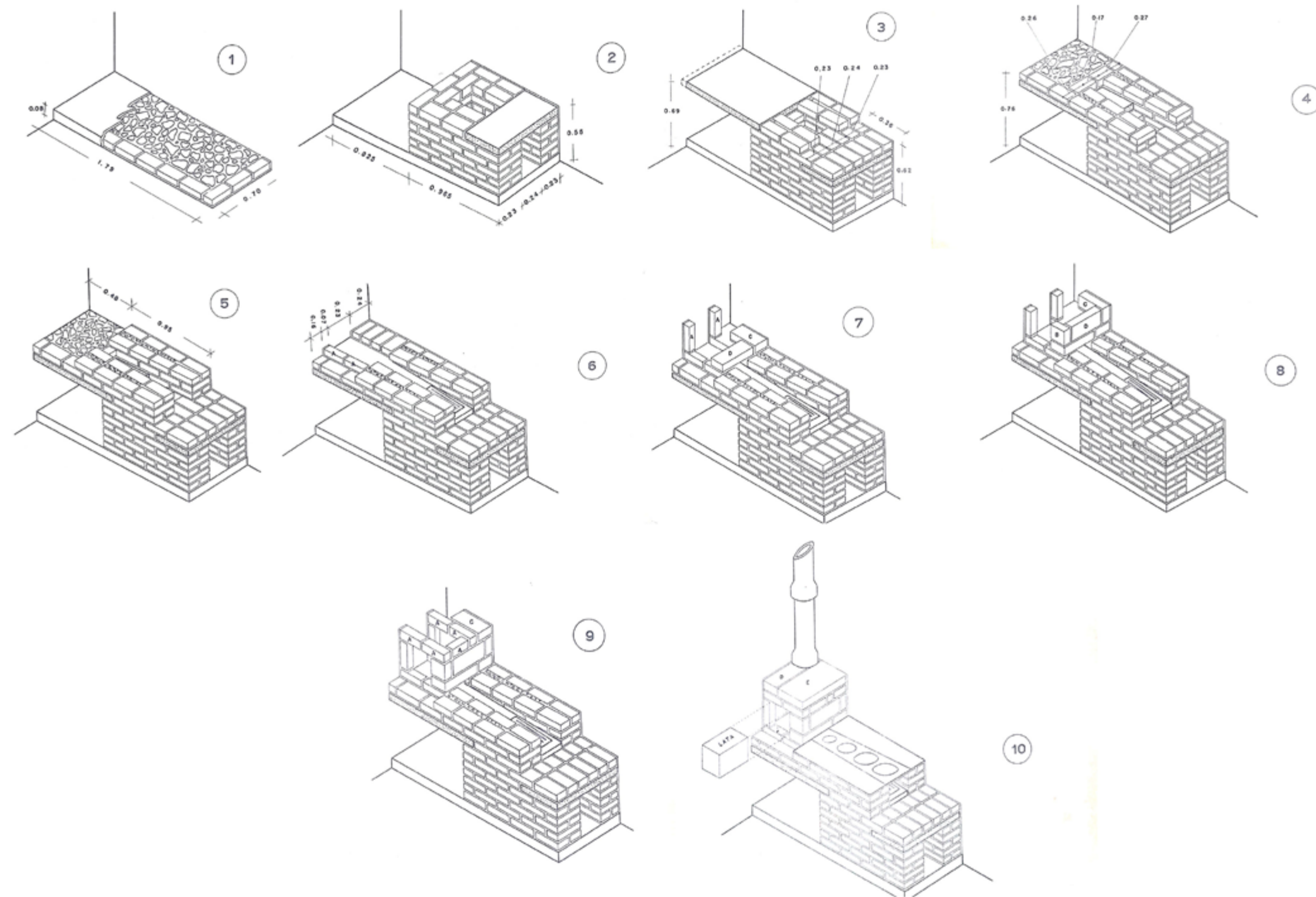






Figura 40 - A economista doméstica Helena Teixeira mostra o fogão construído durante o curso para o então reitor da UREMG. Acervo do Arquivo Histórico da UFV

Figura 41 - Etapas para construção de um forno durante o curso em Viçosa. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.





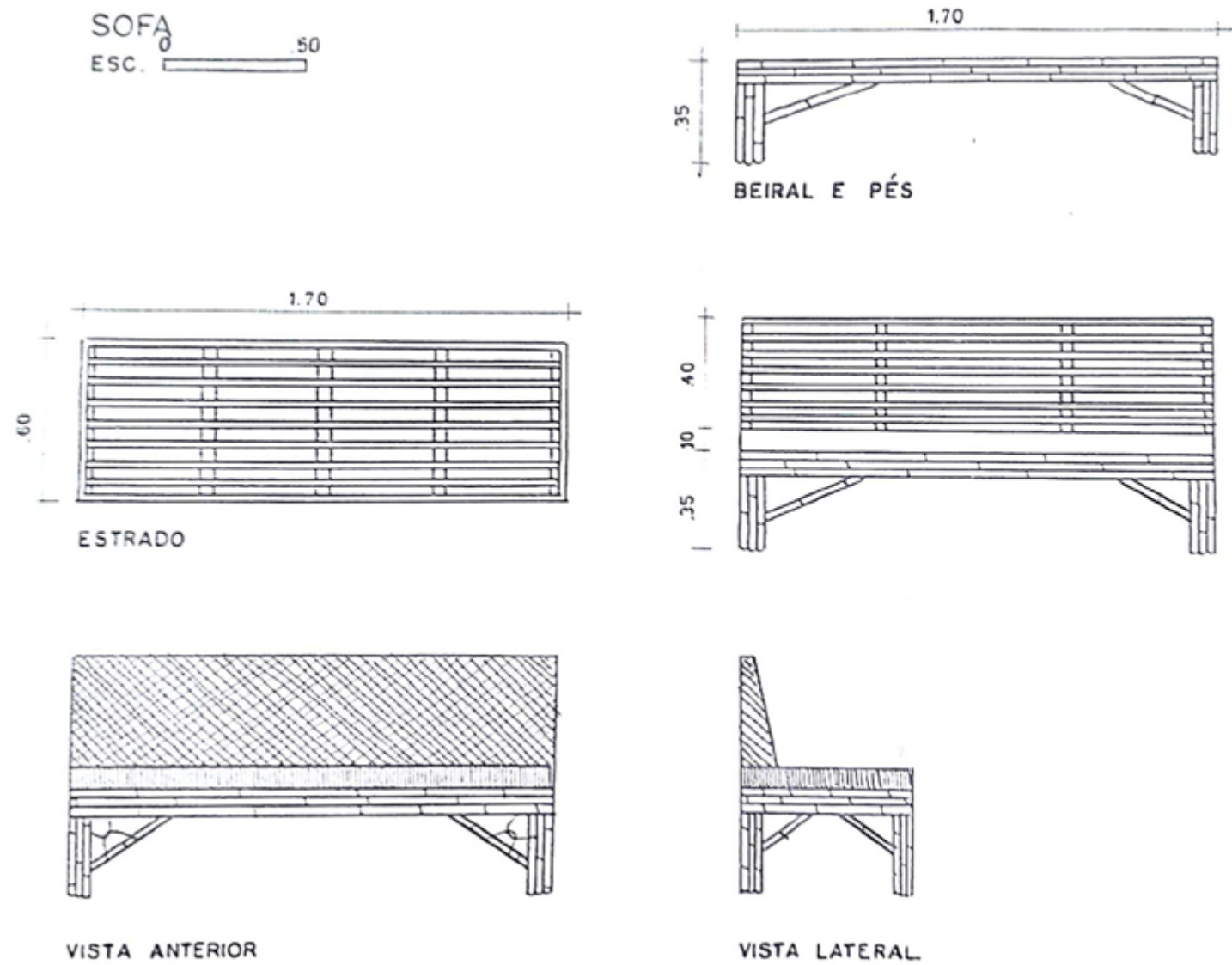


Figura 42- Vistas do banco construído em bambu no curso, que pode ser visto também na foto ao lado, Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.



Figura 43 - Alunas do curso sentadas em um dos móveis construídos em bambu durante o curso. Acervo do Arquivo histórico da UFV





Figura 44- A economista doméstica Helena Teixeira e o arquiteto Sylvio de Niemeyer mostram um colção feito com raiz de milho para o então reitor da UREMG.Acervo de Arquivo Histórico da UFV

Figura 45 - Modos de amarração para os móveis propostos. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

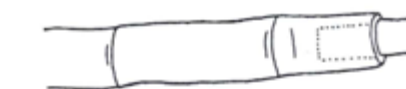


FIG. A

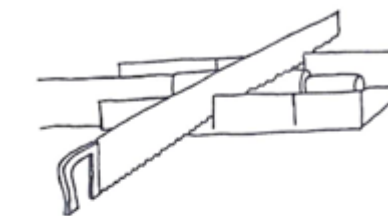


FIG. B



FIG. C

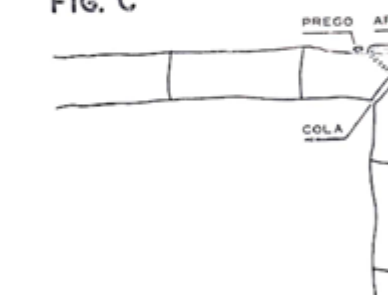


FIG. D

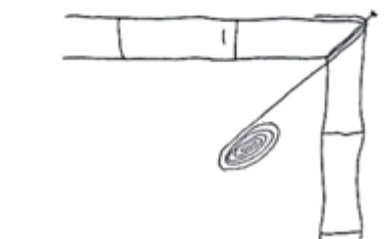


FIG. E



FIG. F

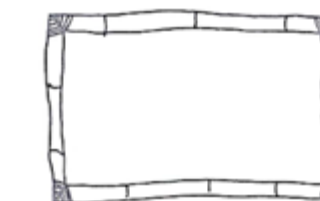


FIG. G

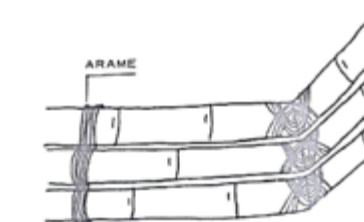


FIG. H

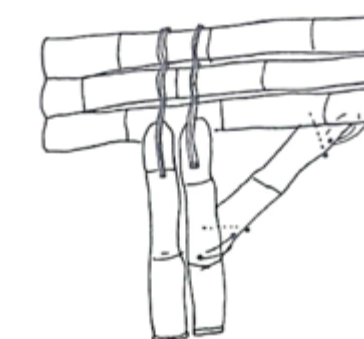


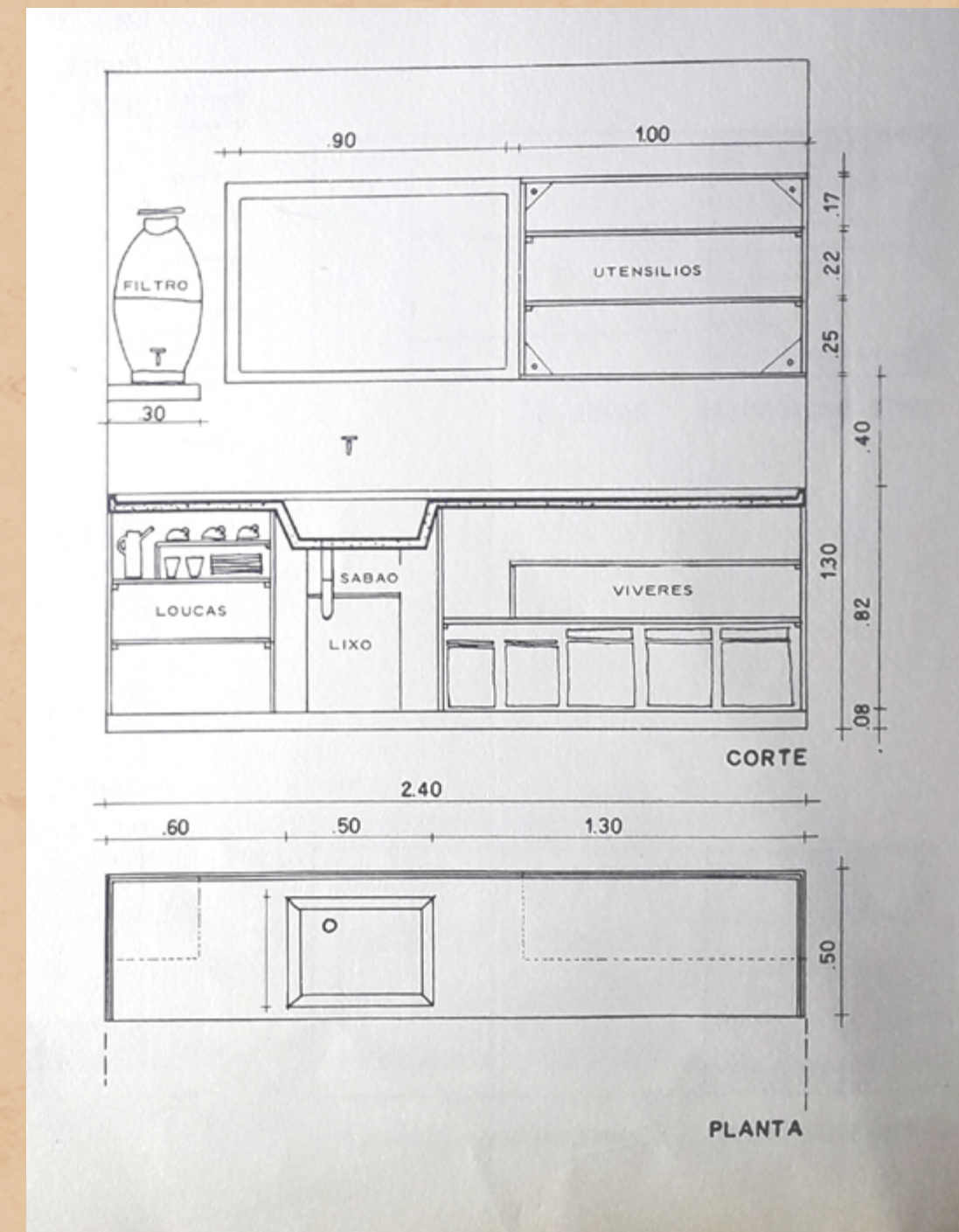
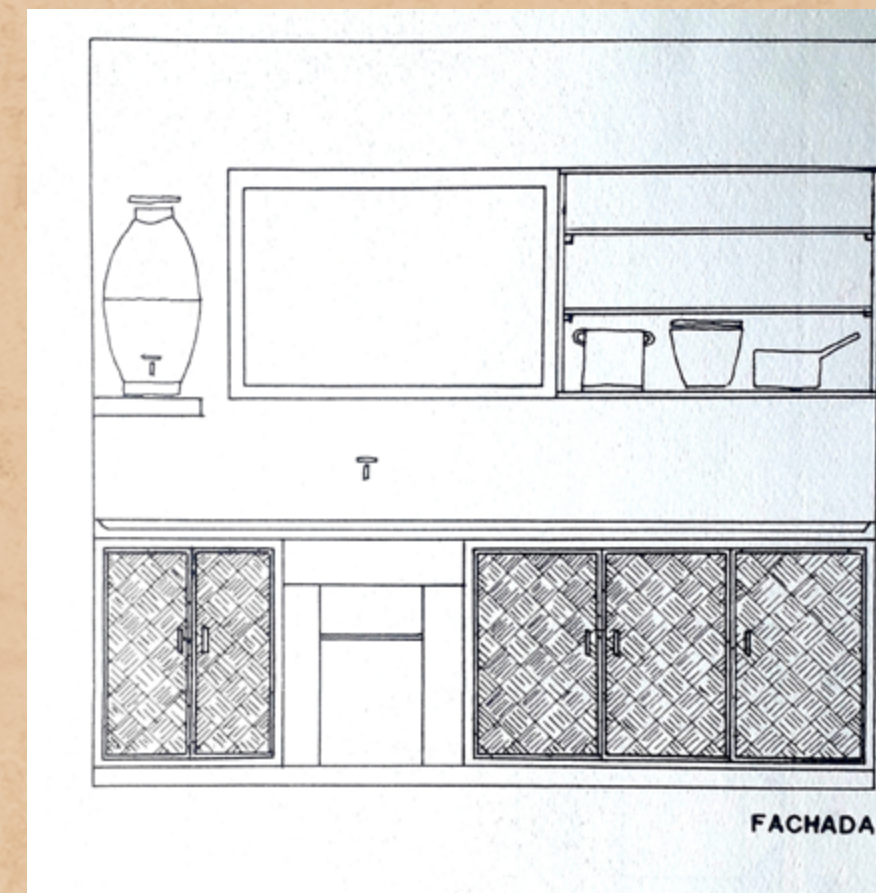
FIG. I





Figura 46 - Alunas do curso mostrando divisórias de ambiente construídas em bambu. Acervo do arquivo histórico da UFV

Figura 47 e 48 - Cozinha de uma das casas de Palmital e Padre Nosso, que aceitou as modificações sugeridas pelos extencionistas. O relatório menciona que a cozinha funciona como um modelo para os demais moradores. Nota-se a incorporação de móveis embutidos, filtro de água e utensílios. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.





Outro ponto muito debatido em torno da casa é a questão de saúde e subsistência. O tema acerca da higiene na habitação é central dentro da atuação das economistas domésticas e também toma grande parte das discussões, o que pode ser notado na imagem 50, que mostra a presença na grade do curso de aulas teóricas e práticas relativas a questões de saneamento.

Um dos pontos centrais era a utilização de Fossa seca para destinar os dejetos domésticos, uma vez que a questão sanitária era extremamente deficiente nos vilarejos:

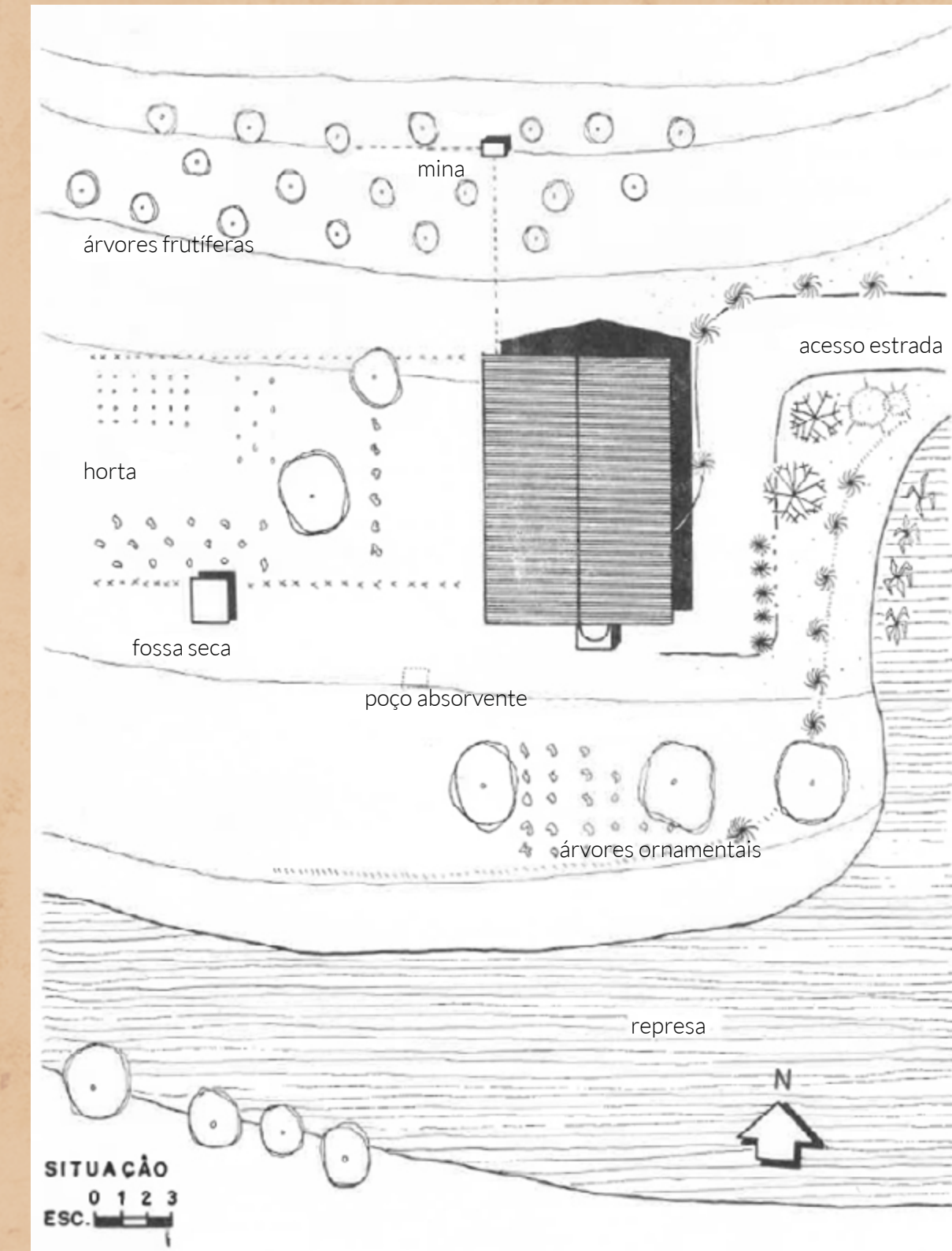
*“ [...] solamente se cuentan 7 letrinas en Palmital y Padre Nosso. Las necesidades personales se hacen entre la mata en lugares no muy lejanos de las casas. Las letrinas existentes son construidas sobre el agua, en tal forma que esta se contamina: hay familias que utilizan esta misma agua un poco más abajo”*<sup>6</sup>

Segundo o SAAE<sup>7</sup>, a fossa seca deve ser construída no mínimo a 10 m da casa

<sup>6</sup> Ibid. , p.64. “[...] somente se contam 7 latrinas em Palmital e Padre Nosso. As necessidades pessoais são feitas na mata em lugares não muito distantes das casas. As latrinas existentes são construídas sobre a água, de tal forma que esta se contamina: há famílias que utilizam essa mesma água um pouco mais abaixo.” Tradução realizada pela autora

<sup>7</sup> Fossa Seca. SAAE - Serviço Autonomo de Água e Esgoto. Disponível em: <http://www.saaesetelagoas.com.br/esgoto/fossa-seca>

Figura 49 - Plano de implantação da casa experimental. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.





e a 15m de qualquer fonte ou poço de água, requisito que é cumprido pelo que mostra a implantação (figura 49).

A prevenção e identificação das doenças que acometiam os moradores da região era tema do formulário elaborado pelos extensionistas (Figura 51), o que resultou em um panorama de moléstias que se relacionava com a falta de saneamento das casas. Buscava-se entender a procedência da água, sendo parte do trabalho ensinar melhores formas de tratamento e desinfestação da mesma, tema que também estava presente na grade do curso teórico. Na planta da casa experimental é possível identificar uma fonte, na imagem denominada de “mina”, sendo a proteção das águas feita através de coletores, depósitos e canalização.

Figura 50- Bloco G de aulas, abordando temas acerca de saneamento. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

Figura 51- Trecho do formulário em que pergunta-se sobre as doenças e também a forma de obtenção de água. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

G. Clases sobre saneamiento rural, por el asistente en saneamiento Alfonso Pylrro

- 1. Paredes y fosas secas
- 2. Pozos de agua excavados
- 3. Pozos de agua clavados
- 4. Tratamiento del agua
- 5. Desinfección del agua.

Prácticas: a. Planchas de pisos de letrinas  
b. Tanques de agua  
c. Piletas de cocina  
d. Piletas de lavar ropa  
e. Elevadores de agua a cadena  
f. Fogones para empleo del aserrín  
g. Arietes hidráulicos (Prof. Alberto Daker).

- 11. a) Houve doentes adultos na família, nos últimos 6 meses? Sim ☐; Não ☐
- b) Quais doenças? \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_
- 12. a) Houve crianças doentes? Sim ☐; Não ☐.
- b) Quais doenças? \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_
- c) Com quem se tratam? \_\_\_\_\_

- 22. Água: a) Procedência: Mina: ☐; Fonte: ☐; Poço: ☐; Córrego: ☐; \_\_\_\_\_.
- b) Sistema de retirada: Bomba ☐; Balde ☐; Bica ☐; Carneiro ☐.
- c) Distância da casa: \_\_\_\_\_ metros.
- d) Encanada? Sim ☐; Não ☐.
- e) Tratamento: Nenhum ☐; Filtrada ☐; Fervida ☐.
- f) Instalação para banho: \_\_\_\_\_.
- g) Onde lavam roupa: Bica ☐; Córrego ☐; Tanque ☐.
- h) Em que lavam pratos? \_\_\_\_\_.
- 23. Usam inseticidas? Sim ☐; Não ☐.





Figura 52- Alunos durante a compactação de terra para construção dos blocos. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

Figura 53- Foto onde é possível ver a construção da casa experimental em andamento. Acervo do Arquivo Histórico da UFV





### Projeto de melhoria das casas

O projeto de melhorias das casas foi desenvolvido em paralelo ao da casa experimental e englobou 34 estudos de caso. Em relação à adesão dos moradores às mudanças sugeridas foi feito um estudo minucioso, também analisando os fatores que geram ou não o engajamento. Para além dos fatores econômicos, destaca-se o fator sócio-psicológico, mostrando uma multiplicidade de razões que interferem na decisão das famílias. O quadro 54, retirado do relatório, mostra o número de famílias em que as mudanças foram exitosas (de imediato ou posteriormente).

Em relação aos fatores sociais que levavam essas famílias a não acolher às mudanças, mais uma vez destacava-se o valor social intrínseco ao teto de quatro águas em relação ao de duas águas. De maneira contraditória a isso,o motivo apresentado pelas famílias em relação à armários embutidos, é de que indicavam uma condição social à qual não aspiravam. A fossa seca também foi um fator de muita resistência pelos moradores, que alegaram o mau odor que causaria a solução. Práticas tradicionais chocavam-se com melhorias propostas, mostrando o complexo trabalho do extensionista para mediar tais questões.<sup>1</sup>

Figura 54 - Recusa e adoção de inovações das habitações presentes em Pamital e Padre Nosso, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

Figura 55 - Fatores de personalidade nas razão cultrais para a adoção de inovações nas habitações de Palmital e Padre Nosso, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

Figura 56 - Fatores inerentes nas razões econômicas para a adoção de inovações nas habitações de Palmital e Padre Nosso, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

<sup>1</sup> Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961. p.32

Rechazos y adopción de innovaciones en la vivienda presentadas en Palmital y Padre Nosso, por razones 1958			
RAZONES	Casos		
	Negativos	Positivos Inmediatos	Positivos Postergados
Con impulso o necesidad sentida		(14)	(11)
Razones económicas solamente	3	0	10
Razones culturales solamente	2	1	0
Razones culturales y económicas	3	14	1
Total:	8	15	11

Factores de personalidad en las razones culturales para la adopción de innovaciones en la vivienda en Palmital y Padre Nosso, 1958		
Factores de personalidad	Número de factores en los casos*	
	Positivos Inmediatos	Positivos postergados
Contactos con elementos de fuera, viajes, imitación y formación de hábitos	3	4
Iniciativa personal, habilidad, curiosidad	1	3
Emulación con un vecino	1	
Tendencia a aceptar la opinión de otros	2	
Seguridad personal	3	
Prestigio personal	7	
Ninguno establecido		4
Total:	17	11

Factores inherentes en las razones económicas para la adopción de innovaciones en la vivienda en Palmital y Padre Nosso, 1958		
Factores económicos	Número de factores en los casos*	
	Positivos Inmediatos	Positivos postergados
Bajo costo, poco gasto	10	6
Materiales locales o la mano	9	4
Posesión de herramientas necesarias		2
Facilidad de confección	7	1
Compensación económica a largo plazo	1	2
Posibilidad de trabajo remunerado	1	
Sin importancia	1	3
Total:	29	18



No tocante a questões econômicas, a maioria dos habitantes de Palmital e Padre Nosso, além da falta de recursos, apontava para a incompatibilidade das reformas com o calendário agrícola. Esse foi outro ponto interessante, também já evidenciado na adesão dos moradores na produção de blocos para o Clube 4S: a dinâmica do planejamento rural é dependente da agricultura e dos fatores naturais que também a regem, como chuvas e colheitas. A elaboração do curso, por exemplo, não levou em conta isso, o que parece ter contribuído com a menor adesão dos moradores, e dificultado o próprio trabalho do extensionista, seja nas demonstrações ou na construção da casa experimental.

Os Quadros 55 e 56, mostram outros dois interessantes aspectos: dentro dos casos exitosos, o que levou os moradores a ansiar pela inovação. Destaca-se no primeiro quadro “o fator de prestígio” apontado pelos moradores, o que pode ser complementado pela análise de que as influências das cidades também levavam o morador rural a interessar-se pela modernização, como um indicativo de mudança social. Já o segundo quadro aponta para elementos já destacados como cruciais para uma ação de extensão exitosa: baixo custo,

<sup>2</sup> Ibid. , p.98. “Fossa seca, prancha de cimento armado para latrina, piso de solo cimento, melhor aproveitamento da cozinha com mesa dobrável, lavadeiro de cimento e prateleira na parede.”. Tradução realizada pela autora.

uso de materiais locais e facilidade de reprodução pelos moradores.

Entre as melhorias sugeridas, as mais prósperas do ponto de vista de demonstração e aceitação foram: “Fosa seca y plancha de cemento armado para la letrina, piso de suelo cemento, mejor aprovechamiento del espacio de la cocina con mesa plegable, lavadero de cemento y platero en la pared”.<sup>2</sup>

Como já mencionado, o relatório da ABCAR apresenta os desenhos de quatro casas, sendo duas de Palmital e duas de Padre Nosso. Dentre as modificações assinaladas destacam-se a instalação de armários, móveis e portas de bambu, instalação de pia e remodelação de portas e janelas (apesar de não ficar claro pelas plantas a situação existente e a atual).



**Projeto Clube 4S**

A iniciativa de construção de uma sede para o Clube 4S da região surgiu da irregularidade das reuniões do grupo, que até então eram realizadas de forma rotativa na casa de membros. O clube, que também contava com a participação da comunidade vizinha de Itaguaçu, percebeu que apenas os vizinhos mais próximos compareciam às reuniões.<sup>1</sup>

A iniciativa da comunidade encontrou campo fértil junto ao trabalho realizado pelos extensionistas que incluíram o projeto da sede dentro da organização do curso. A ideia era de formalização de um projeto junto à comunidade e iniciação da construção através do esquema de mutirão. Já era esperado que não fosse possível concluir as obras dentro do período do curso, mas ficava à cargo dos técnicos da ACAR-MG dar continuidade aos trabalhos iniciados.

O mesmo motivo que levou ao intento de construção da sede também foi um dos principais empecilhos do trabalho: a falta de frequência de reuniões junto com os extensionistas levou a um desinteresse de parte da população.

<sup>1</sup> Ibid. , p.57

<sup>2</sup> Ibid. , p.58. “Se procurou então, com novas visitas individuais, estimular mais pessoas a colaborar com o trabalho. Se conseguiu então, que durante uma semana, mais ou menos, se formassem grupos regulares de trabalho e se confeccionaram 2000 blocos até que chegou o período de chuvas. [...] O próprio padre via na sede um local adequado para realizar a missa e agregou um novo motivo de interesse.” Tradução realizada pela autora.

Tal questão fora mencionada por Fals Borda, quando analisado os métodos construtivos, e reiterada no relatório final que menciona como emblemático a perda de engajamento até mesmo da Chefe do Clube 4S. Tendo em vista tal questão os extensionistas passaram a trabalhar em formas de fomentar a participação dos habitantes locais:

*“se procuró entonces, con nuevas visitas individuales, estimular a más personas a colaborar con el trabajo” Se consiguió entonces que durante una semana, más o menos, se formarán grupos regulares de trabajo y se confeccionarán 2000 bloques hasta que llegó el período de lluvias. [...] El propio Vicario veía en la sede un lugar adecuado para decir misa y agregó un nuevo motivo de interés.”<sup>2</sup>*

É principalmente nesse período que se realizam os estudos já analisados no tópico acerca das questões construtivas. Apesar de um curto período, ressalta-se a importância do trabalho para introduzir o uso do solo-cimento, além da utilização do maquinário CINVA-RAM. O relatório ainda analisa que a comunidade teria adquirido uma dinâmica própria com o breve estudo,





<sup>3</sup> SANTOS NICOLAU, Nathalia dos. Clubes Agrícolas: Um projeto de educação, trabalho e cooperação para jovens rurais. Tese (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016

Figura 57 - Extencionistas e moradores em uma das reuniões para o projeto do Clube 4S. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

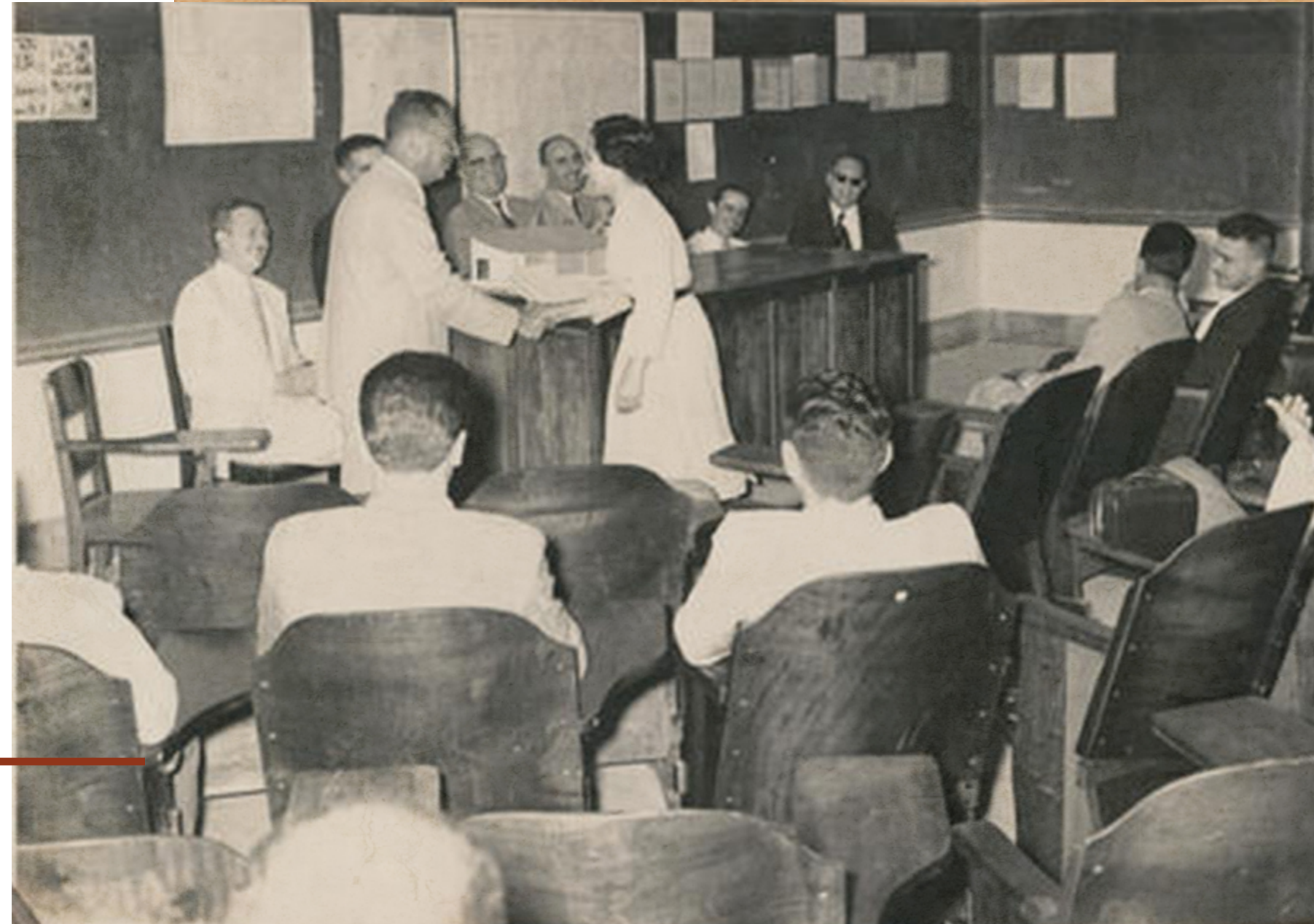
facilitando o término do projeto com a supervisão dos técnicos da ACAR.

Mais uma vez o engajamento feminino acontece, dessa vez no processo de produção de blocos, o que pode ser notado pelas fotos. Nas imagens chama atenção o grande número de crianças participando das reuniões e do mutirão. O relatório menciona o envolvimento dos jovens no processo de planejamento da sede para o Clube, o que vai ao encontro com o que pontua Santos Nicolau<sup>3</sup>em sua análise, de que grande parte dos frequentadores do clube eram jovens entre 10 e 21 anos. Por fim, novamente é possível perceber a participação do padre local, que utiliza da premissa de realização de missas no local para despertar o engajamento da população.



## 4. Trajetórias

---





### 4.1. Albano, Vautier e Fals Borda

O projeto inicial da pesquisa propunha a análise da trajetória de três profissionais envolvidos com o CINVA e com o curso em Viçosa: a assistente social brasileira Maria Josephina Albano, o arquiteto argentino Ernesto Vautier e o sociólogo colômbiano Orlando Fals Borda. A ideia então enunciada colocava a atuação dos três profissionais como balizante dos temas debatidos durante o evento, indiciada principalmente pela publicação do *Manual de investigación y extensión en vivienda rural*, em 1958.<sup>1</sup>

No decorrer do trabalho, a documentação e a bibliografia levantadas a partir do curso de Viçosa levaram a uma rede de ideias e de personagens muito mais complexa do que a atuação apenas desses três personagens e do CINVA. Como analisado, outros profissionais e instituições marcaram os debates promovidos, como a ABCAR, os agrônomos, as economistas domésticas, os arquitetos e a própria Igreja.

De qualquer forma, a análise da trajetória desses três profissionais ainda parece pertinente para o trabalho no sentido que é metonímica em relação à multidisciplinaridade e transnacionalidade que o cursos do CINVA

Figura 58 - A aula Maria Luísa recebe o diploma do professor Ernesto Vautier durante a cerimônia de encerramento do curso. Acervo do Arquivo Histórico da UFV

<sup>1</sup> ALBANO, Josephina, FALS BORDA, Orlando, VAUTIER, Ernesto E. . Manual de investigación y extensión en vivienda rural. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958

<sup>2</sup>Vautier, Ernesto. 1899, Buenos Aires / 1989, Buenos Aires. MODERNABUENOSAIREs, un programa CPAU. Disponível em: <https://www.modernabuenosaires.org/arquitectos/ernesto-vautier>

propunham. Suas atuações são paradigmáticas da presença do Centro e de seu propósito de formar profissionais latino americanos para atuarem em seus países de origem. Albano, Vautier e Fals Borda contribuem para a formação do pensamento latino americano e suas trajetórias são exemplares para pensar de que maneira o CINVA se constitui num centro gerador e propagador de ideias no continente.

#### Ernesto Vautier

O arquiteto argentino Ernesto Vautier tem papel fundamental não só na realização do curso de Viçosa em 1958, mas também nos principais programas rurais desenvolvidos pelo CINVA. Sua trajetória até o trabalho com questões rurais é curiosa: graduou-se na UNBA em 1921, junto com seu colega e primeiro sócio, o arquiteto Alberto Prebisch. Juntos foram importantes propagadores das ideias modernistas na Argentina, ganhando em 1924 o prêmio no Salão Anual do Museu Nacional de Belas Artes pelo Projeto de Ciudad Azucarena para Tucumán. Em parceria com a Revista Martín Fierro, disseminavam os postulados de uma nova arquitetura.<sup>2</sup>

Na Argentina destacou-se em sua atuação no Conselho Nacional de



Habitação e na participação na criação do Consejo Profesional de Arquitectura y Urbanismo (CPAU). Em 1944 participa de um projeto de grande envergadura na reconstrução de San Juan, cidade devastada por conta de um terremoto. Como aponta Paez<sup>3</sup>, parece ser nesse momento de sua trajetória que Vautier passa a ter um contato com um planejamento mais próximo das populações e das realidades existentes, afastando-se da prática da arquitetura mais acadêmica.

*“La transición de la vanguardia de la cultura moderna argentina, al terreno discreto con la cooperación con organizaciones rurales y marginales, demuestra la personalidad especial de Vautier, que habría podido seguir un camino parecido al de Alberto Pebrish y consagrarse como difusor de la arquitectura moderna en su país. No obstante, la forma de ejercicio que escogió, una postura comprometida con el papel del arquitecto a servicio de la sociedad, coincide con la de numerosos arquitectos latinoamericanos que expresaron la necesidad del compromiso social en este medio.”*<sup>4</sup>

<sup>3</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de Historia da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002. “ A transição entre a vanguarda da cultura moderna argentina, ao terreno discreto com a cooperação com organizações rurais e marginais, demonstram a personalidade especial de Vautier, que poderia ter seguido um caminho parecido ao de Alberto Pedrish e consagrar-se como difusor da arquitetura moderna em seu país. Não obstante, a forma de exercício que escolheu, uma postura comprometida com o papel do arquiteto a serviço da sociedade, coincide com a de numerosos arquitetos latino americanos que expressaram a necessidade do compromisso social neste meio”. Tradução realizada pela autora.

<sup>4</sup> Ibid., p.107

<sup>5</sup> Ibid., p.109 apud GUTIÉRREZ, Ramón. Arquitectura y Urbanismo en Iberoamérica. Madrid:Ediciones Cátedra S.A., 1985, p.581

<sup>6</sup> Ernesto Vautir: un arquitecto con compromiso social. CEDODAL.: Argentina, 2005

<sup>7</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de Historia da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002. Anexoz

Paez ainda pontua que a própria mudança de seus interesses, da arquitetura moderna para uma aproximação com os temas rurais, insere-se na análise de Ramón Gutiérrez sobre o próprio movimento modernista na Argentina. Segundo Gutiérrez, os conceitos modernos não foram tão bem consolidados no país para a formação de uma arquitetura nacional como no Brasil ou no México, por exemplo.<sup>5</sup>

Em 1953 Vautier foi contratado pelo Programa de Cooperação Técnica da OEA, passando a integrar o quadro de professores do CINVA, onde exerce a função de professor e especialista em vivenda rural, sendo Chefe do Programa Rural e de Treinamento em Campo. Dentro do Curso Regular de Vivenda (CRV) esteve a cargo dos seguintes projetos: Anolaima, Líbano e Rio Frío (1953); Roldanillo e Anolaima (1954); Sogamoso (1955); Sán Jerónimo (1956); Chambimbal (1957) e Yotoco (1958).<sup>6</sup> Todas essas regiões localizam-se na Colômbia, e como analisado na primeira parte deste trabalho, faziam parte do projeto rural desenvolvido durante o CRV. Em 1957 Vautier organiza um Curso Intensivo de Vivenda Rural para Professores Campesinos (CVRP)<sup>7</sup>, o que reitera a necessidade de treinamento de profissionais qualificados para debater o tema agrário em âmbito latino-americano.



A atuação junto com Albano e Fals Borda parece iniciar-se também em 1957, com a realização do estudo de Chambimbal. No mesmo ano, o projeto urbano desenvolvido é o de Siloé que tem importante participação de Josephina Albano. Fals Borda novamente aparece em parceria com Vautier no já mencionado CVRP e em um estudo realizado na província de El Chocó na Colômbia intitulado: *Vivienda Tropical Húmeda: sus aspectos sociales y físicos como se observa en el Chocó*.

Fora da Colômbia, junto com o CINVA, promove além do CRR em Minas Gerais (1958), cursos no mesmo formato em Maracay - Venezuela (1959) e em Chaco - Argentina (1960). Em seu último ano de atuação no CINVA continuou a ser professor do CRR, coordenando um estudo na região de Armênia, na Colômbia.<sup>7</sup>

É possível mapear sua atuação pela América Latina também através da assessoria prestada a diversos órgãos como: ICT; Governo Argentino para elaboração de um programa de vivenda rural (1957); ABCAR por advento do curso e da chamada Missão 39, que ainda será analisada neste trabalho (1957 -1959); Governo de Porto Rico para revisão de seu programa de Vivenda (1957).<sup>8</sup>

<sup>8</sup>Ernesto Vautir: un arquitecto con compromiso social. CEDODAL.: Argentina, 2005

<sup>9</sup>PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951 -1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002. p.108. “ Não cabe dúvidas de que para Vautier, como outras pessoas que participaram, nenhuma experiência pode ser tão intensa como a que se viveu no CINVA, e as primeiras opiniões de Vautier sobre a habitação rural devem ter mudado com ela, especialmente com sua conversa com o sociólogo Orlano Fals Borda.”. Tradução realizada pela autora.

A análise da trajetória de Vautier é emblemática para entender o trânsito de ideias através dos agentes do CINVA pela América Latina, e como seus debates são disseminados para outros países através dos profissionais que lá atuaram. Após retornar para Argentina, Vautier continuou trabalhando com a temática rural, voltando na década de 80 a atuar em Chaco através Centro de Serviços Rurais da Província, e como fundador da Associação Argentina de Vivenda Rural. Uma trajetória para a qual:

***No cabe duda de que para Vautier, como otras personas que participaron, ninguna experiencia pudo ser tan intensa como que la se vivió en el CINVA, y las tempranas posturas de Vautier sobre la vivienda rural debieron cambiar con ésta, en especial con su intercambio con el sociólogo Orlano Fals Borda.***<sup>9</sup>

### Orlando Fals Borda

Orlando Fals Borda nasceu em Barranquilla na Colômbia em 1925. Conseguiu uma bolsa para estudar na Universidade de Dubuque em Iowa, onde graduou-se em 1947 em literatura inglesa e música. Retornou à Colômbia no



ano seguinte, deparando-se com um contexto político conturbado, já descrito na primeira etapa deste trabalho: o chamado *El Bogotazo*.

Seu contato com as populações rurais iniciou-se quando conseguiu em 1949, um posto como secretário bilíngue na companhia americana Winston Brother Company, responsável pela construção de represas. É através desse trabalho que consegue aprofundar as relações com a população local, chegando a morar junto a uma família camponesa no município de Choncontá.<sup>10</sup>

Retornou aos EUA, para realizar o Mestrado em Sociologia na Universidade de Minnesota, com trabalho publicado em 1955 com o título “Campesinos de los Andes”. Durante esse período tem contato com o professor Lynn Smith, com quem realiza o Doutorado em Sociologia na Universidade da Flórida, onde em 1957 escreve a tese “El hombre y la tierra en Boyacá.”

É no mesmo ano que constam as primeiras contribuições de Fals Borda junto com Vautier no CINVA. Os debates promovidos pela instituição parecem ir ao encontro com os ideais defendidos pelo sociólogo em suas pesquisas anteriores, como se nota no comentário:

<sup>10</sup> MOTA NETO, João Colares da. Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016. p.236

<sup>11</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002. p.25 “O CINVA desafia fundamentalmente a forma como a academia vinha sendo feita na Colômbia, desafiando o que hoje chamamos de paradigma dominante, essa rotina, racionalismo cartesiano ou cientificismo ... Por meio de quatro elementos: a investigação da realidade saindo a campo; uma grande inovação. A insistência na multidisciplinaridade; fundamental. Não houve contato entre as facções ou respeito mútuo ... E por último, o elemento da identidade latino-americana, aqui só vimos o nosso colombiano. O CINVA começou a nos fazer pensar no resto do mundo, principalmente no mundo latino-americano”. Tradução realizada pela autora.

*El CINVA hace un reto fundamental a la manera como se estaba haciendo la academia en Colombia retando o que ahora llamamos el paradigma dominante, ese racionalismo rutinario, cartesiano o el cientificismo....A través de cuatro elementos: la investigación de la realidad saliendo al terreno; una gran innovación. La insistencia en la multidisciplinaridad; fundamental. No había contacto entre las facciones ni mutuo respeto...Y por último, el elemento de la identidad latinoamericana, aquí no veíamos sino sólo nuestro colombiano. CINVA empezó a hacernos pensar en el resto del mundo, especialmente, en el mundo latinoamericano”<sup>11</sup>*

A multidisciplinaridade, um pensamento latino-americano e o contato direto com a população através do trabalho em campo eram os princípios básicos que Fals Borda via no CINVA, e por isso sua aproximação com os trabalhos desenvolvidos parecia fazer todo sentido. Tais elementos, como visto no capítulo anterior, balizaram os debates desenvolvidos durante o curso de Viçosa, cuja análise da comunidade é organizada pelo sociólogo colombiano. A metodologia do curso também trás muitos elementos do trabalho conjunto



desenvolvido por Vautier, Albano e Fals Borda na publicação *Manual de investigación y extensión en vivienda rural*, que antecede o curso em 1958.

A atuação de Fals Borda após sua passagem pelo CINVA, assim como visto na trajetória de Vautier, parece permanecer ligada às questões formuladas durante os diálogos que aconteceram no âmbito da instituição.. Em 1959, junto com o padre, e também sociólogo Camilo Torres Restrepo, fundou a faculdade de Sociologia na UNC, dando um grande passo para a institucionalização da disciplina não só na Colômbia, como em toda América Latina. Fals Borda é responsável pela organização da primeira ”junta de ação comunal” no país, organizações campesinas que promovem o que Borja<sup>12</sup> nomeia como “desenvolvimento endógeno”, com melhoramento das condições de vida, nas tecnologias empregadas e na educação da população rural.

Mota Neto aponta que Fals Borda também é responsável pelo Programa Latinoamericano para el Desarrollo (PLEDES) junto à UNAL, com o intuito de formar profissionais no campo das transformações socioculturais. Apesar do autor analisar a iniciativa “como um primeiro esforço institucional colombiano para estudar os aportes da sociologia latino-americana em uma época de grande florescimento intelectual da região”<sup>13</sup>, tal projeto já pode ser visto na

<sup>12</sup> MOTA NETO, João Colares da. Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016. p.236 apud BORJA, Miguel; PINEDA, Jacinto; VIZCAÍNO, Milcíades. Orlando Fals Borda: una vida de compromiso social. Bogotá: Escuela Superior de Administración Pública, 2012

<sup>13</sup> Ibid., p.246

<sup>14</sup> BRINGEL, Breno; MALDONADO, Emiliano. Pensamento Crítico Latino-Americano e Pesquisa Militante em Orlando Fals Borda: práxis, subversão e libertação. Revista Direito e Práxis. Rio de Janeiro, Vol. 07, nº13, 2016

<sup>15</sup> Ibid., p.399

atuação do CINVA e sua ação junto com a instituição parece ser o primeiro contato do sociólogo com a América Latina de forma mais ampla. De qualquer forma, é patente a relação entre o PLEDES e o CINVA, não só acerca da figura de Fals Borda, mas também no intento de formação de profissionais através de um pensamento latino-americano.

É sem dúvida a metodologia de Investigación Acción Participativa (IAP) que mais parece aproximar Fals Borda do trabalho desenvolvido pelo CINVA. O método que alia o trabalho teórico ao prático estabelece uma relação direta com os trabalhos desenvolvidos pela instituição, evidenciando também que a organização desenvolvida pelo sociólogo para o curso de Viçosa preconiza sua atuação através da metodologia IAP. Ainda de acordo com Bringel e Maldonado<sup>14</sup>:

**“Essa metodologia tinha como pressuposto fundante o papel transformador da ciência e dos cientistas sociais, sobretudo em países como os latino americanos nas quais as desigualdades são marcantes e as injustiças sociais são latentes. Diante disso, resgata-se a importância do compromisso com as lutas das classes subalternas e da práxis como vetor do pensamento social crítico.”<sup>15</sup>**



## Maria Josephina Albano

Nascida em Fortaleza, Maria Josephino Albano graduou-se no ano de 1940 no curso de História e Geografia na Universidade do Distrito Federal, atual UFRJ. Simultaneamente, ingressou na Escola de Serviço Social do Instituto Social, atual departamento de Serviço Social da PUC-Rio, formando-se na primeira turma.

A trajetória de Josephina Albano não só é ímpar em termos do recém criado Serviço Social, como também vanguardista quanto à atuação da mulher no meio profissional da época. Após se formar, recebe uma bolsa para estudar na Universidade da Columbia, New York School of Social Work, onde realiza o mestrado. Em 1946 , participa do curso organizado pelo Women's Bureau de Washington, acerca do bem estar da mulher e da criança. Neste mesmo período, realizou aulas do curso de Doutorado em Serviço Social novamente na New York School.<sup>16</sup>

Em 1943 trabalhou junto à Divisão de Assistência ao Menor e à Divisão de Obras Sociais da Legião Brasileira de Assistência (LBA). Vale

<sup>16</sup> SILVA, I. L. R. Maria Josephina Rabello Albano. A intrépida desafiadora. Rio de Janeiro, Conselho Regional de Serviço Social, 2012

<sup>17</sup> Ibid., p.4

ressaltar sua atuação no período junto à “Campanha de Redenção à Criança” que procurava levantar fundos para Centros de Puericultura pelo Brasil. A campanha, que percorreu o país ficando um período em cada localidade e divulgando a importância do tema, parece em muito se aproximar da atuação das Economistas Domésticas junto com o ETA nas chamadas Missões Rurais. Destaca-se ainda a iniciativa da LBA de trazer um representante de cada estado para estudar no Instituto de Serviço Social no RJ, iniciativa da qual Josephina esteve à frente, e em que mais uma vez a Igreja Católica aparece como interlocutora, indicando nomes para cada uma das regiões. O intento mostrou-se exitoso, uma vez que muitas de suas alunas foram responsáveis pela criação de escolas de Serviços Sociais em seus respectivos estados.

Sua atuação junto à OEA inicia-se em 1947, quando realiza um trabalho de assessoria junto à organização nas Filipinas. Em 1952, Albano é convidada a chefiar a Seção de Serviço Social da OEA, período em que passa a atuar junto ao CINVA, destacando-se o trabalho desenvolvido junto à comunidade de Siloé. Silva<sup>17</sup> aponta o interesse de Albano em relação às questões relacionadas ao fenômeno da urbanização e suas consequências, principalmente pelo



seu contato com comunidades da periferia das grandes cidades. Em 1957, publica pelo CINVA o livro “*El Factor Humano en los programas de rehabilitación de tugurios*”, que segundo a autora tinha o objetivo de “discutir el principio de que la familia es objeto de cualquier programa de habitación y por isso el factor humano es de importancia primordial”<sup>18</sup>, visão presente no curso de Viçosa.

Apesar de sua atuação estar mais próxima dos centros urbanos, não é estranho pensar em sua aproximação junto à Vautier e Fals Borda na publicação *Manual de investigación y extensión en vivienda rural*, e no curso de Viçosa, uma vez que como analisado, as questões urbanas e rurais imbricavam-se dentro de uma noção de planejamento integrado promovido pelo CINVA. O êxodo e precariedade da vivenda rural são fatores apontados pela assistente social em sua análise acerca dos tugúrios.<sup>19</sup>

Assim como Fals Borda e Vautier, a atuação de Albano junto ao CINVA parece reverberar em seus projetos posteriores. Entre 1960 e 1961, trabalhou junto ao Serviço Social Rural (SSR), onde prestou assessoria e desenvolveu treinamento e orientação de pessoal no âmbito

<sup>18</sup> ALBANO, Maria Josephina. El factor humano en los programas de rehabilitación de tugurios . Bogotá: CINVA, 1957

<sup>19</sup> Ibid., p.14

<sup>20</sup> SILVA, I. L. R. Maria Josephina Rabello Albano. A intrépida desafiadora. Rio de Janeiro, Conselho Regional de Serviço Social, 2012. p.8

<sup>21</sup> Ibid., p.9

de desenvolvimento da comunidade, Além disso, o SSR era uma instituição subordinada do Ministério da Agricultura.<sup>20</sup>

Em 1966, Albano atua junto ao Serviço Social Nacional de Habitação e Urbanização, o SERFHAU e ao BNH na assessoria de planos diretores. Na mesma época foi criado o CENPHA, Centro de Pesquisas Habitacionais, a partir de um convênio entre o SERFHAU e a PUC-Rio, e Josephina Albano é indicada para a direção. Silva<sup>21</sup> aponta para os objetivos do CINVA acerca da pesquisa de habitações populares que englobam o estudo social e técnicas de construção das habitações, ainda destacando para o intercâmbio do Centro com instituições internacionais. Em relação a isso, ainda é possível apontar mais uma relação com o CINVA, que promoveu em 1969 um curso em parceria com o CENPHA: *Curso de Vivenda dentro do Contexto Urbano*. Após o período de direção, Albano ficaria como assessora técnica dessa instituição, até sua dissolução em 1972. A assistente social ainda atuou junto ao INDAL (Informação Documental da América Latina), residindo em Caracas de 1973 a 1975.



## 4.2. Missão 39 e outros desdobramentos

Como demonstrado, a rede de profissionais e instituições que balizam os debates em torno do curso de Viçosa é ampla e complexa, conectando personagens de diferentes áreas do conhecimento e de diferentes países, com destaque para os agentes latino-americanos. O curso não se encerra em si mesmo, levando a uma série de desdobramentos em diferentes vertentes. Este capítulo apresenta alguns destes caminhos no sentido de indicar novas possibilidades de pesquisa.

Diretamente relacionada ao Curso de Vivenda Rural em Viçosa está a chamada Missão 39, realizada em 1959. A Missão, buscou dar continuidade para o trabalho realizado durante o curso, que se repartiu em duas frentes de trabalho:

- *Estudo acerca das vivendas rurais nos Estados de Espírito Santos, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, buscando identificar questões construtivas e econômicas das habitações nessas localidades. Esse trabalho era coordenado pela ABCAR, com a direção do arquiteto Sylvio de Niemeyer e dos agrônomos Otto Gross e Antônio Chaves do ETA.*

<sup>1</sup> Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961. p.62

- *Estudo acerca das vivendas rurais e da economia doméstica no Estado de Minas Gerais, coordenado pela ACAR - Minas através do agrônomo Suetônio Pacheco e da economista doméstica Joana d' Arc Brumanno.*

A organização e análise das informações coletadas em tais estudos foi realizada junto com o arquiteto Ernesto Vautier durante sua visita ao Brasil para a Missão Técnica. De forma geral a análise utilizou-se da mesma metodologia empregada no curso de Viçosa um ano antes, com a casa rural no centro do debate. Mais uma vez os resultados pareceram dividir-se entre aspectos construtivos e a organização da casa. Além disso, a Missão ampliava a amostragem de casas estudadas, não só identificando outros problemas e soluções e suas respectivas relações regionais, mas também ampliando a visão da questão para além das comunidades de Palmital e Padre Nosso.<sup>1</sup>

Outro ponto bastante trabalhado nos estudos é a questão do crédito supervisionado, mecanismo já utilizado pelo sistema ABCAR para promover financiamento aos agricultores. Cavalcanti de Bezerra, em seu discurso na Semana Rural, já apontava para a posição vanguardista do Brasil ao aliar a extensão rural ao crédito supervisionado, modelo que opera de forma



separada em outros países. Dessa forma, a investigação promovida junto com o processo de extensão poderia também conseguir crédito para construção e melhoramento das casas estudadas.<sup>2</sup>. Segundo o relatório:

*El crédito supervisado, tal como se practica en Brasil, tiene las siguientes características:*

- 1. Es planeado, a requerimiento del campesino, por éste, su esposa, un supervisor agrónomo y una supervisora ecônomista doméstica, en el mismo sitio de la explotación.*
- 2. Abarca un plan de inversiones para mejorar la agricultura, el hogar y la salud. [...]*
- 3. El préstamo es concedido por instituciones bancarias, que mediante convenios con las filiales de ABCAR, otorga el crédito por la garantía del asesoramiento técnico que aquéllas ofrecen.<sup>3</sup>*

Fica evidente a partir dos requisitos acima, a relação entre o crédito

<sup>2</sup> CAVALCANTI BEZERRA, Uchôa Daniel. Uma experiência de habitação rural no Nordeste. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960. p. 110

<sup>3</sup> Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961. p.62

<sup>4</sup> Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961. p.66

<sup>5</sup> Ibid, p.68

supervisionado e o trabalho do extensionista, sendo necessária uma análise prévia e a elaboração de um plano de melhorias para solicitação do auxílio. O relatório ainda aponta para uma série de questões que dificultam o trabalho, problemas estes já mencionados durante o Curso de 1958, como a falta de um mapeamento completo do problema da habitação rural e de profissionais especializados, além de uma base ainda muito precária do que são chamados “instrumentos de trabalho”, como boletins técnicos, planos de demonstração, metodologia, e pressupostos para novos tipos de vivenda.<sup>4</sup>

De certa forma, os esforços do Curso de Vivenda Rural em 1958 e da Missão 39 em 1959, já buscavam suprir tais deficiências e ao final desses dois eventos a atuação desses profissionais já se encontrava em quatro Estados Brasileiros. O relatório final apontava para uma série de recomendações que orientavam a atuação do sistema ABCAR na continuidade dos estudos, também assinalando para criação de dois cursos de formação profissional: Curso de Formação de Especialistas em Vivenda Rural e Curso de Treinamento em Serviço.<sup>5</sup>

Uma das principais resoluções da Missão, porém, é sem dúvidas, a formação



de um Grupo de Trabalho de Vivenda Rural, que buscou promover reuniões periódicas a fim de debater os resultados até então obtidos. Chama a atenção a composição deste grupo: quatro representantes da ABCAR, um do CINVA, um do SSR, um do Serviço Especial de Saúde Pública, dois membros do ETA, um do AIA e um do ICA. A equipe aponta para a continuidade dos trabalhos de pesquisa, bem como para uma continuidade das relações entre o Brasil e o CINVA, através do tema rural.

*“Se han mostrado [las reuniones] especialmente útiles y es de esperar que en el futuro tengan una influencia decisiva en la formulación y puesta en práctica una política de la vivienda rural en el Brasil.”*<sup>6</sup>

O relatório publicado em 1961 ainda faz um balanço dos eventos realizados no Brasil pontuando algumas questões e aprendizados desses quase dois anos de estudos. Um primeiro ponto destacado é o mapeamento de locais representativos para elaboração de planos pilotos, o que permitiria identificar “aspectos qualitativos e a distribuição regional quantitativa do problema. A proposta de “sistematização” do trabalho ao iniciar os

<sup>6</sup> Ibid, p.69. “As reuniões tem se mostrado especialmente úteis e é de se esperar que no futuro tenham uma influência decisiva na formulação de uma política para a vivenda rural no Brasil”. Tradução realizada pela autora.

<sup>7</sup>Ibid, p.74

estudos em “pontos chaves” facilitaria também a identificação de tipologias habitacionais, bem como métodos e soluções empregadas, e a elaboração de uma metodologia mais completa para estudos posteriores. A ampliação dos estudos de caso promovida pela Missão 39 parece já seguir esse pensamento.

Além disso, a necessidade de formação técnica para atuação no âmbito do problema habitacional é novamente assinalada. Tanto o CINVA, quanto a própria ABCAR eram instituições que buscavam sanar essa deficiência profissional na América Latina, e o próprio curso de Viçosa é um exemplo disso. Porém, ressaltava-se a necessidade de aproximar o tema das Universidades, tomando como exemplo a UREMG, que já possuía seu Centro de Ensino e Treinamento em Extensão. Novamente é retomado o tema da multidisciplinaridade na ação, comprovando-se a partir dos estudos em Palmital e Padre Nosso uma maior eficácia quando a extensão rural, que incluía além do agrônomo e da economista doméstica, a figura do arquiteto.<sup>7</sup>

Por fim, ressaltava-se a importância da cooperação internacional: “La cooperación internacional debe promoverse no sólo por lo que pueden aportar los técnicos especializados, sino también por lo que éstos puedan recorrer



de la experiencia brasileña, evaluarla y difundirla”.<sup>8</sup> É citada a necessidade de estabelecimento de parcerias entre Estados, Municípios, Associações de Crédito e Assistência Rural, Institutos de Colonização, Serviço Social Rural, Serviço Especial de Saúde Pública, Direção Nacional de Endemias Rurais, Escritório Técnico de Agricultura, Campanha Nacional de Ensino Rural, a Fundação da Casa Popular, o Ponto IV, Cooperativas agrícolas, bancos e caixas econômicas, Universidades, Escolas Agrícolas e Associação de Agricultores. A extensa lista indica o campinho da cooperação após o curso de Viçosa.

Outros eventos indicam uma relação contínua entre o CINVA e o Brasil: a promoção de outros dois cursos de extensão em solo nacional durante a década de 60 . Em 1965 em parceria da SUDENE com o CINVA, é realizado o Curso Regional de Vivenda Rural em Recife. Neste momento outros três cursos no mesmo formato já haviam sido realizados na Argentina (1960), México (1962) e Peru (1963). Também chama a atenção a maior mescla de alunos de diferentes países latino-americanos nos cursos posteriores a 1958.<sup>9</sup>

Dessa forma, é um caminho promissor investigar o curso de Recife a partir das relações já existentes entre o Brasil e o CINVA, com destaque para os

<sup>8</sup> Ibid, p.75. “ A cooperação internacional deve ser promovida não só por que podem contribuir os técnicos especializados, mas também porque estes podem recorrer a experiência brasileira, avaliá-la e difundi-la”. Tradução realizada pela autora.

<sup>9</sup> PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación técnica 1951-1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002

<sup>10</sup> PONTUAL, Virgínia. Planejamento e política na cidade de Recife: sofreu essa relação de ruptura com o Golpe Civil-Militar de 1964. In: LEME, Maria Cristina da Silva (Org.). Urbanismo e política no Brasil dos anos 1960. São Paulo: Annablume, 2019

diálogos transnacionais em que a parceria com a SUDENE, coloca o Nordeste brasileiro como centro do debate acerca da vivenda rural. Vale ressaltar que mesmo dentro do sistema de ABCAR, é através de uma demanda da ANCAR que a habitação rural e a falta de profissionais especializados são postos pela primeira vez em voga.

Ainda é possível pensar na realização deste curso imerso em um período turbulento no Brasil com o Golpe Militar de 1964. O evento é um caminho interessante para entender como o aparato desenvolvimentista estruturado por Juscelino, no qual o sistema ABCAR está inserido, opera no período, pensando as relações entre as grandes mudanças políticas e a atuação de profissionais em uma escala regional. O curso, ainda, abre a possibilidade para se investigar a interface do planejamento com a questão da reforma agrária, considerando a SUDENE e a atuação das chamadas Ligas Camponesas<sup>10</sup>.

Já o curso realizado no Rio de Janeiro em 1969, trás a questão do planejamento para o campo urbano, e a parceria com o CENPHA indica a aproximação do CINVA com o SERFHAU e o BNH, com a possível participação de Josephina Albano nessa articulação. Um mapeamento inicial dos cursos



do CINVA demonstra que o Curso de Vivenda dentro do Contexto Urbano foi a única edição nesses moldes realizada pela instituição demarcando a especificidade da parceria firmada, indicando o estudo das favelas cariocas como central no evento. O curso de 1969, parece dialogar com o trabalho de Vera Lúcia Motta Rezendo, indicando um caminho para pensar o evento à luz do Governo de Carlos Lacerda e da atuação da Aliança para o Progresso na Guanabara.<sup>10</sup>

Ainda é interessante pensar como os cursos, suas temáticas e localidades, retomam a questão já debatida no primeiro capítulo: a aproximação entre o planejamento urbano e o planejamento rural dentro de um sistema integrado que de certa forma também aproxima a casa rural e a favela. Tudo isso debatido em um contexto em que a reforma urbana e a reforma agrária estão no centro do debate não só no Brasil, como em toda América Latina. Pesquisas como de Ana Fernandes<sup>11</sup> parecem ir ao encontro com a temática pensando na própria noção de reforma que é formulada na década de 1960. O tema não só aparece como central nas chamadas Reformas de Base de João Goulart, como também é formalizado à partir do Seminário de Reforma Urbana em 1963, promovido pelo IAB.

<sup>11</sup> MOTTA REZENDE, Vera Lúcia. Planejamento, gestão e obras na Guanabara: iniciativa e conflitos no Governo Carlos Lacerda. In: LEME, Maria Cristina da Silva (Org.). Urbanismo e política no Brasil dos anos 1960. São Paulo: Annablume, 2019

<sup>12</sup> FERNANDES, Ana. Reforma Urbana no Brasil: inquietações e explorações acerca de sua construção enquanto campo e política. In: LEME, Maria Cristina da Silva (Org.). Urbanismo e política no Brasil dos anos 1960. São Paulo: Annablume, 2019

<sup>13</sup> FELDMAN, Sarah. O Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (Serphau) e a reconfiguração do campo profissional do urbanista. In: LEME, Maria Cristina da Silva (Org.). Urbanismo e política no Brasil dos anos 1960. São Paulo: Annablume, 2019

O Seminário de 1963 foi um dos caminhos apresentados já na pesquisa de Iniciação Científica, uma vez que os debates promovidos no evento em muito dialogavam com o Seminário de Técnicos e Funcionários em Planejamento Urbano e a Carta dos Andes. A questão latino americana também é mais uma vez enunciada à partir da participação do CINVA, como representante da OEA<sup>12</sup>. Pensar como tema rural dialogava com a reforma urbana e como os planos regionais integravam a ideia de reforma agrária a partir de pesquisas já consolidadas acerca desses eventos no Brasil também parece ser um caminho interessante para analisar o contexto em que se inserem os outros dois cursos do CINVA realizados no país.



## Considerações Finais

---

O Curso de Vivenda Rural em Viçosa mostrou-se uma iniciativa pioneira, não só para o CINVA, que realiza seu primeiro curso fora da Colômbia, como para a ABCAR que coloca a casa rural como central no debate em torno do desenvolvimento e modernização do campo. Esse primeiro mapeamento de organizações nacionais e internacionais também revela um intenso processo de cooperação técnica entre os países latino-americanos com participação fundamental do Brasil.

Pensando tais instituições através dos profissionais que nela atuam é possível estruturar uma complexa rede interamericana que evidencia o trânsito de ideias por intermédio desses atores. Um projeto já iniciado durante a Iniciação Científica é o da elaboração de uma base de dados que reúna essas informações. A intenção é que essa base seja útil para o cruzamento de dados em pesquisas posteriores, mas principalmente, conte com o apoio de outros pesquisadores, que possam não só usufruir do material como também completá-lo, contribuindo na construção conjunta dessa rede.



A pesquisa também indicou outros temas pouco estudados no âmbito historiográfico da arquitetura e do urbanismo, instituições como ABCAR, mecanismos de extensão rural e crédito supervisionado para projetos habitacionais, ou a atuação da Economia Doméstica no ordenamento da casa, são alguns dos assuntos que merecem um estudo mais aprofundado.

Além disso, como analisado na pesquisa, três temas parecem despontar deste primeiro estudo acerca do curso em Viçosa. O primeiro é a relação entre o extensionista e o habitante rural, sendo a comunicação horizontal elemento chave para a propagação de ideais de forma mais efetiva. Sobressai-se nessa relação ainda a atuação da Igreja Católica, que se mostrou presente em mais de um momento da pesquisa. O papel da instituição dentro do contexto agrário parece ser um importante caminho para investigar as inflexões de viés mais progressista, que a levariam aos termos da teologia da libertação.

Uma segunda temática que permeia o curso é o debate em torno dos aspectos construtivos. A ideia de modernização através de novos materiais e técnicas muitas vezes acaba esbarrando nos fatores econômicos. O estudo de técnicas e materiais locais que buscam suprir as deficiências da casa rural

de maneira acessível são pontos cruciais nos trabalhos desenvolvidos pelo CINVA e pela ABCAR. A discussão em torno dos blocos de solo cimento e do tijolo de barro são emblemáticos para pensar como era tratado o tema. A utilização do maquinário CINVA-RAM no projeto do Clube 4S ainda permitiu a comparação entre o solo cimento e o método tradicional utilizado na Casa Experimental. Os documentos analisados apontam para um só sentido: a não generalização de soluções, ressaltando a necessidade de estudar cada localidade e seus respectivos fatores culturais e econômicos.

Por último, a figura da mulher parece ser central em torno do debate da casa rural, não só através da própria moradora, como também das economistas domésticas. Se por um lado o papel dessas profissionais parece reproduzir o discurso patriarcal da mulher como mãe, esposa e dona de casa, por outro lado a atuação durante o curso colocava a figura feminina em uma posição muito mais ativa no processo. Como analisado, a própria presença da mulher na Universidade já é uma questão a ser ressaltada e coloca essas profissionais em posição paradoxal, pois elas mesmas não representavam o discurso feminino que buscavam reproduzir. Ao contrário do que se pensou, a



atuação da moradora rural e das economistas domésticas durante o curso não se limitou a aspectos como decoração ou mobília, com as mulheres tomando papel de centralidade em debates acerca da produção de blocos, construção da casa, funcionalidade e materiais. A própria elaboração do projeto do Clube 4S, indica presença majoritária das mulheres.

O debate acerca da mulher no ambiente rural é ainda emblemático para pensar as diferentes perspectivas que a pesquisa busca confrontar. É impossível desconsiderar o contexto capitalista e patriarcal que abarca a atuação das economistas domésticas, mas também parece incoerente reduzir o papel dessas mulheres apenas à submissão ao sistema. É interessante pensar ainda, como um pequeno detalhe presente na Casa Experimental vai de encontro com essa figura passiva da mulher: o projeto da casa experimental abarca em seu programa quartos femininos com entradas exclusivas. Apesar de parecer banal, a solução intermediária encontrada de utilização de um corredor que dá acesso aos quartos dos pais e das filhas ao mesmo tempo, já é um grande avanço ao colocar uma questão tão tradicional em debate.

As relações entre CINVA e Brasil não se encerram com o curso

em Viçosa, assim como a parceria com a ABCAR no âmbito rural em solo brasileiro, o que é evidenciado na Missão 39. Pensar nos desdobramentos das temáticas levantadas para além do Curso de Viçosa é um caminho a ser seguido. A partir do evento em 1958, expande-se a atuação do próprio CINVA em solo latino-americano com a promoção de outras edições do CRR, bem como a introdução de outros temas como autoconstrução, ou planejamento de habitações urbanas. Nesse sentido, o CRR promovido em Pernambuco em 1965 e o Curso de Vivenda dentro do Contexto Urbano realizado no Rio de Janeiro em 1969, são objetos de estudos cruciais.

Por fim, esta pesquisa comprovou a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para o tema: neste trabalho não só foram utilizadas pesquisas no âmbito da arquitetura e do urbanismo, mas também trabalho de agrônomos, historiadores, assistentes sociais, dentre outros profissionais, que ajudaram a ter uma visão mais completa sobre a questão. Espera-se que o percurso da atuação do CINVA e do curso em Viçosa, tenha contribuído para assinalar a importância e a necessidade de retomar as abordagens do planejamento como ação multidisciplinar com vistas à integração territorial.



## Bibliografia

---

ALBANO, Josephina, FALS BORDA, Orlando, VAUTIER, Ernesto E. . Manual de investigación y extensión en vivienda rural. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958

ALBANO, Maria Josephina. El factor humano en los programas de rehabilitación de tugurios . Bogotá: CINVA, 1957

ALBANO, Maria Josephina; FALS BORDA, Orlando; VAUTIER, Ernesto. Manual de investigación y extensión em vivienda rural. Bogotá: CINVA, 1959

ARAVECCHIA BOTAS, Nilce Cristina . Ciudad Kennedy: política, urbanização e dependência em Bogotá. Anais.. São Paulo: FAUUSP, 2017.Disponível em:

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina . Técnica y política en la producción de la ciudad latinoamericana. A&P Continuidad, v. 6, n. 11, p. 70-81, 6 dic. 2019.

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina. Conexões Brasil- América Latina a partir do Centro Interamericano de Vivenda e Planejamento – CINVA. II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Natal, 18 a 21 de setembro de 2012



ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina; CARVALHO, Beatriz Barsoumian. Correspondências entre o Brasil e o CINVA: o Seminário de Funcionários e Técnicos em Planejamento Urbano e a Carta dos Andes. Anais do II Congresso Iberoamericano de História Urbana. Associação Iberoamericana de História Urbana. Cidade do México, 2019, pp. 1995-2005. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/ciec/pf-ciec/public-files/congresso/subpg/941/anais\\_iicihu\\_2019.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/ciec/pf-ciec/public-files/congresso/subpg/941/anais_iicihu_2019.pdf)

ARRIGONI, Jorge Luis. Compilación Bibliográfica: para el seminario de tecnicos y funcionarios en planeamiento urbano. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958

ATIQUE, Fernando. O debate sobre habitação nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos: 1920-1940. Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Salvador, 23-27 de maio de 2005.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, 2013, n. 11, pp. 89-117. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. (Acesso em 28/07/2021).

BONDUKI, Nabil; KOURY, Ana Paula. Das reformas de base ao BNH: as propostas do

Seminário de Habitação e Reforma Urbana. 2010. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3432>. (Acesso em 28/07/2021).

BRINGEL, Breno; MALDONADO, Emiliano. Pensamento Crítico Latino-Americano e Pesquisa Militante em Orlando Fals Borda: práxis, subversão e libertação. Revista Direito e Práxis. Rio de Janeiro, Vol. 07, nº13, 2016, p.389 -413

CÂNFORA, Elza. Economia doméstica e habitação rural. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960. p.133-136

CARVALHO, Beatriz Barsoumian. Diálogos entre Brasil e América Latina através do Seminário de Técnicos e Funcionários em Planejamento Urbano (Bogotá, 1958). Iniciação Científica, apoio CNPq. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2018

CAVALCANTI BEZERRA, Uchôa Daniel. Uma experiência de habitação rural no Nordeste. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira



de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960 p.105-118

CERDA ANTUNEZ, Enrique. Casa campesina de suelo cemento. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1957

COSTA CONCEIÇÃO, Diamantina. As missões rurais e seus programas de habitação rural. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960. p. 95-100

Curso de Vivienda Rural en Brasil, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958

DIÈGUES JUNIOR, Manuel. Alguns aspectos sociais da habitação rural no Brasil. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960 p.63-64

DUPRAT, Augusto. A casa rural. In: Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960. p. 63-89

ERNESTO Vautier - Ficha individual. Com apoio do Programa IBERARCHIVOS-ADAI. Buenos Aires, CEDODAL, 2015. Disponível em: [https://issuu.com/cedodal/docs/ernesto\\_vautier-\\_ficha\\_individual](https://issuu.com/cedodal/docs/ernesto_vautier-_ficha_individual). (Acesso em 28/07/2021).

Ernesto Vautier: un arquitecto con compromiso social. CEDODAL.: Argentina, 2005

Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961

FALS BORDA, Orlando. El Brasil: campesinos y vivienda. Imprenta Nacional. Bogotá, 1963

FARIA, Rodrigo de. O urbanismo e os urbanistas na história urbana brasileira: percursos e perguntas para pensar a história urbana na América Latina. São Carlos, Revista Risco, vol.4, número 2, dez., 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/127418>. (Acesso em 17/07/2021).



FELDMAN, Sarah. Entre o regional e o metropolitano: Pensamento Urbanístico e Metrópole no Brasil na década de 1950. São Paulo, Revista USP, número 102, junho/julho/agosto, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/97624/96487>. (Acesso em 17/07/2021).

FELDMAN, Sarah. O Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (Serphau) e a reconfiguração do campo profissional do urbanista. In: LEME, Maria Cristina da Silva (Org.). Urbanismo e política no Brasil dos anos 1960. São Paulo: Annablume, 2019

FERNANDES, Ana. Reforma Urbana no Brasil: inquietações e explorações acerca de sua construção enquanto campo e política. In: LEME, Maria Cristina da Silva (Org.). Urbanismo e política no Brasil dos anos 1960. São Paulo: Annablume, 2019

FLOREZ, Paula. La nueva mujer rural y las ecónomas domésticas del proyecto 39 de la OEA, 1951 -1956. Seminario Internacional, Profesionales, Expertos y Vanguardia. Rosário: junho 2018

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. São Paulo: Global Editora, 2003

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos. São Paulo: Global Editora, 2006

GIULIANI, PAOLA. “Os Movimentos de Trabalhadoras e a Sociedade Brasileira” In: DEL PRIORE, M (Org.) História das Mulheres no Brasil. Contexto, 1997

GONÇALVES, Daniele Leonor Moreira. Ser mulher, ser moderna, ser economista doméstica: representações do feminino na Escola Superior de Economia Doméstica de Viçosa (1952 a 1959). Tese (Mestrado em Educação Tecnológica). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, p.139, 2020

GORELIK, Adrián. A produção da “cidade latina- americana”. Tempo Social- Revista de Sociologia da USP, vol.17, n.1, 2005

Informe Final Seminário de Técnicos e Funcionarios en Planeamiento Urbano. Bogotá: CINVA, 1959

Informes del CINVA, 1958. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento. Bogotá, 1958

LEME, M. C. da S.; LAMPARELLI, C. A politização do Urbanismo no Brasil: a vertente católica. In: Anais do IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro. p.675-687, 2001.

MENDONÇA, Sônia Regina de. O patronato rural no Brasil Recente (1964 – 1993). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010

MILANEZ. Álvaro. Habitação Rural e Saneamento. Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960. p. 121-13-

MITEIRO JÚNIOR, Marco Antônio. Ação territorial de uma igreja católica radical: teologia da libertação, luta pela terra e a atuação da comissão Pastoral da Terra no Estado da Paraíba. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2008

MOTA NETO, João Colares da. Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016

MOTTA REZENDE, Vera Lúcia. Planejamento, gestão e obras na Guanabara: iniciativa e conflitos no Governo Carlos Lacerda. In: LEME, Maria Cristina da Silva (Org.). Urbanismo e política no Brasil dos anos 1960. São Paulo: Annablume, 2019

O Sistema Brasileiro Cooperativo de Extensão Rural. Associação Brasileira de Crédito e

Assistência Rural (ABCAR): Rio de Janeiro, 1963

OLIVEIRA, Pedro Cassiano Farias de. Extensão Rural e Interesses Patronais no Brasil: uma análise da Associação Brasileira de Crédito Rural - ABCAR (1948- 1974). Tese (Mestrado em História). Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, p.163, 2013

ORTIZ, Marielsa; BORJAS, Beatriz La Investigación Acción Participativa: aporte de Fals Borda a la educación popular. In: Espacio Abierto. Universidad del Zulia, Maracaibo, Venezuela. Vol. 17, núm. 4, out-dez, 2008, pp. 615-627.

PAEZ, Jorge Alberto Rivera. El CINVA: Um modelo de cooperación tecnica 1951 -1972. Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas da UNAL. Bogotá, 2002

PEÑA RODRIGUEZ, Martha Liliana. El Programa CINVA y la acción comunal. Revista Bitácora Urbano Territorial, vol. 12, núm. 1, enero-junio, 2008, pp. 185-192

PINHEIRO, Camila Fernandes. Estado, Extensão Rural e Economia Doméstica (1948- 1974). Tese (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, p.183, 2016.

PONTUAL, Virgínia. Louis Joseph Lebreton na América Latina: UM EXITOSO



LABORATÓRIO DE EXPERIÊNCIAS EM PLANEJAMENTO HUMANISTA. Rio de Janeiro: Letra Capital, Editora UFPE, 2016

Problemas de Habitação Rural: Palestras realizadas sob os auspícios do Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA) e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Serviço de Informação Agrícola: Rio de Janeiro, 1960

RESTREPO, Luis Fernando Acebebo. El Cinva y su entorno espacial y político. Mimesis, Bauru, v.24, nº1, p. 59-89, 2003.

RIBEIRO, Maria das Graças. Caubóis e Caipiras. Os land grant college e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. História da Educação. ASPHE/UFPEL: Pelotas, nº19, p 105-120, abril 2006

SANTOS NICOLAU, Nathalia dos. Clubes Agrícolas: Um projeto de educação, trabalho e cooperação para jovens rurais. Tese (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016

Siloe : el proceso de desarrollo comunal aplicado a um proyecto de rehabilitacion urbana / Centro Interamericano de Vivienda. Bogotá: CINVA, 1958

SILVA, I. L. R. Maria Josephina Rabello Albano. A intrépida desafiadora. Rio de Janeiro, Conselho Regional de Serviço Social, 2012.

SIMÃO, Fabio Luiz Rigueira. Ser mulher, “uma missão”: a escola superior de ciências domésticas, domesticidade, discurso e representações de gênero (1948-1992). 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

UNIÓN PANAMERICANA. Centro Interamericano de Vivenda y Planeamiento, 1952-1962. Washington: Unión Panamericana, 1962.

VAUTIER, Ernesto. Missão de assistência técnica direta ao Brasil (nº39). Informe Final. CINVA. Bogotá, 1959

WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da Nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. Revista eletrônica ANPHLAC, nº 14, p.9 - 36, janeiro/junho 2013

## Referências das Imagens

Fotos retiradas do Acervo Digital do Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: <http://atom.ufv.br/index.php/acervo-fotografico>

Fotos digitalizadas do documento Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961.

Banco de dados digital que reúne documentação do Fundo CINVA, da UNAL, do CEDODAL e da FAU-USP.

Intervenções realizadas pela autora.

Imagem da capa - Fachada leste da casa experimental proposta no Curso de Vivenda rural em Viçosa. Experiencias sobre Vivenda Rural en el Brasil. Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). Bogotá, 1961

Trabalho publicado em formato  
digital nas fontes Lato e Lato light



